

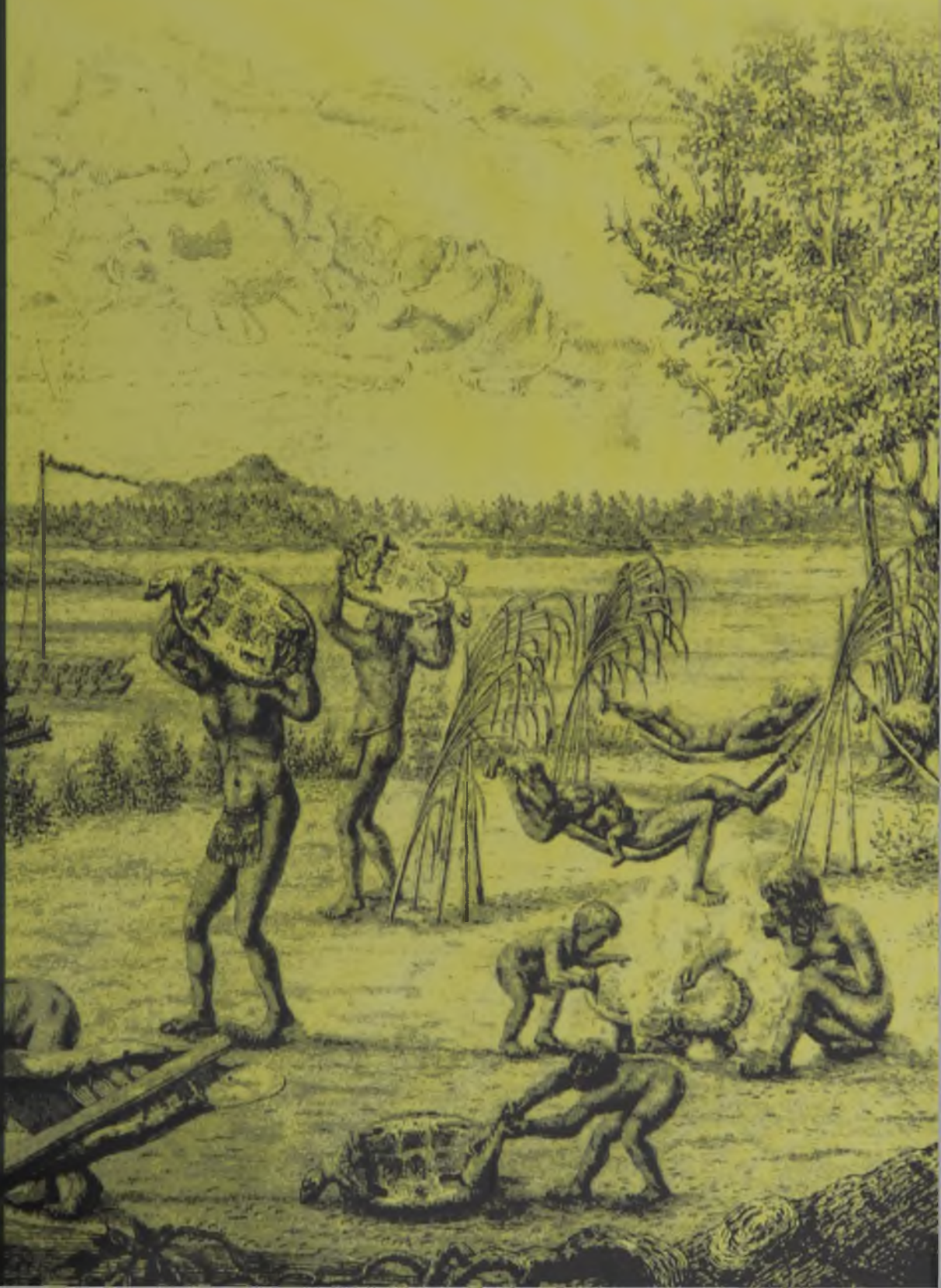
instrumentos de pesquisa

cadernos do iieb



DICIONÁRIO ETNO-HISTÓRICO DA AMAZÔNIA COLONIAL

ANTONIO PORRO



DICIONÁRIO ETNO-HISTÓRICO
DA AMAZÔNIA COLONIAL



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Suely Vilela
reitora
Franco Maria Lajolo
vice-reitor



INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
Ana Lúcia Duarte Lanna
diretora
Marta Rosa Amoroso
vice-diretora

Av. Prof. Mello Moraes, Trav. 8, n. 140
Cidade Universitária "Armando de Salles Oliveira"
05508-900 - São Paulo - SP - Brasil
Telefones: (011) 818.3227 - 818.3199
e.mail - difusao@ieb.usp.br

Antonio Porro

DICIONÁRIO ETNO-HISTÓRICO
DA AMAZÔNIA COLONIAL



2007

Imagem da capa. Alexandre Rodrigues Ferreira, *Viagem Filosófica*.
Iconografia, vol. II, prancha 56: Viração das tartarugas.

SUMÁRIO

Apresentação	5
Introdução	7
Mapa	entre 10 e 11
I — Povos e Territórios	11
II — Aldeias e Lugares	113
III — Chefes e Pajés	143
IV — Crenças e Divindades	153
V — Economia e Sociedade	167
Fontes primárias	185

APRESENTAÇÃO

O Instituto de Estudos Brasileiros, criado em 1962 pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda, tem como uma de suas atividades fundamentais enfrentar os desafios propostos pelo “enigma Brasil” parafraseando a expressão de seu ex-diretor e professor István Jancsó. A realização deste desafio consolida-se na permanente atividade de pesquisa dos docentes, pesquisadores e especialistas do IEB que, via de regra, partem do excepcional e diversificado acervo sob a guarda do Instituto para a concretização de seus projetos. Mais de cinquenta títulos foram publicados ao longo destas décadas, e vários deles transformaram-se em referências obrigatórias para os estudos brasileiros.

Além destas publicações, o IEB edita desde 1967 a Revista do Instituto de Estudos Brasileiros cuja retomada em 2006 é agora complementada com a publicação deste quinto volume da série Cadernos do IEB – instrumentos de pesquisa, indicando o vigor acadêmico do Instituto.

A série Cadernos do IEB, iniciada em 1997, propõe-se a divulgar a produção institucional do Instituto de Estudos Brasileiros resultante de projetos e pesquisas desenvolvidos por seus docentes e pesquisadores. A edição de catálogos, índices e bibliografias, visa difundir o conhecimento de fontes importantes para a elaboração de estudos brasileiros. A publicação deste Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial dá continuidade aos objetivos e propósitos que levaram à edição dos quatro outros títulos que integram esta série.

Este Dicionário é resultado da excepcional trajetória de pesquisa de seu autor. Seu formato foi desenvolvido no âmbito do programa de pós-doutoramento do IEB entre 2004 e 2006. Sua publicação, além da relevância do conteúdo, marca mais uma etapa da reafirmação do compromisso do IEB com a produção e difusão do conhecimento, sempre em perspectiva multidisciplinar, sobre a sociedade brasileira.

Ana Lúcia Duarte Lanna

INTRODUÇÃO

Este pequeno dicionário, com todas as limitações que aqui serão assinaladas, espera vir ao encontro de uma demanda que já se faz sentir há anos, resultante do crescente interesse, não só nos meios acadêmicos e não só em nosso país, pela história indígena ou etno-história.

Na Mesoamérica e nos Andes centrais, a ocupação colonial incorporou sociedades complexas que, pela escrita e por outros meios, preservavam suas tradições históricas e míticas. Consumada a conquista, muitas daquelas tradições foram vertidas ao nosso alfabeto por cronistas nativos e europeus. Histórias locais de comunidades indígenas continuaram a ser redigidas e atualizadas até o século XIX, servindo inclusive para legitimar a restauração de antigos direitos fundiários. Em certas regiões elas estão sendo escritas até hoje.

No Brasil e demais países da América, assim como em grande parte da África e da Oceania, a ausência de registros nativos que atendessem aos requisitos da historiografia tradicional fez com que, na própria literatura antropológica, uma aparente atemporalidade e ausência de suceder histórico permitissem que até os anos 70 do século XX, se falasse em sociedades *frias* ou *sem história*. Esta concepção já não se sustenta. Com graus variáveis de recuperação da auto-estima e da consciência étnica, graças especialmente a condições políticas e ideológicas mais favoráveis, diversos grupos indígenas estão redescobrendo e vocalizando conhecimentos, memórias e tradições que antropólogos e historiadores estão agora mais motivados e preparados a entender e interpretar. Começam então a ser conhecidos capítulos esparsos de uma história oral, que embora situando-se por vezes numa escala temporal presumivelmente reduzida, têm dado legitimidade e sentido à busca das raízes históricas de diferentes etnias.

A etno-história de que trata este *Dicionário*, por outro lado, remete a uma escala temporal de maior profundidade: os trezentos anos do período colonial que se encerram na década de 1820. Devido à

natureza das arcaicas relações humanas na Amazônia (que iriam, em parte, se prolongar até o século XX), marcadas à época por exclusão social, imposição de novos padrões de comportamento e colocação de obstáculos, até por parte de missionários, à alfabetização da população indígena e ao registro de suas próprias tradições, não se tratará, aqui, de uma história narrada *pelos* índios, mas de notícias *sobre* os índios deixadas por informantes brancos. Muito embora a população indígena tenha sido dizimada pelos efeitos da colonização antiga e recente, a sua herança genética e, até certo ponto, cultural, estão presentes numa parcela expressiva da população amazônica atual. É de se esperar, portanto, que a informação proporcionada por este *Dicionário* ultrapasse o ambiente acadêmico em que foi gerada e alcance aqueles que são os seus mais legítimos herdeiros.

* * *

A referência genérica que acima se fez a *índios* não é casual, mas ditada pela ausência quase absoluta, nas fontes da época, de dados que permitam adotar uma qualificação mais precisa para os grupos sociais de que tratam e que na linguagem corrente chamaríamos *tribos*. As fontes mais antigas (*ca.* 1540-1640) referem-se amiúde a *províncias* e *senhorios* amazônicos, termos de matriz românico-medieval que haviam-se justificado no mundo andino, de onde, aliás, procediam as primeiras explorações amazônicas. Sem entrar no mérito da questão, ainda objeto de debate entre os especialistas, de uma provável maior complexidade sócio-política na Amazônia que os primeiros exploradores encontraram, bastará lembrar, aqui, que no decorrer do século XVII aqueles termos foram abandonados pelos cronistas luso-brasileiros em favor das categorias menos pretensiosas de *nações* e *gentios* (Porro 1993; 1996). Uma vez que o referido silêncio das fontes sobre o assunto não permite, no atual estágio dos conhecimentos, esclarecer se a grande maioria dos etnônimos registrados neste *Dicionário* se refere a tribos, sub-tribos, sipes ou mesmo grupos locais, optou-se por evitar tais qualificativos, salvo quando o termo *tribo* é abonado pela literatura etnográfica mais recente.

Em termos geográficos, a Amazônia aqui considerada corresponde ao território que, na última fase do período colonial (1772-1823), as autoridades civís e militares, os religiosos e os comerciantes luso-brasileiros, com todas as incertezas inerentes a regiões ainda em processo de exploração, entendiam constituir o Estado do Grão Pará e Rio Negro. Isto corresponde hoje, com alguma aproximação, a grande

parte dos Estados de Amazonas e Pará (excetuados os seus extremos norte e sul) e às porções leste de Roraima e sul do Amapá, ou quase tres milhões de quilômetros quadrados. Muito menos, na verdade, se considerarmos que os territórios conhecidos ou sobre os quais havia notícias, limitavam-se então a pouco mais do que as margens dos rios habitualmente navegados, enquanto grande parte dos interflúvios permanecia terra incógnita.

Sobre este território as fontes arrolam cerca de 600 etnônimos, que com suas variantes gráficas e acompanhados de uma sùmula da respectiva informação histórica e geográfica, constituem a primeira e principal parte do *Dicionário*, “Povos e Territórios” Nela não foi incluído um pequeno número de etnônimos para os quais as fontes não fornecem nenhuma indicação geográfica. Como termos de comparação, em 1768 o *Roteiro* de Noronha mencionava, para a mesma área, pouco mais de 200 *nações* e em 1852 o *Dicionário* de Silva Araújo e Amazonas dava um número semelhante somente na Comarca do Alto Amazonas (grosso modo os atuais Estados de Amazonas e Roraima). Em 1944 o *Mapa Etno-histórico* de Nimuendaju (ed. 1981) arrolou, para a área coberta por este *Dicionário*, cerca de 240 *tribos*, entre sobreviventes e extintas, com existência documentada desde o período colonial. Finalmente, em 1985, o mapa do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) só registrava na mesma área cerca de 120 *povos indígenas*, não computados os *índios desaldeados*.

Uma vez que toda observação etnográfica deve ser referida a um determinado momento histórico, a informação contida em cada verbete é sempre acompanhada da respectiva data e autoria. Isto não significa, contudo, que se faça qualquer restrição à sua eventual vigência, de resto provável, em tempos anteriores ou posteriores. Para a grafia dos etnônimos foi adotada, de preferência à forma encontrada nas fontes, amiúde imprecisa, a mais usual nos registros históricos e etnográficos posteriores (não necessariamente a preferida pelos linguistas), no singular, e consignando entre parênteses as principais variantes encontradas. Sempre que possível, foi também registrada a forma adotada por Nimuendaju (N) :

NHEENGAIBA (Ingahiba, Engaiba) N: Ingahyba

Além da localização original e dos eventuais deslocamentos territoriais de cada grupo, foram também anotadas as vilas e povoados coloniais para os quais eles, ou contingentes seus, foram *descidos*.

Esta última informação encontra-se também cruzada na segunda parte, “Aldeias e Lugares”, na qual, todavia, ela não deve ser considerada exaustiva, indicando quando muito os principais contingentes indígenas que deram origem à população de cada vila e cidade amazônica. Também foram registradas na primeira parte, sem pretensões enciclopédicas, algumas características culturais tidas pelas fontes, ou identificáveis, como distintivos étnicos de certos grupos: tatuagens, adereços, forma das cabanas e aldeias, itens de artesanato e de comércio.

A terceira parte, “Chefes e Pajés”, arrola os (poucos) nomes de indivíduos, raramente alçáveis à condição de personalidades históricas, mencionados pelas fontes. O fato de que, em trezentos anos de convivência com centenas de tribos, menos de quarenta pessoas tenham merecido o registro de seus nomes e em geral por razões banais, ilustra bem a insignificância, para o branco, do índio enquanto ser humano. Em meados do século XVIII o próprio João Daniel, missionário e bom conhecedor da Amazônia, dizia que os índios “só pelas feições parecem gente, [mas] no viver e trabalhar se devem entender por feras”.

Na quarta e quinta partes, “Crenças e Divindades” e “Economia e Sociedade”, foram organizadas por temas, respectivamente, as informações sobre mitologia e religião e sobre cultura material e organização sócio-política. Nesses temas conceituais optou-se, de preferência, por citar literalmente as fontes primárias, sempre em *itálicos*, tipos usados também, nas demais seções, sempre que se quis dar destaque a termos significativos ou insólitos.

REFERÊNCIAS

- Conselho Indigenista Missionário — CIMI — *Povos indígenas no Brasil e presença missionária* (Mapa). s.l., 1985
- João Daniel — v. Fontes primárias.
- Nimuendaju, Curt — *Mapa Etno-Histórico* (1944). Rio de Janeiro, IBGE, 1981.
- Noronha, José Monteiro de — v. Fontes primárias.
- Porro, Antonio — *As crônicas do rio Amazonas*. Petrópolis, Vozes, 1993
- Porro, Antonio — *O povo das águas*. Petrópolis, Vozes/São Paulo, EDUSP, 1996.
- Silva Araujo e Amazonas, Lourenço da — *Diccionario topographico, historico, descriptivo da Comarca do Alto-Amazonas*. Recife, Meira Henriques, 1852. Ed. fac-similar, Manaus, (Associação Comercial do Amazonas), 1984.

I — POVOS E TERRITÓRIOS

A

ABACAXÍ (Abacati, Auacachi)

N: Auacachí

Em 1639 são mencionados no baixo r. Madeira (Acuña).

No último terço do séc. 17, também no rio que leva o seu nome (Bettendorff).

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira, sendo considerados *antigos Chichirinins* (Rodrigues).

Antes de 1719 já haviam sido catequizados precariamente a partir da missão de Tupinambarana (Carvalho).

Em meados do séc. 18 integravam a população de Itacoatiara.

(v. em II)

ABIARIÁ

São mencionados em 1714 no r. Guamuru (=Mamuru?), a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

ABUATURIÁ

São mencionados em 1714 no r. Andirá (Rodrigues).

ABUCAOANIÁ

São mencionados em 1714 no r. Mariacuá, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

ABUQUÁ (Abocoat)

São mencionados em 1714 no r. Andirá (Rodrigues).

ABUQUENO

v. Caboquena

ACARAIUARÁ (Acaioaniá, Acaiunia ?)

São mencionados (Acaioaniá, Acaiunia) em 1714 no r. Andirá e descidos para a aldeia jesuítica homônima (Rodrigues)

Em 1768 (Acaraiuará) estavam nos rs. Maués, Abacaxis e Canumã. (Noronha).

ACARAJÁ-PITANGA

Em 1768 viviam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

ACIPOIA

Em meados do séc. 18 são tidos como antropófagos e aliados dos Juruna, possivelmente no r. Xingu (João Daniel).

ACOATIATINGA

Em 1763 integravam a população de Portel (Queirós).

ÁGUA (1)

Em 1662 havia uma *província dos Águas* acima do r. Negro e abaixo dos Jurimagua, num trecho do r. Solimões chamado *as areias* devido aos bancos arenosos, o que sugere a região que vai de Codajás, rio abaixo até a foz do r. Purus e mesmo além desta; é onde Acuña havia situado o conjunto de nações conhecidas coletivamente como Carabuyana (v). Suas aldeias eram grandes e da mandioca não faziam farinha, mas beijus. O governo era *por famílias e principais* e o prestígio dos chefes era pelo sucesso na guerra (Heriarte).

v. também Omagua (1) e (2).

ÁGUA (2)

v. Omagua (2)

AGUAYNAÚ

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

AGUAYRA

Em 1639 são mencionados no r. Negro (Acuña).

AGURUJÁ

Em 1768 viviam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

AIGOBIRIÁ

São mencionados em 1714 no r. Maués (Rodrigues).

AISUARI (Achouari; Axuarizes; Carapuna)

N: Aiçuaire

Em 1650 Cruz deu este nome aos habitantes da região que no séc. 16 havia sido chamada Machiparo (v.), que Acuña, em 1639, chamara Curuzirari (v.) e que Heriarte, em 1662, chamaria Carapuna (v.). Tratava-se da marg. dir. do Solimões, desde acima do Tefé até o Coari.

Em 1689 os Aisuari haviam-se deslocado rio acima, ocupando as duas margens do Solimões, entre a foz do Juruá e a do Japurá; o seu idioma era diferente daquele dos Jurimagua ou *Solimões*. (Fritz).

Em 1703 Pimentel fundou entre eles a missão de S. José.

Por volta de 1720 parte deles estavam aldeados no sítio Curubitiba (na boca do lago Cupacá, acima do canal de Macuapanim) junto com um contingente de Juma ou Luma; neste aldeamento mataram o carmelita frei Antonio de Andrade e foram descidos para Tefé, onde em 1768 ainda havia alguns deles (Noronha).

AITOUARIÁ (Aitoria)

Em 1714 são mencionados no r. Maués (Rodrigues).

Em 1768 nos rs. Maués, Abacaxis e Canumã. (Noronha)

ALARUÁ

N: Alaruá

Em 1775 integravam a população de Alvarães (Sampaio).

AMAMATI

Em 1820 integravam a população de Manaus (Spix e Martius).

AMANAJÉ

N: Amanayé

Em 1768 viviam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

AMANAJU

N: Amanaju

Em 1762 viviam na marg. esq. do médio Tapajós, na região de Itaituba (Queirós).

AMANARIUÁ

Em 1788 são mencionados no r. Japurá (Ferreira).

AMARIPÁ (Amaribá)

N: Amariba

Em 1775 são mencionados entre os grupos já aldeados do r. Branco (Sampaio), e novamente em 1787 (Ferreira).

“AMAZONAS”

Em 1542 Carvajal chamou *país das Amazonas* o território que se estendia nas duas margens do r. Amazonas, desde o Nhamundá até abaixo do Tapajós. Não declarou o nome da nação, mas o seu chefe, *Couynco* ou *Quenyuc*, seria tributário de uma nação de mulheres que viviam de 4 a 7 jornadas pela terra adentro, não sendo claro se pelo Nhamundá ou Trombetas, ou pelo Tapajós. Concretamente foram vistos grandes povoados, tanto à beira do r. Amazonas como pela terra adentro, e um grande número de guerreiros com algumas mulheres em supostas posições de comando. A nação de mulheres não foi vista, mas relatada por um prisioneiro cuja descrição, pelas palavras de Carvajal, trai elementos culturais andinos que os espanhóis já conheciam. A *rainha* se chamaria *Coñori*, nome associável aos Conduri (v.) seiscentistas da bacia do r. Trombetas.

AMBUÁ

Em 1768 e em 1775 são mencionados na marg. dir. do r. Japurá e integravam as populações de Alvarães e Nogueira (Noronha; Sampaio).

AMORIÁ

Em 1714 integravam a aldeia jesuítica dos Andirás (Rodrigues).

“AMURIANOS”

v. Coniupuyara

ANAJÁ (Anaxiases)

N: Anajá

Em 1639, 1662 e 1698 são mencionados na ilha de Marajó e em outras da foz do Amazonas (Acuña; Heriarte; Bettendorff).

Em 1768 já estavam reduzidos (Noronha).

ANAMARI

Em 1639 são mencionados no r. Madeira (Acuña).

ANAS

Em 1775 são mencionados no r. Paduari, afl. da marg. esq. do Negro fronteiro a Tomar (Sampaio).

ANDIRÁ

N: Andirá (= Maué ?)

Em 1691 viviam no rio homônimo, ao sul da ilha Tupinambarana (Bettendorff).

Em 1714 integravam a aldeia jesuítica de Tupinambaranas (Rodrigues).

Em 1738, junto com os Curiató (v.), foram transferidos para a nova aldeia jesuítica de Tupinambaranas, na marg. esq. do baixo Tapajós, depois chamada Vila Boim (Maroni; Moraes).

ANDURA

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

ANEUGUAT

São mencionados em 1714 no r. Maués (Rodrigues).

ANHANGATININGA

N: Anhangatininga

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira, entre o território dos Iruri e o dos Onicoré (Rodrigues).

ANIANA

Viviam no r. Apaporis e em 1774 foram descidos para constituir a aldia de S. Matias (v. em II), no baixo Japurá, junto com os Yucuna (Sampaio).

ANIBÁ

N: Anibá

Em 1789 integravam a população de Silves (Braun).

ANICORÉ

v. Onicoré

ANIJUARIÁ

Em 1762 viviam na região do médio Tapajós (Queirós).

APACUITARA

Em 1662 são mencionados como vizinhos e sujeitos aos Tupinambarana da ilha homônima (Heriarte).

I APA

APAMA

N: Ápama

Em 1763 eram sujeitos às missões dos franciscanos da Piedade de Alenquer e de Monte Alegre (Queirós).

Em 1789 integravam a população de Almeirim (Braun).

APANARIÁ

São mencionados em 1714 no r. Maués (Rodrigues).

APANTO (Aponto; Apoto)

N: Apotó

Nação de língua Tupi mencionada em 1639 no r. Nhamundá, acima dos Conduri (Acuña).

APARIA

Um dos nomes com que as fontes quinhentistas se referem àquele que, no século 17, seria conhecido como o território dos Omagua (v.) do alto Amazonas. Carvajal dá alternadamente este nome a toda a *província*, a duas de suas aldeias e também ao seu *senhor principal*. A província começava rio acima, no médio r. Napo, com a aldeia de *Aparia Menor* (ou de *Aparia o menor?*) e terminava, a leste, na região de S. Paulo de Olivença, 80 léguas abaixo da aldeia de *Aparia Grande* (ou de *Aparia o grande?*), que ficaria em algum ponto entre as atuais Loreto e Tabatinga, e onde residia o senhor principal; ocupava as duas margens do rio (Carvajal).

v. também Carari e Manicuri, nesta seção, e Aparia em II e III.

APAUNUARIÁ

Em 1762 viviam nas proximidades do r. Arinos (Queirós).

APECUARIÁ

Em 1762 viviam no médio Tapajós (Queirós).

APENARÍ

Em 1768 são mencionados no r. Juruá (Noronha).

APERA

Em 1639 são mencionados ao sul da ilha Tupinambarana (Acuña).

APIACÁ

N: Apiaká

Em 1819 viviam ao sul dos Munduruku, no trecho encachoeirado

do médio Tapajós; não estavam aldeados, mas em contato regular com os brancos (Spix e Martius).

APICURICÚ

Em 1762 viviam nas proximidades do r. Arinos (Queirós).

APINAJÉ

N: Apinayé

Em 1768 viviam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

APONARIA

Em 1775 integravam a população de Itacoatiara (Sampaio).

ARAGUANAYNA

Em 1639, junto com outros grupos conhecidos coletivamente como Carabuyana (v.), viviam na bacia do r. Manacapuru (Acuña).

ARAGUARI (Araguazi) da foz do Amazonas

Em 1639 viviam na marg. esq. da foz do Amazonas (Teixeira).

ARAGUARI (Iaraguari) do médio Amazonas

Em 1718 começaram a ser descidos (de onde?) para a aldeia dos Abacaxis, pelo jesuíta João de Sampaio (P.Manuel de Seixas, em Leite).

ARAICÁ

Em 1768 integravam a população de Fonte Boa (Noronha).

ARAPAXÍS (Arapassus)

N: Arapaço-Tapuya

Em 1787 viviam no r. Uaupés (Ferreira).

ARAPIUM

N: Arapiyú

Em meados do séc. 18 estavam numa missão jesuítica do r. Tapajós (J.Daniel).

Em 1763 estavam sujeitos à missão dos franciscanos da Piedade de Óbidos (Queirós).

ARAQUIZ

v. Aruaque

ARARA do r. Madeira

N: Arára

Em 1697 um seu contingente foi descido das proximidades do r.

I ARA

Abacaxis para Gurupatuba, e dali para Guamá, pelos frades da Piedade (Bettendorff).

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira (Rodrigues).

Em 1768 são novamente mencionados no r. Madeira (Noronha).

ARARA do r. Uaupés

São mencionados em 1787 no r. Uaupés (Ferreira).

ARARUÁ

Em 1768 são mencionados na marg. esq. do r. Japurá (Noronha).

ARATU (Areretu?)

N: Aratú (?)

Em 1662 os Aratu eram vizinhos e sujeitos aos Tupinambarana (Heriarte).

Em 1714 os Areretu integravam a aldeia de Tupinambaranas (Rodrigues).

ARAUARI

N: Aráua (?)

Em 1768 são mencionados no r. Juruá (Noronha).

ARAUÍ

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

ARIINI

v. Ayriní

ARINA

Em 1787 são mencionados no r. Branco (Ferreira).

ARIPUANÃ (Cauaripuná)

N: Aripuanã

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira (Rodrigues).

Em 1768 viviam no r. Madeira (Noronha).

v. também Caripuna e Iruri.

ARIQUENA

Em 1763 integravam a população de Portel (Queirós).

Em 1775 integravam a população de Borba (Sampaio).

Em 1789 um grupo deste nome integrava a população de Colares, em Marajó (Braum).

ARIXAROI

São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

AROAQUI

v. Aruaque

AROA

Em 1662 são mencionados no r. Trombetas (Heriarte).

ARTURIARI

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).
v. também Atuai.

ARUÃ (Aruan; Aroan; Aru ?)

N: Aruã

Em 1662 e 1698 são mencionados na foz do Amazonas (Heriarte; Bettendorff).

Em 1719, como *Acuares, viviam no mais alto da ilha* [de Marajó], *em direção ao mar* (Carvalho).

Em 1768 já estavam reduzidos (Noronha).

Em 1789 integravam a população de Soure, Salvaterra, Colares e, como *Aru*, de Monte Alegre (Braun).

ARUAQUE (Aruacas; Aruaquizes; Aroaquis; Araquizes; Aneaqui)

N: Arauakí

São mencionados em 1639 na marg. esq. do médio Amazonas (Teixeira).

Em 1662, nessa mesma região fronteiriça à ilha Tupinambarana, havia *infinitas aldeias* espalhadas pela terra adentro; colhiam arroz silvestre nos lagos e comerciavam com tribos *dos lagos de Araguaris* (?), do Orinoco (talvez a ler-se *do Negro*) e do Madeira. Também plantavam milho e *alguma mandioca*. Tinham casas para ídolos, cerimônias iguais às dos Tapajó (v.) e feiticeiros que faziam augúrios (Heriarte).

Em 1665 tinham 96 aldeias no r. Urubu (dito *rio dos Aruaquizes*) e incluíam os Caboquena e os Guanavena (Bettendorff).

Desde 1669 integravam a população de Airão (S.A. Amazonas).

Em 1738 parte deles estavam reduzidos em Matari, na foz do r. homônimo, a um dia da foz do r. Urubu (Maroni).

Em 1768, das muitas nações do r. Urubu, eram os únicos sobre-

I ARU

viventes, ocupando também a marg. esq. do r. Negro abaixo da foz do r. Branco, o r. Uatumã e o r. Matari (Noronha).

Em 1775 ainda viviam nos rs. Anauene e Jauaperí (marg. esq. do Negro), onde praticavam a antropofagia; não faziam deformações corporais; integravam também a população de Silves (Sampaio), como desde antes a de Airão (Noronha).

Em 1787 viviam nos rios Jauaperí e Branco (Ferreira).

ARUAQUINA

N: Arauakí (?)

Em 1560 viviam na marg. dir. do Amazonas, abaixo de Óbidos e nas proximidades da foz do Tapajós. Não falavam língua Tupi, eram antropófagos e usavam flechas envenenadas. Em sua aldeia mais a montante, a *da enxárcia* (v. em II) havia adoratórios de madeira pintada com sinais de sacrifícios, possivelmente humanos. Tinham redes de dormir e *redes de caça*, muito milho, mandioca e inhame (Vasquez).

v. também Tapajó e Aruaque.

ARUNÁ

Em 1768 são mencionados no r. Juruá (Noronha).

ARUNIÉ

v. Ayriní

ASSAUINAUI

N: Assauinaui

Em 1775 são mencionados no r. Ixié (Sampaio).

ATUAI

Em 1639 são mencionados no r. Içá (Acuña).

v. também. Arturiais.

ATUARIÚ (Aturaiú; Aturahiz)

Em 1768 são mencionados (*Atuariú*) no r. Guanaú, afluyente do Branco (Noronha).

Em 1787 são mencionados (*Aturahiz*) no r. Branco (Ferreira).

AVUETERIÁ

São mencionados em 1714 no r. Andirá (Rodrigues).

AXINÁ

Em 1727 viviam no r. Camoó, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente, na realidade, o alto Mapuera (S.Manços).

AYRINÍ (Ariini; Arunié)

São mencionados no alto r. Negro, próximos e acima do Içana, já dispersos e descidos em 1768 para integrar a população de Curianá e de S.José de Marabitanas (Noronha; Ferreira; Braum).

AZERABARI (Baré ?)

Em 1639 são mencionados no r. Negro (Acuña).

B

BABOIS

v. Bobui

BAEUNA

N: Bahuana (?)

Em 1775 integravam a população de Silves (Sampaio).

BAIBIRÍ

Em 1768 são mencionados no r. Juruá (Noronha).

BANIWA (Baniba)

N: Baniwa

Em 1768 viviam nos rs. Içana e Ixié e parte deles havia sido descida para as povoações de Manaus, Lamalonga, S.Gabriel, Iparaná, N.S. da Guia e Mabé (Noronha).

Em 1787, além dos rios acima, são mencionados no Uaupés e integrando a população de Moreira e Sta. Isabel (Ferreira).

Em 1820 integravam a população de S.Marcelina, no alto r. Negro (Spix e Martius).

BARÉ (Bari)

N: Baré

Em 1763 havia alguns deles descidos em Almeirim (Queirós).

Em 1768 integravam a população de Manaus, Poiares, Barcelos, Moreira, Tomar, Lamalonga, S.Gabriel, Camundé, Camanau, Castanheiro e Curianá (Noronha).

Em 1775 também a de Imari, no Japurá, de Borba, Itacoatiara e Silves e eram tidos como originários da região que se estendia de Poiares (no r. Negro entre Barcelos e a foz do Branco) para sudoeste, até o Japurá (Sampaio).

Em 1789 havia contingentes deles também em Monte Alegre e Alenquer (Braun).

Em 1820 também em S.Marcelina, no alto r. Negro (Spix e Martius).

BAUARI

Em 1768 são mencionados no r. Juruá (Noronha).

BAYANA (Bayanaí)

Em 1768 integravam a população de Barcelos (Noronha).

Em 1787 a de Sta. Isabel (Ferreira).

BENEBOYANÁ

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

BOANARÍ

Em 1775 viviam no r. Uaupés (Sampaio).

BOBUI (Bubuizes; Babois)

N: Uaboy (?)

Em 1662 viviam nos rs. Trombetas e Maicuru (Heriarte).

Em 1738 um seu contingente estava aldeado em Surubiu (Maroni).

BÓCA

v. Combóca

BRADOCÁ

Em 1762 viviam na marg. esq. do baixo Tapajós, próximos aos Sapopé (Queirós).

v. Brauará (?)

BRAUARÁ

Em 1768 são mencionados ao sul da ilha Tupinambarana, nos rs. Maués, Abacaxis e Canumã (Noronha).

BUBUIZES

v. Bobui

BUGÉ

Em 1768 são mencionados no r. Juruá (Noronha).

BUIBAGUÁ

Em 1768 são mencionados no r. Juruá (Noronha).

I BUR

BURAI

Rm 1639 são mencionados ao sul da ilha Tupinambarana (Acuña).

BURENARI

Em 1768 e em 1787 são mencionados no r. Uaupés (Noronha; Ferreira).

C

CABAREIJO

Em 1727 viviam no r. Hetabú, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

CABOQUENA (Abuquenos)

N: Caboquena

Entre 1661 e 1691 viviam no r. Urubu; falavam dialeto Aruaque (v.) (Bettendorff).

CABURI

v. Cauauri

CABURICENA

v. Cauauri

CACATAPUIA

Em 1768 são mencionados na bacia do Japurá (Noronha).

CAGUARA (Caguana)

Em 1662 são mencionados no baixo Amazonas, entre Cameté e Gurupá, e também no r. Tapajós (Heriarte).

CAGUARAÚ

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

CAHUAYAPITI

Em 1639 são mencionados no r. Negro (Acuña).

CAIANÁ

Grupo aparentemente vizinho dos Tapajó, que por volta de 1742 ainda praticava culto dos antepassados (v. em IV) (P. Manuel Ferreira, em Leite).

CALANAMAI

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

CALCOUÓ

Em 1727 viviam no r. Coromuó, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

CAMARÁ

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

CAMARATERI

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do alto Madeira (Rodrigues).

CAMARÉ

Em 1727 viviam no r. Camoó, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

CAMBEBA (Campewa)

v. Omagua 2

CANAHAUHÓ

Em 1727 viviam no r. Camoó, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

CANAMARÍ

N: Kanamarí

Em 1768 são mencionados no r. Juruá (Noronha).

CANGA-PEVA

v. Omagua 2

CANICARU

Em 1768 é tida como a autodenominação das nações do baixo Tapajós, desde a foz até Vila Boim (Noronha).

Em 1819 o termo tinha o sentido de 'gente vestida, civilizada' e a ele se opunha o de *Ipiruara* (v. Yapiuara) (Spix e Martius).

CANIZUARI

Em 1639 são mencionados no r. Negro (Acuña).

CAPANA

São mencionados em 1714 na marg. esq. do baixo Madeira (Rodrigues).

CAPARANAO

Em 1727 viviam no r. Coromuó, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

CAPINA

Em 1662 viviam no alto Amazonas, junto a um lago grande e fundo de água preta da margem esquerda, adjacente ao território dos Omagua, *a quem pagam tributo de muita frecharia ervada* (Heriarte).

CAPIUREMATIA

Em 1714 integravam a aldeia jesuítica de Tupinambaranas (Rodrigues).

CAPUNA

Em 1763 são mencionados na região de Arapijó (Queirós).

CARABEANÁ

Em 1727 viviam no r. Kixauaú, afl. do *Trombetas* (possivelmente do Mapuera), abaixo do Urucurin; como os Cereu (v.), não usavam ferramentas e tinham hábitos diferentes dos demais povos da região (S.Manços).

CARABOCA

Em 1662 viviam no r. Maicuru (Heriarte).

CARABUYANA (Carabayana)

Em 1639 é registrada como denominação coletiva das nações que viviam na bacia do rio e lagos de Manacapuru e terras adjacentes, entre o baixo r. Negro e o Solimões. Usavam ferramentas européias que diziam receber, através de intermediários, dos holandeses da Guiana (Acuña).

I CAR

- v. também Água (1)
- v. também Tabapari em III.

CARAGUANA

Em 1639 viviam na bacia do Manacapuru, sendo uma das nações conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

CARAIAI

- v. Carayai

CARAJÁUÇÚ

N: Karayá

Em 1759 eram índios de corso; viviam no Tocantins e faziam incursões no Xingu para dar guerra aos Juruna (Moraes).

CARAPANARI

Em 1639 viviam no r. Negro (Acuña).

CARAPAYANA

Em 1714 são mencionados no r. Canumã (Rodrigues).

CARAPEUARA

N: Carapeuara

Em 1789 integravam a população de Almeirim (Braun).

CARAPI

Em 1775 e em 1787 são mencionados entre os grupos do r. Branco ainda não aldeados (Sampaio; Ferreira).

CARAPUNA

Em 1662 é o nome dado à *província* que ocupava a marg. dir. do Solimões acima e abaixo de Tefé (desde o Uarini até o Caiambé). Podem ser identificados com os Curuzirari (v.) de Acuña e os Aisuari (v.) de Cruz e com a Machiparo (v.) quinhentista. Apesar de viverem nas altas barrancas a salvo de enchentes, faziam as suas roças de milho *yabotim* nas ilhas fronteiriças. Cultivavam (ou só colhiam?) algodão, que forneciam a outras tribos, mas andavam nus e quando usavam *camisas sem mangas* as obtinham dos Omagua (Heriarte).

CARARI (Cararo)

Em 1560 Carari (v. em II) era a maior aldeia da *província* do alto

Amazonas que podemos identificar com a Omagua do séc. 17. O nome foi indevidamente estendido pelos cronistas de Ursua e Aguirre a toda a *provincia*. Nesta acepção é sinônimo de Aparia (v.) e Manicuri (v.), uma vez que nenhuma fonte quinhentista usa o termo Omagua para se referir a esta *provincia* (Altamirano; Vasquez; Zúñiga).

CARARY

Em 1768 são mencionados no r. Tapajós (Noronha).

CARAU

Em 1662 são mencionados no r. Xingu (Heriarte).

CARAYAI (Caraias, Carajahiz, Carayás) N: Carahiahy

Em 1738, ainda pagãos, viviam no médio r. Negro, quatro jornadas acima do r. Caures (Maroni).

Em 1768 dizia-se que haviam vivido anteriormente no r. Caures e que agora sobreviviam alguns entre aquele rio e o Unini, integrando outros a população de Moura (Noronha).

Em 1775 também integravam a de Silves (Sampaio).

Em 1787 haviam sido expulsos dos rs. Jaú e Anani pelos Mura e integravam a população de Moreira (Ferreira).

CARIBERI

Grupo da região Xingu-Tapajós que em 1819 integrava a população de Santarem e arredores (Spix e Martius).

CARIPUNA do r. Madeira N: Karipúna

Assim como Carapuna (v.), é denominação comum a diversas nações. Em 1639 havia Caripuná na marg. dir. do baixo Solimões (abaixo do Purus e acima de Manacapuru). Como os Zurina (v.) da mesma região, eram especialistas nos trabalhos em madeira (banquinhos zoomorfos, propulsores e ídolos), que forneciam a outras tribos (Acuña).

Em 1714 são mencionados Cauaripuna na marg. esq. do Madeira, acima da 6.^a cachoeira (Rodrigues).

v. também Aripuanã.

CARIPUNA do r. Branco (Karipuna) N: Caripuna

Em 1691 os Caripuna do r. Branco eram intermediários no co-

mércio dos *franceses* (holandeses?) da Guiana com os Tarumã do r. Negro (Fritz).

Em 1738 estariam extintos, mas o *rio dos Caripunas* (provavelmente a leste do alto r. Negro) era alcançado por mercadores Curiguaques e Ocoguaques do Caquetá e do Putumayo, que em troca de escravos iam buscar ferramentas europeias nos *holandeses* e com elas abasteciam *até os que vivem perto do rio Napo* (Maroni).

Por outro lado, em 1775 ainda existiam no r. Branco, onde eram chamados *Caribes*, e no r. Jauaperi, afluente do Negro abaixo do r. Branco (Sampaio).

Em 1787 um grupo deste nome vivia na marg. dir. do Jatapu (afluente do Uatumã), e outro em Marajó (Ferreira).

CARIPUNA = “civilizados”

O termo *Caripuna*, assim como *Caraiba*, também designava os europeus: em 1647, falando dos Omagua, Cruz dizia que *a maior parte deles, sabendo sermos espanhóis (que eles chamam Caripunas)* .; e mais adiante: *em busca dos portugueses (que os índios chamam Carayguas [Caraibas])* (Cruz).

CARNIS

Em meados do séc. 18 são mencionados em local incerto, possivelmente ao longo do Xingu; eram antropófagos e aliados dos Juruna (João Daniel).

CATAUIXI

N: Katawishi

Em 1768 viviam numa região de campinas ao longo do r. Coari, e também no r. Purus; alguns haviam sido descidos para as vilas de Alvelos (Coari) e Nogueira. (Noronha).

Em 1775 são mencionados no r. Juruá; têm manchas brancas na pele desde o nascimento, mas tidas como contagiosas (Sampaio).

Em 1788 viviam ao longo do r. Purus e eram identificados com os Purupuru (Ferreira).

Em 1820 integravam a população de Manaus (Spix e Martius).

CATUQUINA

N: Katukina

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

CAUÁNA (Cauaná)

Em 1768 são mencionados no r. Juruá, muito acima das cachoeiras; seriam anões de cinco palmos de altura (Noronha).

CAUARIPUNÁ

v. Aripuanã

CAUAURI (Cauauricena; Cauari; Caburi; Caburicena) N: Cauauri Nação do r. Caurés, afl. marg. dir. do r. Negro acima da foz do r. Branco. No final do séc. 17 eram os principais operadores de uma rota comercial que ligava as cabeceiras do r. Branco ao r. Solimões. Com os colares de conchas dos Jurimagua, compravam escravos no interflúvio Negro-Solimões e os forneciam aos Uaranacuacena (v.) do baixo r. Branco em troca de ferramentas holandesas que estes iam buscar no r. Tacutu (alto r. Branco) em troca dos mesmos escravos (Fritz).

Em 1768 eram dados como dispersos ou desaparecidos (Noronha). Em 1820 havia Cauari integrando a população de Manaus (Spix e Martius).

CAUAXÍ

Em 1768 são mencionados como antropófagos do r. Juruá (Noronha).

CAUIYARÍ

N: Kauyarí

Em 1768 viviam na marg. esq. do Japurá (Noronha).

Em 1775 integravam a população de Alvarães (Sampaio).

CAYANA

Em 1639 são mencionados no r. Madeira (Acuña).

CAYUISHANA (Cauishana, Cayuvicena, Cuyuoicina) N: Kayuishána

Em 1691 viviam na marg. esq. do Solimões, na altura do r. Tonantins: as *terras altas dos Cayuisanas* mais tarde conhecidas como *costa da Canaria* (Fritz).

Ao redor de 1730, depois de terem sido reunidos num povoado próximo ao r. Maturá pelo carmelita Matias Diniz, mataram o missionário e se dispersaram, sendo por isso castigados.

Em 1768 havia parte deles na marg. dir. do baixo Japurá e outros

I CEG

integravam a população de Amaturá, a antiga Castro de Avelãs (Noronha).

v. também. Pariana.

CEQUENA

Em 1787 viviam no r. Uaupés (Ferreira).

CEREU

Em 1727 viviam no r. Goayhini, afl. do *Trombetas* (possivelmente do Mapuera), abaixo do Urucurin; como os Carabeaná (v.), não usavam *ferramentas* e tinham hábitos diferentes dos demais povos da região (S.Manços).

CERICUMÀ

Em 1775 viviam no r. Jauaperi (marg. esq. do baixo r. Negro) (Sampaio).

CHAPERU

Em 1768 viviam no r. Mucajai, afl. do r. Branco (Noronha).

CHAPUENA

Em 1768 viviam no r. Ixié, afl. do alto r. Negro (Noronha).

CHAYAUITÁ

Em 1768 viviam no r. Javará (Noronha).

CHIAPOEINA

Em 1763 integravam a população de Portel (Queirós).

CHIBARÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

CHIMAANA

Em 1768 viviam no r. Javará (Noronha).

CHIRIIBA

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

CHITUÁ

Em 1768 viviam na marg. dir. do Japurá (Noronha).

COANI (Coanizes, Cuanis)

N: Coaní

Em 1662 são mencionados no r. Xingu (Heriarte).

Em 1698 viviam na marg. esq. do baixo Xingu, defronte à missão jesuítica de S. João que deu origem a Itacuruçá, depois Veiros (Bettendorff).

COCA

v. Uaru

COCUANA

v. Coeuana

COERETU

v. Kueretu

COERUNA

N: Koeruna

Em 1768 viviam na marg. esq. do Japurá e já integravam a população de Tefé (Noronha).

Em 1819 havia um contingente deles em Imari, no Japurá e integravam as populações de Manaus e Moura (Spix e Martius).

COEUANA (Cojanas, Cocuana)

N: Koewána

Em 1768 viviam no r. Uaupés e integravam a população de Moura e S. Joaquim do Coané (Noronha).

COJANA

v. Coeuana

COLINO

v. Culino

COMANI (Comandí) do médio Amazonas

N: Comani

Em 1714 integravam a aldeia jesuítica de Tupinambaranas (Rodrigues).

Antes de 1719 já haviam sido catequizados precariamente por aquela missão (Carvalho).

I COM

Em 1768 viviam nos rs. Maués, Abacaxis e Canumã (Noronha).
Em 1775 integravam a população de Silves (Sampaio).

COMANI do Amapá

Em 1718 começaram a ser descidos dos rs. Jari e Araguari pelo jesuita José Lopes (P. Manuel de Seixas, em Leite).

COMAU

Em 1639 são mencionados na marg. esq. do baixo Amazonas (Acuña).

COMBOCA (Bóca)

N: Camboca

Em 1639 são mencionados na foz do Amazonas (Acuña).

Em 1662 entre Cameté e Gurupá (Heriarte).

Em 1698 na ilha de Marajó (Bettendorff).

Em 1768 são tidos como os mais antigos componentes da população de Oeiras (a antiga Aldeia dos Bócas), no litoral paraense entre a foz do Araticu e a do Panaíva (Noronha).

CONAMANÁ (Conomoma)

Em 1639 são mencionados no r. Jutaí (Acuña).

Em 1775 ainda neste rio e integrando a população de Fonte Boa (Sampaio).

CONDURI

N: Condurí

Em 1639 habitavam a foz e o baixo curso do Nhamundá, que então levava o seu nome (Acuña).

Em 1650 continuavam lá, num *lugarejo de seis casas situado na boca de um rio mediano que chamavam dos Condurises e esse mesmo nome tinham os seus habitantes* (Cruz).

Em 1662 são adscritos ao r. Trombetas, em cujos lagos colhiam arroz silvestre de grãos avermelhados com que faziam bebida alcólica; seu comércio com outras tribos era de arroz e cerâmica; usavam mais mandioca que os Tapajó, mas o seu governo, ídolos e cerimônias eram semelhantes aos desses últimos (Heriarte).

Em 1691 viviam numa região de morros entre o Trombetas e a região de Óbidos (Fritz).

Em 1763 estavam sujeitos à missão dos franciscanos da Piedade de Óbidos (Queirós).

v. Coñori em III.

CONIUPUYARA

Em 1542, quando a expedição de Orellana ainda estava no alto Solimões, os Omagua da aldeia de Aparia Grande (v. em II) disseram ao capitão *que se fôssemos ver os Amurianos, que em sua língua chamam coniupuyara, que quer dizer grandes senhoras, que cuidássemos do que fazíamos, porque éramos poucos e elas muitas [e] que nos matariam* (Carvajal). *Amurianos* poderia ser má transcrição de *amazonas*. Conf. Métraux (1948:689), *coniupuyara* significa 'mulher' em guarani. v. também Amazonas e Conduri.

CONOMOMA

v. Conamaná

COPEGÉ

Em 1768 viviam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

CORETU

v. Kueretu

CORITANAHÓ

Em 1727 viviam no r. Ajubacabo, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

COTACARIANA

Em 1639 era uma das nações da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

CUANIS

v. Coani

CUATANFI

Em 1639 são mencionados no r. Purus (Acuña).

CUBEUANA

v. Cueuana

CUÇARI

Em 1768 viviam no r. Curuá (Noronha).

CUCHIGUARA (Cuxiuara)

N: Cuchiuara

Em 1639 viviam no baixo Purus, junto à foz (Acuña). O mesmo autor menciona outra (?) nação de mesmo nome no interior da marg. dir.do Amazonas, mas cerca de 500 km rio acima, na altura do Juruá.

Em 1690, ainda ocupando o baixo Purus, abandonaram a aldeia que tinham junto à foz, devido a um ataque de índios do r. Urubu (Fritz).

Em meados do séc. 18 haviam sido descidos para os núcleos coloniais e em 1768 integravam a população de Coari (Noronha).
v. também Purupuru.

CUDUIARI

Em 1787 viviam no r. Uaupés (Ferreira).

CUENACAN (Cuenacá)

Em 1787 viviam no r. Uaupés (Ferreira).

CUERERUI

Em 1787 viviam no r. Uaupés (Ferreira).

CUERETU

v. Kueretu

CUEUANA (Cubeuana)

Em 1768 e em 1787 viviam no r. Uaupés (Noronha; Ferreira).

CUIDARU (Cuidaruz)

Em 1768 são mencionados no r. Japurá (Noronha).

CULIMAN

v. Jurimagua

CULINO (Colino, Curinas)

N: Kulino

Em 1639 são mencionados como uma das tribos da marg. dir.

do Solimões, adjacentes ao território dos Omagua (v.), dos quais eram inimigos (Acuña).

Em 1768 viviam no r. Jandiatuba (Noronha).

Em 1775 ainda ocupavam esta região, desde o r. Acuruí (abaixo do Jandiatuba) até o r. Comatiá (acima daquele); eram ainda arredios e famosos como grandes corredores (Sampaio).

CUMARURUAYANA

Em 1639 são mencionados como uma das nações da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

CUMAYARI

Em 1639 são mencionados no r. Purus (Acuña).

CUMURAMÁ

Em 1775 integravam a população de Fonte Boa (Sampaio).

CUNA

Em 1639 são mencionados no r. Içá (Acuña).

CURACÍ

Em 1788 viviam no r. Japurá (Ferreira).

CURANARI

Em 1639 são mencionados no r. Madeira (Acuña).

CURANAÜ

N: Curanaue

Em 1768 são mencionados como já desaparecidos, tendo outra habitado os rs. Marauiá e Inabu, na marg. esq. do Negro, e antigos inimigos dos Manao (Noronha).

v. também Curuanari.

CURI

Em 1639 são mencionados como nação da terra firme entre o Solimões, o Japurá e o Auatí Paraná (Acuña).

CURIANÁ

Em 1768 são mencionados como habitantes de um riacho não

identificado, afl. da marg. dir. do alto r. Negro, entre S. Gabriel da Cachoeira e N.S. de Nazaré do Curianá. O nome pode não ter sido do grupo, mas de um seu principal (*um riacho em que habitou o principal Curianá*) (Noronha).

CURIATÓ (Curitiá)

N: Curiató

Em 1662 viviam no r. Trombetas e também na marg. dir. do Amazonas, onde eram vizinhos e sujeitos aos Tupinambarana (Heriarte).

Em 1691 são mencionados no interior da marg. dir. do Amazonas, entre a ilha Tupinambarana e o baixo Tapajós (Bettendorff). Em 1738, junto com os Andirá (v.), foram transferidos para a aldeia jesuítica de Tupinambaranas na marg. esq. do baixo Tapajós, depois rebatizada Vila Boim (Maroni, Morais).

Em 1763 estavam sujeitos à missão dos franciscanos da Piedade de Óbidos (Queirós).

Em 1768 ainda viviam nos rios que deságuam no paraná do Ramos, ao sul da ilha Tupinambarana (Noronha).

CURIBARY

Em 1759 viviam no r. Irirí, afl. marg. esq. do Xingu (Morais).

CURIGUERÉ

Em 1639 são mencionados no r. Purus (Acuña).

CURINA

v. Culino

CURITIÁ

v. Curiató

CURIUAÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

CURIUERÉ (Curiaré)

Em 1768 viviam no r. Curuá (Noronha).

Em 1819 integravam a população de Santarem e arredores (Spix e Martius).

CURUÁMIRIM

Em 1768 viviam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

CURUANARI

Em 1639 são mencionados como uma das nações da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

v. Curanau.

CURUAUAÇU

Em 1768 viviam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

CURUAXIÁ

Em 1775 integravam a população de Itacoatiara (Sampaio).

CURUBARE (Curibaris, Curuberis, Curiueré) N: Kuruáya (?)

Em 1690 tinham *umas vinte aldeias* entre o baixo Xingu e o Tapajós; eram de língua tupi e antes de 1698 se mostraram dispostos a ser atraídos para a região da aldeia dos Tapajó (Santarem), o que não chegou a acontecer (Bettendorff).

Poderiam ser os Kuruáya ou Curuaé que em meados do séc. 18 viveriam no r. Iri e seu afl. Curuá (Nimuendaju Mapa).

Em 1759 viviam no r. Iri (Morais).

Em 1768 viviam no Curuá, sendo originários do Xingu (Noronha).

CURUCIRARI

v. Curuzirari

CURUCURU

v. Purus

CURUPATABA

Em 1639 são mencionados no r. Negro (Acuña).

CURUPATUBA (Gurupatuba)

Em 1662 viviam no r. Maicuru (Heriarte), e deram origem à aldeia missionária que levava o seu nome, depois Monte Alegre.

I CUR

CURUPU

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira (Rodrigues).

CURUZIRARI (Curucirari)

N: Curacirari

Em 1639 viviam na marg. dir. do Solimões, entre o igarapé Uarini (100 km abaixo do Juruá) e o Coari (Acuña).

Este território corresponde à Machiparo (v.) dos autores quinhentistas e a partir de 1650, com Cruz, foram conhecidos como Aisuari (v.).

CUXIUARA

v. Cuchiguara

CUYARIYAYANA

Em 1639 são mencionados no r. Purus (Acuña).

CYRU

Em 1768 integravam a população de Nogueira (Noronha).

D

DACHIUARÁ

Em 1768 são mencionados no r. Juruá (Noronha).

DARAÉ

Etnia do médio r. Negro, situada a montante dos Manao. Após a derrota de Ajuricaba (v. em III), os Daraé e os Maiapena, ainda pagãos, resistiram aos portugueses. O seu último reduto foi o povoado de Caramari (Maroni).

DEMACURI

N: Demacuri

Em 1768 são mencionados no r. Curuduri, afl. marg. esq. do Negro, e também como já tendo desaparecido do r. Miuá, na mesma marg. (Noronha).

Em 1787 estavam no r. Cauaburis, também marg. esq. do Negro (Ferreira).

DESANA (Deçana)

N: Desána

Em 1768 são mencionados no r. Içana (Noronha).

Em 1775 no r. Uaupés (Sampaio).

E

ENGAIBA

v. Nheengaiba

EREPUNACA

Em 1639 são mencionados no r. Madeira (Acuña).

G

GEMIÁ

Em 1768 são mencionados no r. Juruá (Noronha).

GEPUÁ

Em 1768 são mencionados na marg. esq. do Japurá (Noronha).

GODUI

Em 1662 eram vizinhos e sujeitos aos Tupinambarana (Heriarte).

GOYANA (Gaanazi)

Em 1719 era nação *confinante com os Nheengaibas e estendendo-se pelo espaço de cinquenta léguas na grande ilha de Marajó, de modo que faz fronteira com os Acuares [Aruan?] que habitam no mais alto da ilha, em direção ao mar* (Carvalho).

GRAJACÁ

Em 1768 são mencionados na marg. esq. do Tocantins (Noronha).

GRAJUARÁ

Em 1768 são mencionados na marg. esq. do Tocantins (Noronha).

GRILHO (?)

Em 1789 integravam a população de Nogueira (Braum).

GUACARÁ

N: Guacara

Em 1639 seria uma nação do alto Nhamundá que mantinha contato com as Amazonas (Acuña).

GUAlAPE

Em 1662 são mencionados no r. Xingu (Heriarte).

GUAJARÁ

N: Guajará

Em 1768, na ilha de Marajó, já estavam reduzidos (Noronha).

I GUA

GUANAMA

Em 1639 são mencionados no r. Negro (Acuña).

GUANAPURIS

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

GUANAPU

Em 1662 ocupavam a região entre Cameté e Gurupá (Heriarte).

Em 1768 estavam no furo Pacajaí, que liga o Pacajá ao Guanapu ou Anapu (Noronha).

GUANARU

N: Guanarú

Em 1639 são mencionados no baixo Jutai (Acuña).

GUANAVERA

N: Guanavena

Em 1661-65 são mencionados como um grupo Aruaque do r. Urubu (Bettendorff).

v. Aruaque.

GUANIBI

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

GUAPINA

Em 1714 são mencionados no r. Canumã (Rodrigues).

GUAQUIARI

Em 1639 são mencionados no r. Purus (Acuña).

GUARACE

Em 1714 são mencionados na marg. esq. do Madeira, acima dos Capana e abaixo dos *Jaohen* (v. Jaquez) (Rodrigues).

GUARAICU (Guareicu, Uraicu, Waraiku)

N: Waraikú

Em 1639 são mencionados no baixo curso do r. Içá (Acuña).

Em 1650 na marg. dir. do Solimões, em terra firme adjacente aos Omagua (Cruz).

Em 1691 nesta mesma região, fronteira à foz do Içá (Fritz-Mapa).

Em 1696 o seu sítio principal é próximo à foz do Jutai e ainda são inféis (Fritz).

Em 1768 estão nos rs. Jutáí, Jandiatuba e Javari (Noronha).

Em 1775 no r. Jutáí (Sampaio).

GUARAJU

Em 1714 são mencionados nas duas margs. do alto Madeira (Rodrigues).

GUARANAGUA do r. Andirá (Guaranaguaca)

Em 1639, como Guaranaguaca, viviam ao sul da ilha Tupi-nambarana (Acuña).

Em 1714 são mencionados no r. Andirá (Rodrigues).

GUARAPIRANGA

Rm 1768 são mencionados no r. Tapajós (Noronha).

GUAREICU

v. Guaraicu

GUARIANACAGUA (= Uaranacuacena [v.] ?)

Em 1639 viviam no r. Negro (Acuña).

GUARIBA

Em 1775 estavam nas cabeceiras do r. Uaracá (marg. esq. do r. Negro) e antes disso viviam no r. Padauari, que desemboca no Negro defronte a Tomar, *hoje deserto* (Sampaio).

Havia também *Guariba-Tapuyas* (i.e. com cauda do macaco Guariba) ainda não aldeados no r. Branco (Sampaio).

GUARUARÁ

Em 1768 são mencionados no r. Curuá (Noronha).

Em 1819 integravam a população de Santarem e arredores (Spix e Martius).

GUATINUMA

Em 1639 viviam no r. Madeira (Acuña).

GUAUPÉ

v. Uaupé

GUAYACARI

Em 1639 viviam no r. Japurá (Acuña).

GUAYAPI

Em 1698 ou antes viviam no r. Pacajás, junto ao baixo Xingu (Bettendorff).

GUAYARI (Guajaris, Guayazi)

Em 1639 eram tidos como uma nação da terra firme que vivia ao sul da ilha Tupinambarana, constituída de índios anãos, conforme notícias dadas pelos Tupinambarana (Acuña).

Em 1691 sabia-se que tinham ocupado a ilha da Trindade, na foz do Madeira, depois do desaparecimento dos Tupinambarana (Fritz).

Em 1714 são mencionados na marg. esq. do baixo Madeira (Rodrigues).

Em 1738 a ilha da Trindade estava novamente despovoada (Maroni).

GUAYRABA

Em 1639 viviam na terra firme entre o Amazonas, o Japurá e o Auatí Paraná (Acuña).

GUAYUMA

Em 1787 viviam no r. Branco (Ferreira).

GUAYUPÉ (Uayupi, Uarupi)

Em 1700 eram vizinhos dos Ibanoma e, junto com esses, resistiram aos primeiros descimentos matando o missionário frei Francisco de S. Anastácio (Fritz).

Em 1768 sabia-se que antigamente haviam habitado os lagos que deságuam no canal de Codajás, e que tinham sido descidos para a primeira situação de Coari, em Paratari, e para Tefé e Nogueira (Noronha).

v. Manutá em II e Aurifaru em III.

GUIBANÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

GUIRINA

Em 1787 integravam a população de Tomar (Ferreira).

GURUPÁ

N: Urupá

Em meados do séc. 18 constituia uma população nômade do baixo ou médio Tapajós, descida durante algum tempo para as missões de S.José e Sto. Inácio, as quais depois desertaram; acabaram sendo dizimados pelos Jaguaim, seus inimigos (João Daniel).

H

HEÚO

Em 1727 viviam no r. Camoó, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

HEURÁO

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

HIAMACÓTO

v. Umaua

HIYANA

Em 1768 já haviam desaparecido do seu habitat, o r. Inabu à marg. esq. do Negro (Noronha).

HOALUXÁ

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

HOMAGA

v. Omagua 1

HUIRUNA

Em 1639 viviam no r. Japurá (Acuña).

HUMAUA

v. Xumana

HUREANÁ

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

I

LAGUAIM

v. Jaguaim

LAUTI

Gentio pertencente à *nação Pauasy*, uma de cujas taperas foi encontrada em 1781 no baixo Japurá (Wilckens).

IBANOMA (Ybanoma)

N: Ibanoma

Mencionados pela primeira vez em 1689, ocupavam as duas margs. do Solimões, abaixo do Japurá e do Tefé e até o Carapanatuba e o Catuá; em 1700 resistiram às primeiras tentativas de descimento matando o carmelita português frei Francisco de S.Anastácio (Fritz).
v. Guayupé.

IÇÁ

Em 1768 viviam no rio homônimo (Noronha).

IÇUAIOAT

São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

IEBRIE

Em 1787 integravam a população de Barcarena (Ferreira).

IGUANAE

v. Yaguanai

INGAIBA

v. Nheengaiba

IPIRUARA

v. Yapiruara

IRIJU

Originários do Purus, em 1768 estavam quase extintos depois de terem sido descidos para Itacoatiara e Coari; neste último sítio havia um contingente deles (Noronha).

IRURI (Irurizes, Ururis)

N: Iruri

Em 1689 era o nome coletivo de cinco grupos de língua não Tupi do r. Aripuanã e de outros afluentes mais meridionais da marg. dir. do Madeira: os que parecem ter sido os Iruri propriamente ditos, e mais os Onicoré, Aripuanã, Surury ou Torory e Paraparixana. Diziam-se descendentes de uma mulher que descera grávida do céu e tivera cinco filhos com aqueles nomes. Cada um desses grupos ocupava uma *aldeia grande*, conjunto formado por um povoado ou território maior habitado somente pelos próprios membros do grupo (os *principais*) e quatro ou cinco *roças* (aldeias ou territórios menores) habitadas por *vassalos*, que podem ter sido de outras etnias ou de linhagens hierarquicamente inferiores dos próprios Iruri. Cada um dos cinco grupos ou linhagens principais, aparentemente exogâmicos, tinha um chefe eletivo, mas não há notícia de um chefe supremo. Tinham rituais para receber visitantes, mesmo quando fossem parentes por aquisição. As suas mulheres não podiam encarar os estrangeiros (relato de frei Angelo Bonomi em Bettendorff).

v. também, em IV: Antepassada mítica.

Sacrifícios humanos.

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira (Rodrigues). Em 1768 eram tidos, junto com os Abacaxi, como os primeiros povoadores de Itacoatiara (Noronha).

Em 1789 integravam a população de Itacoatiara e Monte Alegre (Braum).

ITATAPUIA (Itatapiya)

Em 1768 viviam no r. Purus (Noronha).

ITIXINGOANIÃ

São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

IUANES

v. Joane

IUMA

v. Juma

IUPUÁ

v. Yupiuá

IURI

v. Juri

J

JACAREGUÁ (Jacaregoat)

N: Jacarégoá

Em 1714 são mencionados no r. Andirá (Rodrigues).

JACARETAPIYA

Em 1768 eram antropófagos do r. Tapajós (Noronha).

JACAREUARÁ

Em 1762 viviam na região do r. Arinos (Queirós).

JACIPOYA (Jacipuya)

Em 1759 viviam no r. Iriri e tinham tatuagem igual à dos Juruna (um risco largo da testa à boca) (Morais).

Em 1768 viviam no r. Curuá (Noronha).

Em 1819 integravam a população de Santarem (Spix e Martius).

JACU

Em 1662 viviam no r. Tocantins (Heriarte).

JAGUAIM (Iaguain, Yauain)

Antes de 1757 viviam no médio Tapajós, acima das primeiras cachoeiras, e haviam dizimado os Gurupá (v.) que desertavam as missões de S. José e St. Inácio; escarificavam o rosto com dentes de cotia formando desenhos (João Daniel).

Em 1768 continuavam no Tapajós; sua pintura facial era uma larga faixa preta da testa até o queixo (Noronha).

JAGUANAI

v. Yaguanai

JAGUARETU

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira, entre os Pama e os Abacaxi (Rodrigues).

JAMUNDÁ (Nhamundá, Ssamundá) N: Jamundá
Antes de 1698 são mencionados com este nome no r. Nhamundá (Bettendorff).

JANHAGOÃ
São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

JANUMÁ
Em 1775 integravam a população de Tefé (Sampaio).

JAPIUÁ
Em 1787 integravam a população de Moreira (Ferreira).

JAPUCUITABIJARA
Em 1714 integravam a aldeia jesuítica de Tupinambaranas (Rodrigues).

JAQUEI (Jaquezes, Iaoensi, Jaohen, Yauei ?) N: Yauei (?)
Em 1689 são mencionados como antropófagos do médio Madeira, vizinhos dos Iruri (Bettendorff).
Em 1714 são mencionados na marg. esq. do Madeira (Rodrigues).
Antes de 1719 viviam no r. Madeira (Carvalho).

JARICUNA N: Taulipang
Em 1787 viviam no r. Branco (Ferreira).

JARUAGUI
Em 1662 viviam entre a foz do r. Negro e a do r. Urubu (Heriarte).

JARUNA
Em 1787 integravam a população de Moreira (Ferreira).

JAUANÁ
Em 1775 integravam a população de Tefé (Sampaio).

JAUNA
Em 1650 viviam na marg. esq. do Solimões, na terra firme adjacente aos Omagua (Cruz).

JOANE (Iuanes, Sacacás, Sacarás) N: Joane = Sacáca ?
Mencionados na ilha de Marajó desde 1639 (Acuña) e 1662 (Heriarte).
Em 1668 são também chamados Sacacá (Bettendorff).
Em 1798, como Sacará, integravam a população da vila de Monforte, antiga Joanes (Braum).

JONI

Em 1768 estavam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

JUMA (Iuma)

N: Yuma

Em 1703 eram *indios de corso* antropófagos que atacavam os povoados Jurimagua entre o Jutai e o Juruá (Pimentel).
Em 1768 sabia-se que em outros tempos viviam no r. Coari e que com a chegada dos Mura se retiraram para o lago Tabanaó (que deságua na marg. esq. do Purus) e para o r. Iuma; integravam a população de Coari, Tefé, Nogueira e Moura (Noronha).
Em 1775 viviam também em Itacoatiara, mas ainda os havia de corso que atacavam Borba; haviam sido antigos inimigos dos Manao (Sampaio).

JUHI

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

JUPIUÁ

v. Yupiuá

JUQUI

Em 1775 integravam a população de Itacoatiara (Sampaio).

JURI (Iuri, Juri-Pixuna, Yurupixuna, Pexuna)

N: Yuri

Em 1768 são mencionados na marg. dir. do Japurá e no Içá (Noronha).
Em 1775 são descritos com tatuagem de malha preta ao redor da boca, com um risco até as orelhas, que eram furadas; costumes e língua são semelhantes aos dos Passé. Integravam a população de S.Paulo de Olivença (Noronha), Amaturá, Tefé e Nogueira (Sampaio).

Em 1787 também as de Sta. Isabel, Camundé, Camanau, Castanheiro e S.Gabriel. Faziam máscaras e túnicas curtas com a entrecasca de caxinduba. O nome lhes era dado pelos índios aldeados, por terem tatuagem ou pintura preta ao redor da boca. Viviam nos afluentes da margem direita do Japurá (Ferreira).

Em 1789 os havia em Fonte Boa e Sto. Antonio de Marapy ou Imari (Braun).

Em 1819, Juri-pixuna, significando 'caras-negras', era a designação geral dos Juri, Passé e Uainumá descidos principalmente do Japurá e integrados à população de Santarém (Spix e Martius).

Em 1820 integravam a população de Airão, Barcelos e Poiars (Spix e Martius).

JURIMAGUA (Yurimagua, Yoriman, Culiman, Solimões, Omagua)

N: Yurimagua

O primeiro informe sobre esta tribo é o de Carvajal (1542), que porém o chama *senhorio de Omagua*, fato que levou autores modernos a associá-los aos Omagua *históricos* que no século seguinte seriam encontrados muito mais a oeste, acima do Juruá. Os *Omagua* de Carvajal, verossimilmente Jurimagua, ocupavam a margem direita do Solimões, desde acima do Coari até quase o Purus. Na região de Codajás, um de seus *muitos e mui grandes povoados*, a chamada aldeia da Louça (v. em II), despertou a admiração dos viajantes pela cerâmica policrômica vitrificada de excelente qualidade. A língua falada era diferente do idioma omagua (do tronco Tupi) do qual Orellana teria aprendido rudimentos ainda no Equador (Carvajal).

No séc. 18 integravam, entre outras, as populações de Coari e Tefé.

JURUNA (Seruna) do r. Xingu

N: Yuruna

Em 1639 viviam nas duas margs. do baixo Xingu e usavam pintura facial em riscos cerrados; o nome *Serunas* significa *boca negra*; as mulheres acompanhavam os homens na guerra sem participar dos combates (Teixeira).

Ao redor de 1660 viviam num afluente do Xingu que parece ser o Pacajá; as mulheres fiavam algodão e os homens pintavam uma faixa roxa de quatro dedos de largura da testa até a boca; naquele ano foram descidos para as margens do Xingu (Bettendorff).

No começo do séc. 18 (?), Juruna descidos para a missão jesuítica *diziam haver, na sua província, mais serras do que na xinguana e que o restante do país está livre de matas e barrancos; que naqueles lugares não há mandioca, pão comum no Brasil e no Maranhão, mas que se alimentam de milho; não vivem eles em rocinhas ou pequenas aldeias, mas em arraiais bem grandes, de modo que daquilo que diziam do seu país era fácil concluir ser ele mais cultivado e mais civilizado*. (Carvalho).

Em 1759 tinham quatro aldeias pequenas em ilhas do Xingu, trinta léguas acima da foz; os *principais* tinham dois riscos finos da testa até a boca (Morais).

Em 1763 os havia na freguesia de Souzel (Queirós).

Em 1768 a sua presença no Xingu já era coisa do passado e viviam ainda no Curuá, afl. do Iriri (Noronha).

Em 1819 integravam a população de Porto de Mós e Santarem e havia *hordas errantes* deles entre o Tocantins e o Tapajós (Spix e Martius).

JURUNA do r. Içá

Em 1639 Acuña havia mencionado outros *Yurunas* no baixo curso do r. Içá.

K

KIAOLIAT

Em 1714 são mencionados no r. Andirá (Rodrigues).

KUERETU (Cueretu; Coretu)

N: Kueretu

Em 1768 viviam na marg. esq. do Japurá e alguns deles integravam a população de Tefé (Noronha).

Em 1787 tinham uma aldeia de 22 malocas circulares na marg. esq. do Apaporis (afl. do Japurá), acima da sua quarta cachoeira (Ferreira).

Em 1820 integravam as populações de Manaus e Airão (Spix e Martius)

KUPE-ROP

Em 1768 viviam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

M

MACACABO

Em 1727 viviam no r. Cabremen, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

MACAGUA

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

MACHIFARO (Machifalo)

v. Machiparo

MACHIPARO (Machifaro, Machifalo)

Em 1538-60 era uma *província* que ocupava a marg. dir. do Solimões, desde acima do Tefé até o Coari, identificável com os Curucirari ou Aisuari do séc. 17. Era densamente povoada e teria de 25 a 30 aldeias, tres delas localizáveis (v. Machiparo, Mocomoco e 'dos bergantins' em II). Carvajal diz que tinha 50.000 guerreiros entre os 30 e os 70 anos (*porque os moços não vão à guerra*). O número é provavelmente superestimado, mas outras passagens deste cronista e de Diogo Nunes indicam que os povoados poderiam ter alguns milhares de habitantes. As cabanas eram grandes e arredondadas, com cobertura de folhas de palmeira que se prolongava até o solo e providas de duas portas. Junto às aldeias havia milhares de tartarugas confinadas em caixas (viveiros) de varas grossas. Caminhos bons e largos saiam das aldeias para o interior e ao longo deles, a cada tres léguas, havia abrigos rodeados de roças destinadas ao suprimento das expedições comerciais. Machiparo exportava cerâmica e peixe seco (do qual em cada aldeia havia grandes quantidades armazenadas para esse fim) e recebia em troca, de algum lugar do interior, lâminas e pingentes de ouro. Os índios de Machiparo não usavam roupas; sua principal arma era o propulsor e praticavam a antropofagia (Nunes; Carvajal; Vasquez; Altamirano; Monguia; Zúñiga).

MACOREI

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

MACU (Maui)

N: Makú

Em 1768 viviam na marg. esq. do Japurá e nos rs. Ajuana, Uneiuxi, Urubaxi e Curicuriari, todos afl. marg. dir. do Negro; integravam a população de Castanheiro e Curianá (Noronha).

Em 1775 eram tidos como nomades que não cultivavam; viviam no Uaupés e integravam a população de Imari, no baixo Japurá (Sampaio).

Em 1781 viviam no lago Paranamoína (marg. esq. do médio Japurá) (Wilckens).

Em 1787 estavam dispersos pelo r. Uaupés e integravam a população de S. Isabel (Ferreira).

Em 1820 integravam a população de N.S. de Caldas (Spix e Martius).

MACUCOENA

Em 1775 viviam no r. Uaupés (Sampaio).

MACUNÁ

Em 1820 integravam a população de Manaus (Spix e Martius).

MACUXI

N: Macushí

Em 1768 viviam nos rs. Uraricuera e Parima (Noronha).

Em 1775 ainda não estavam aldeados (Sampaio).

Em 1787 viviam no r. Branco (Ferreira).

MADAUCÁ (Madauacá)

Em 1768 viviam no r. Curuduri (marg. esq. do r. Negro) (Noronha).

Em 1787 no r. Cauaburis (Ferreira).

MAGOYANÁ

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos *Trombetas* e *Mapuera* (S.Manços).

I MAG

MAGUA

v. Omagua 2

MAGUASES

v. Maué

MAHUA

v. Umaua

MAIAPENA (Mayapina)

N: Maiapena

Em 1738 era uma nação do médio r. Negro que, junto com os Daraé, havia resistido aos portugueses até a década de 1730 (Maroni).

Em 1768 estavam no r. Curicuriari (marg. dir. do Negro) (Noronha).

MAIORUNA (Mayuruna)

N: Mayoruna

Em 1650 era uma tribo da marg. dir. do Solimões, na terra firme adjacente aos Omagua (Cruz).

Em 1738 o seu território se estendia desde abaixo da foz do Napo até o r. Javari (Maroni).

Em 1768 viviam no Jandiatuba e no Javari. Tinham cabelo longo, mas raspado no alto da cabeça em coroa aberta. Perfuravam nariz, lábios e orelhas enfiando espinhos, penas e *chapinhas esféricas de certas conchas marítimas (sic) a que chamam os índios itan*. Eram antropófagos e praticavam a eutanásia com este fim (Noronha).

Em 1775 estavam no r. Acuruí, abaixo do Jandiatuba, e no Javari (Sampaio).

MAJANA

v. Mamaianas

MAKENU

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

MAKIGI

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos *Trombetas* e Mapuera (S.Manços).

MALIÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

MAMAIANA (Mayanas, Majanas, Mamainas) N: Mamayaná

Em 1639, 1662 e 1698 são mencionados na ilha de Marajó (Acuña, Heriarte, Bettendorff).

Em 1757 tinham sido aliados dos Nheengaibas e estavam ultimamente aldeados nas mesmas missões (João Daniel).

Em 1763 viviam na vila de Melgaço, para a qual tinham sido descidos, conf. Vieira, pouco antes de 1662, e também em Portel (Queirós).

Em 1768, na ilha de Marajó, já estavam reduzidos (Noronha).

Em 1789 integravam a população de Melgaço (Braun).

MAMANGÁ (Mamengá)

Em 1768 e 1787 viviam no r. Uaupés (Noronha; Ferreira).

MAMÍ

Em 1768 viviam no r. Madeira (Noronha).

MAMIN

Em 1763 viviam na região de Arapijó (Queirós).

MANACURU

Em 1639 são mencionados no r. Negro (Acuña).

MANAO

N: Manao

Em 1689, *são estes índios Manaves muito valentes e temidos pelos outros gentios vizinhos ... Sua arma é arco e flecha envenenada; não deixam crescer o cabelo, dizem, para não terem por onde ser agarrados nas pelejas; tingem a testa até as orelhas com uma resina preta semelhante ao bálsamo. Suas terras são à banda do norte [do Solimões], sobre um riacho chamado Yurubetss [Urubaxí], ao qual se chega pelo rio Yupurá. Saem ordinariamente no tempo da enchente porque então, pela muita água, esses dois rios se comunicam, de modo que podem, em canoa, sair do Yurubetss ao rio Yupurá. O comércio que esses Manaves têm com os Aizuares, Ibanomas e Yurimaguas são umas plaquetas de ouro, vermelhão [urucu ?], raladores de mandioca, redes de miriti, com outros ti-*

pos de cestinhos e tacapes que lavram curiosamente. O ouro eles não o extraem, mas vão resgatá-lo navegando do rio Yurubetsa ao rio Iquiari [o rio Negro]; e este é, entre os gentios, o rio mais famoso pelo ouro (Fritz).

Em 1763 havia deles em Portel, no baixo Amazonas (Queirós). Em 1768 eram tidos como antigos habitantes das duas margens do r. Negro e dos seus afluentes desde o Uarirá até o Chiuará, cuja boca é fronteira à ponta inferior da ilha Timoní. Tinham um dualismo religioso: *Mauari* (v. em IV), autor de todo bem e ... *Sarána* (*Sarauá* cf. Sampaio; v. em IV), autor de todo o mal. Mesmo após a sua redução, diz Noronha, continuou a predominar entre eles a sua língua, e não a da nação *Chapuena* como se persuadiu M. de Condamine na pag. 65 do seu *Diário*. Também, diz ele, teria errado La Condamine ao identificar os Manao com os Manaves de Fritz, que na realidade seriam outra nação, os Manauí. Integravam a população de Moura, Carvoeiro, Poiães, Barcelos, Moreira, Tomar, Airão e Lamalonga (Noronha).

Em 1775 eram tidos como antigos antropófagos e inimigos dos Carayai e dos Baré; seriam autóctones da região de Poiães e integravam também a população de Tefé (Sampaio).

Em 1789 integravam também a população de Nogueira (Braun).

Em 1820 a de N.S. de Caldas (Spix e Martius).

MANI

São mencionados em 1714 na marg. dir. do Madeira (Rodrigues).

MANIQUERA

N: Maniquera

São mencionados em 1714 no r. Guamuru (=Mamuru?), a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

MANICURI (Maricuri)

Em 1560 era o nome de uma aldeia do alto Solimões, indevidamente estendido pelos cronistas de Ursua e Aguirre a toda a *província*. Nesta segunda acepção seria equivalente a Carari (v.) e a Aparia (v.), uma vez que as fontes do séc. 16 não usam o etnônimo Omagua para esta província ou nação (Vasquez; Monguia).
v. Manicuri, Carari e Aparia em II.

MAPIARU

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

MAPOYANÁ

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

MAPUÁ (Mapuazes)

N: Mapuá

Em 1662 são mencionados na foz do Amazonas (Heriarte).

Em 1698 na ilha de Marajó (Bettendorff).

Em 1768 também, já reduzidos (Noronha).

MARABITANA

N: Marabitana

Em 1768 integravam a população de Mabé e de S.José de Marabitanas (Noronha).

Em 1787 havia representantes deles, já destribalizados, nos rios da fronteira do alto r. Negro (Ferreira).

Em 1820 integravam a população de S.Marcelina (Spix e Martius).

MARAGUA

São mencionados em 1714 no r. Guarinamã (entre os rs. Canumã e Maués) (Rodrigues).

v. também Maué.

MARAUÁ (Maruá, Mariaua ?)

Em 1768 eram antropófagos que viviam nos rs. Javari, Jandiatuba, Acuruí, Juruá e Jutai; integravam a população de Fonte Boa (Noronha).

Em 1775 também a de Alvarães (Sampaio).

Em 1781 havia uma tapera chamada Cauacá de índios *Mariaua* na marg. dir. do baixo Japurá (Wilckens).

Em 1819 parte deles integrava a população de Manaus e a de Santarem e arredores (Spix e Martius).

MARAUARU

Em 1789 integravam a população de Colares (Braun).

MARAUNA (Marauaná, Maraón ?)

N: Marauaná

Em 1662 estavam na região da foz do Amazonas (Heriarte).

I MAR

MARAUTU

Em 1662 viviam no r. Tapajós (Heriarte).

MARAYMUMA

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

MARIANA

N: Marawá (?)

Em 1639 são mencionados no r. Jutai (Acuña).

MARIAPAN

v. Mariases

MARIARANA

Em 1768 viviam na marg. esq. do baixo Japurá e no Uneiuxi, afl. do Negro; integravam a população de Nogueira e de Imari, no baixo Japurá (Noronha).

Em 1781 já haviam desertado o r. Amaioanioni e o lago Maiaucucui, no baixo Japurá (Wilckens).

Em 1789 integravam a população de Imari (Braum).

MARIARÓI

São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

MARIÁS (Mariapans)

Em 1662 viviam na foz do Amazonas e no Tocantins (Heriarte).

MARIAÚ

Em 1662 viviam no r. Maicuru (Heriarte).

MARICURI

v. Manicuri

MARIGUYANA

Em 1639 é mencionada como uma das nações da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

MARIRUA

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

MARIXANÁ

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

MARIXITÁ

Em 1762 viviam na região do r. Arinos (Queirós).

MARUÁ

v. Marauá

MARUNACU

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

MARUPÁ

Em 1768 viviam no r. Madeira (Noronha).

MASIPIA

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

MASUCARUANA

Em 1639 é mencionada como uma das nações da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (Acuña).

MATANAUI

Em 1768 viviam no r. Madeira (Noronha).

MATEUPU

São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

MATOCOXIMA

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

MATURUÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

MAUA

v. Umaua

MAUAYA (Mauá)

Em 1768 viviam na marg. esq. do r. Japurá (Noronha).

Em 1788 no r. Japurá (Ferreira).

MAUÉ (Maguazes, Maraguas, Maraguazes)

N: Maué

Em 1639 são mencionados (*Maraguas*) ao sul da ilha Tupinambarana (Acuña).

Em 1691 são mencionados como uma tribo do rio homônimo, ao sul da ilha Tupinambarana (Bettendorff).

Em 1714 são mencionados (Maraguaz) no r. Guarinamã (Rodrigues).

Em ca. 1757 os *Maraguás* viviam no r. Cumá e se distinguiam por tatuagem facial que consistia numa linha que unia a boca às orelhas e, abaixo dela, por motivos florais (João Daniel).

Em 1768 viviam no Tapajós (Noronha).

Em 1789 integravam a população de Monte Alegre (Braum).

MAUGUÁ

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

MAUHÁ

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

MAUÍ

v. Macu.

MAXACÁ

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

MAYANA

v. Mamaiana

MAYAUNU

Em 1718 começaram a ser descidos dos rs. Jari e Araguari pelo jesuita José Lopes (P. Manuel de Seixas, em Leite).

MELKI

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

MENDÓ

Em 1768 viviam no r. Ixié (Noronha).
Em 1787. idem (?) Ferreira.

MEPURI (Meforis)

N: Mepuri

Em 1768 viviam na marg. esq. do Japurá; integravam a população de Castanheiro e de Curianá (Noronha).

Em 1775 são referidos ao r. Mariá e outros afls. da marg. dir. do Negro abaixo do Uaupés; não tinham deformações corporais; a sua língua era semelhante a um dialeto dos Baré; integravam a população de Imari, no baixo Japurá (Sampaio).

Em 1781 já haviam desertado o r. Amaioanioni e o lago Maiauacucui, no baixo Japurá (Wilckens).

Em 1787 os havia em S. Gabriel da Cachoeira (Ferreira).

Em 1820 em N.S. de Caldas (Spix e Martius).

MEQUIRITARI

Em 1787 integravam a população de Sta. Isabel (Ferreira).

MIRÂNIA (Miranha, Miraya)

N: Miránya

Em 1768 viviam na marg. esq. do Japurá e no r. Içá (Noronha).

Em 1775 integravam a população de Alvarães (Sampaio).

Em 1788 viviam entre o rs. Içá e Japurá, principalmente no r. Carauini (Ferreira).

Em 1789 integravam a população de Fonte Boa e S.Paulo de Olivença (Braum).

Em 1819 parte deles integrava a população de Santarem e arredores, bem como as de Manaus e Airão (Spix e Martius).

MOACARANA

Em 1639 é mencionada como uma das nações da bacia do

I MOC

Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (Acuña).

MOCAIORIÁ

São mencionados em 1714 no r. Maués (Rodrigues).

MOCO-ON (Mocoões)

Em 1788 eram tidos como antigos moradores da ilha de Marajó (Ferreira).

MOGUIRIÁ

São mencionados em 1714 no r. Maués (Rodrigues).

MOKRIUTRÊ

São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

MONÇAÚ

São mencionados em 1714 no r. Maués e já integravam a aldeia jesuítica de Tupinambaranas (Rodrigues).

MOPITIRU

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

MORICIRU

São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

MORUA

N: Morua

Em 1639 são mencionados no r. Jutáí (Acuña).

MORULABOCA

Em 1727 viviam no r. Camoó, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

MOTUARÍ

Em 1762 viviam no médio Tapajós (Queirós).

MOYUANA (Mojuana ?)

Em 1763 integravam a população de Portel (Queirós).

MUCUNÁA (Mucunes)

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

Em 1788 também (Ferreira).

MUCURA

Em 1768 viviam na marg. esq. do Tocantins (Noronha).

MUEINÓ

Em 1787 viviam no r. Uaupés (Ferreira).

MUJUARIA

Em 1714 integravam a aldeia jesuítica de Tupinambaranas (Rodrigues).

MUNDURUKU (Muturicus)

N: Mundurukú

Em 1768 viviam nos rs. Maués, Abacaxis e Canumã (Noronha).

Em 1775 *os Muturicús, que de quatro anos a esta parte hostilizam as nossas povoações do rio Tapajós, trazem consigo as mulheres, as quais na ocasião do conflito lhes suministram as flechas, como se observou no combate que com aquela belicosíssima nação teve o ano passado o comandante da fortaleza daquele rio* (Sampaio).

Em 1819 habitavam toda a região de mata das duas margens do Tapajós, até as primeiras cachoeiras, e mantinham comércio regular com Santarem. Um de seus maiores assentamentos sob influência missionária era Canumã (Spix e Martius).

MUQUIRIÁ

Em 1762 viviam na região do r. Arinos (Queirós).

MURA (Muca ?)

N: Múra

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira (Rodrigues).

Em ca. 1757 essa tribo nômade percorria o interflúvio Madeira-Purus; tinha arcos de doze palmos que eram usados segurando a ponta inferior com o pé, apoiada no chão (João Daniel).

Em 1768 estavam no Madeira, abaixo da confluência do Yamari (Noronha).

I MUR

Em 1775 as suas flechas são descritas como tendo a ponta de taboca com quatro dedos de largura e um palmo e meio de comprimento, sem veneno (Sampaio).

Até a sua *pacificação* em 1784-86, *nem todos eles* [eram] *Muras por nascimento; antes com este nome e costumes andam entre eles disfarçados alguns (que são talvez os piores), os quais tendo sido nascidos e batizados nas nossas povoações, foram em pequenos cativados pelos verdadeiros Muras, que os educaram a seu modo* (Ferreira).

MURAÁT

São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

MURIUÁ

Em 1762 viviam na região do r. Arinos (Queirós).

MURAGUA

Em 1714 são mencionados no r. Canumã (Rodrigues).

MURUUÁ

Em 1768 viviam na marg. dir. do Japurá (Noronha).

MUTANI

Em 1639 são mencionados no r. Purus (Acuña).

MUTAYU

Em 1639 seria uma nação da terra firme ao sul da ilha Tupinambarana; segundo notícias dos Tupinambá ao P. Acuña, eram seus tributários, bons agricultores, especialistas na produção de machados de pedra e teriam os pés virados para trás (Acuña).

MUTURICU

v. Munduruku

N

NAMBIBARE

Em 1763 viviam na região de Arapijó (Queirós).

NAUCÚ

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

NAUNA

N: Nauna

Em 1639 são mencionados no r. Jutá (Acuña).

NECURIÁ

Em 1762 são mencionados na região do médio Tapajós (Queirós).

'NEGROS, Província dos'

Em 1542 era uma *província* do baixo Amazonas à qual os companheiros de Orellana deram este nome porque seus habitantes, *gente de grande estatura, como alemães ou maiores*, tinham a cabeça raspada e o corpo tingido de preto. A *província* ocupava a marg. esq., desde a região de Monte Alegre até, possivelmente, a do Paru. O seu *senhor* se chamava Arripuna (v. em III) (Carvajal).

NEUTUS

São mencionados em 1714 no r. Maués (Rodrigues).

NHAMUNDÁ

v. Jamundá

NHEENGAIBA (Ingahiba, Engaiba)

N: Ingahyba

Em 1639 são mencionados na foz do Amazonas (Acuña).

Em 1662 na ilha de Marajó e no continente entre Cameté e Gurupá (Heriarte).

I NUM

Em 1719, v. Goyana.

Em ca. 1757 dizia-se que às mulheres era proibido fazer uso da língua geral, que os homens falavam normalmente; *hoje apenas existem as suas relíquias nas missões de Guaricuru e Arucara* (João Daniel).

Em 1763 viviam na vila de Melgaço, para a qual, conf. Vieira, tinham sido descidos pouco antes de 1662 (Queirós).

Em 1768, na ilha de Marajó, já estavam reduzidos (Noronha).

Em 1789 integravam as populações de Melgaço e Ponte de Pedra (Braum).

NUMA

Em 1662 era uma nação da marg. esq. do médio Amazonas, fronteira à ilha Tupinambarana; não se confundiam com os *Araquizes* (v. Aruaque) com quem parecem ter compartilhado traços culturais (Heriarte).

O

OANAHAUHÓ

Em 1727 viviam no r. Camoó, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

OANTAS

Em 1714 são mencionados na marg. esq. do baixo Madeira (Rodrigues).

OANU

Em 1727 viviam no r. Ajubacabo, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

OCPIPORIÁ

São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

OJEMUNÁ

Em 1727 viviam no r. Ajubacabo, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

OMAGUA 1 (Homagua, Homaga, Omega, Oníguayal, Omaguci)

Em 1540-60 era uma *província* na marg. dir. do médio Solimões, entre o Coari e o Purus. Não deve ser confundida com os Omagua ou Cambeba que no século 17 viviam rio acima, entre o Napo e o Juruá e que no século 16, ao que tudo indica, haviam recebido outros nomes: Aparia, Carari, Manicuri (v.). Os *Omagua* quinhentistas seriam mais provavelmente os antepassados dos Jurimagua do século 17. Tinham *muitos e mui grandes povoados*, entre eles a chamada *Aldeia da Louça* (v. em II). O idioma falado por esses *Omagua* quinhentistas era diferente daquele falado em Aparia e portanto do Omagua de tronco Tupi historicamente conhecido (Carvajal).

OMAGUA 2 (Aguas, Maguas, Umaua, Canga-Pevas, Cambeba)

N: Omagua

A grande *província* de Aparia (v.) ou Carari do Amazonas peruano e do alto Solimões, que já impressionara os viajantes do séc. 16 pela boa disposição, denso povoamento e aparente civilidade de suas grandes aldeias, passou a ser conhecida, a partir da década de 1630, como *Omagua*. Essa tribo de língua Tupi ocupava então mais de 700 km de extensão ao longo do rio: desde a foz do Atacuary, 120 km acima de fronteira de Tabatinga, até a região de Fonte Boa, entre a foz do Jutaí e a do Juruá. Em 1639 era *a maior e mais dilatada província de quantas em todo esse grande rio encontramos, que é a dos Águas, chamados comumente Omaguas sucedendo-se suas povoações tão a miúde que tão logo perde-se de vista uma, já se descobre outra. Sua largura é, ao que parece, pouca, pois não passa da que tem o rio, em cujas ilhas, que são muitas e algumas mui grandes, têm [eles a] sua moradia* (Acuña). Pedro Teixeira, o comandante da expedição que ao regressar de Quito para Belem trouxe Acuña como observador, constatou que, a montante e a jusante das *quatrocentas, pouco mais ou menos*, aldeias do território omagua, as margens do rio estavam despovoadas por dezenas de quilômetros (Teixeira). Relatos posteriores indicam que se tratava de *buffer zones* mantidas pelos Omagua por meio de incursões e razias contra seus vizinhos.

Em 1662 confirma-se que *os Maguas, a quem vulgarmente chamamos Cambebas por terem as cabeças chatas senhoreiam os índios da terra firme por não terem [estes] canoas, ou que por não usarem delas não vêm às ilhas e assim [os Cambebas] se intitulam senhores daquele rio e senhoreiam [as] mais províncias dele* (Heriarte).

Em 1768 integravam a população de S. Paulo de Olivença e Castro de Avelãs (Noronha).

Em 1775 também a de Fonte Boa; teciam mantas de algodão que chamavam *tapeciranas*; eram inimigos dos Tukuna e dos Maioruna; faziam colares com dentes de inimigos decapitados (Sampaio).

OMAGUA-YETÉ

Um grupo Omagua que em 1542 vivia no alto rio Napo, no Equador (Pizarro).

OMANAO

v. Urumano

ONICORÉ (Unicoré, Anicoré)

N: Onicoré

Em 1690 era um dos cinco grupos de língua não Tupi do r. Madeira conhecidos coletivamente como Iruri (v.) (Bettendorff).

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira (Rodrigues).

Em 1775 integravam a população de Itacoatiara (Sampaio).

ONÍGUAYAL

v. Omagua I

OPPTIÁ

São mencionados em 1714 no r. Maués (Rodrigues).

ORABARÚ

Em 1727 viviam no r. Joruá, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

OREKEÁ

Em 1727 viviam no r. Ajubacabo, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

OREGUATU

Em 1639 são mencionados ao sul da ilha Tupinambarana (Acuña).

ORORUCUZ

Em 1662 viviam no baixo Tapajós e no Amazonas (Heriarte).

ORORUPIANA

Em 1639 era uma das nações da bacia do Manacapuru conhecidos coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

ORUMANAO

v. Urumano

ORUPÁ (Urupá)

Em ca. 1757 viviam no baixo Madeira; sua tatuagem era um risco ao redor da boca (João Daniel).

I OZU

Em 1768 viviam no r. Madeira (Noronha).

Em 1775 integravam a população de Borba e Itacoatiara (Sampaio).

OZUNA

Em 1639 são mencionados no r. Jutáí (Acuña).

P

PACAJÁ

N: Pakajá

Em 1639 são mencionados junto à foz do Amazonas (Acuña).

Em 1698, no rio homônimo (Bettendorff).

Em ca. 1757, ainda no rio homônimo; tinham a pele clara (João Daniel).

Em 1763, 1768 e 1798 muitos deles integravam a vila de Portel (Queirós, Noronha, Braum).

PACHIANA

Em 1768 estavam no r. Mucajá, afl. do Branco (Noronha).

PACURI

Em 1775 integravam a população de Silves (Sampaio).

PAICOENA (Paicuenos)

Em 1787 viviam no r. Uaupés (Ferreira).

PAGUANA

Em 1542 era uma *província* da marg. dir. do Solimões, acima e abaixo da foz do Purus e no baixo curso deste. Era densamente povoada e tinha muitas aldeias, entre elas a *dos bobos* e a *viciosa* (v. ambas em II). Das aldeias ribeirinhas saíam caminhos para o interior. Carvajal entendeu que o *senhor Paguana* vivia por aquele interior, onde teria *muitas ovelhas das do Peru* [i. e. lhamas] e *é mui rico de prata* (Carvajal; o nome Paguana ocorre somente na versão Medina). É possível que se tratasse dos Cuchiguara do baixo Purus ou dos Água dos autores seiscentistas.

Em 1639 era uma nação das margens do Tefé (Acuña).

PAIPAI

Em 1662 viviam no r. Tocantins (Heriarte).

PAIPUMÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

PAJULÁ

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

PAMA

N: Pama

Em 1714 são mencionados nas duas margs. do Madeira, abaixo dos Caripuna (Rodrigues).

Em 1768 viviam no r. Madeira (Noronha).

PANACUMUCU

Em 1768 viviam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

PANENUÁ (Pumenicás)

Em 1768 viviam no r. Uaupés (Noronha).

Em 1787 também (Ferreira).

PANO

Em 1768 viviam no r. Javari (Noronha).

PARAMORIÁ

São mencionados em 1714 no r. Maués (Rodrigues).

PARANACORÍ

Em 1727 viviam no r. Ajubacabo, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

v. Paranancari.

PARANANCARI

Em 1727 viviam no extremo norte do interflúvio Trombetas/Mapuera; recebiam *fazendas da mão do holandês para as distribuir e passar [trocar] por escravos por todas as nações que ficam pelos rios [que] desembocam no de Urucurin* (S.Manços).

v. Paranacori.

PARANCAXENA

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

PARAPARIXANA

N: Paranapixana

Em 1690 era um dos grupos do baixo Madeira conhecidos coletivamente como Iruri (v.) (Bettendorff).

PARAQUI

Em 1768 viviam no r. Uatumã (Noronha).

PARAU

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

PARAUANA (Parauás)

Em 1768 viviam no r. Uaranácuá ou Yuuari e integravam a população de Carvoeiro (Noronha).

Em 1787 também (Ferreira).

PARAUAMA

Em 1768 viviam na marg. dir. do Japurá (Noronha).

PARAVIANA (Paravilhana, Pauarauana)

N: Parauiana

Em 1768 viviam ao longo do r. Tacutu, formador do Branco (Noronha).

Em 1775 eram a mais importante tribo da bacia do r. Branco e integravam a população de Carvoeiro (Sampaio, que traduz alguns de seus termos astronômicos).

PARIANA

N: Pariana

Em 1639 são mencionados no r. Içá (Acuña).

Em 1701 os portugueses planejam *fazer fortaleza na boca do rio Putumayo [Içá] e tirar os Parianos* (Fritz).

Em 1768 estavam na marg. dir. do Japurá e no r. Tonantins, de onde naquele ano foram descidos para formar uma aldeia na foz do Içá; integraram a população de Amaturá (Noronha).

Em 1775 habitavam no Tonantins e a sua língua era muito semelhante à dos Cayuishana (v.); alguns foram descidos para vilas coloniais; eram bons agricultores e viviam em fartura (Sampaio).

Em 1781 havia Pariana no r. Juami (marg. dir. do médio Japurá) (Wilckens).

PARIQUÍ

N: Pariquí

Em 1775, recentemente descidos do r. Uatumã, integravam a população de Itacoatiara (Sampaio).

PARUCUATÓ

N: Parikotó

Em 1727 viviam ao longo do r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera, acima das primeiras cachoeiras, onde tinham *muito mais* de dez aldeias (S.Manços)

PASÉ

N: Pasé

Em 1768 viviam na marg. dir. do Japurá e no Içá (Noronha).

Em 1775, na mesma região, era tribo numerosa, com pintura ou tatuagem facial em forma de malha negra quadrangular que cobria a metade inferior do rosto, com dois riscos entre os olhos, do nariz à raiz dos cabelos. Furavam as orelhas e o lábio inferior. Faziam combates rituais entre os jovens para que os vencedores escolhessem a esposa. Enterravam os ossos dos mortos em talhas grandes e depois os mudavam para outras menores. Acreditavam num criador do universo e que as almas dos bons seriam premiadas e as dos máus castigadas tornando-se espíritos malévolos. Sabiam que o sol é fixo e que a terra se movimenta ao redor dele. Desse movimento resulta a correnteza dos rios, *a que chamam artérias da terra, e aos riachos veias*. O céu é dividido em parte superior e inferior, separadas por uma abóbada transparente e as estrelas são os raios do sol. Costumes e idiomas eram semelhantes aos dos Juri (v.) Integravam a população de Fonte Boa, S.Paulo de Olivença, Manaus, Poiares, Tomar, Coari, Tefé, Nogueira, Alvarães, Imari e Barcelos (Sampaio).

Em 1787-88 viviam no Japurá e integravam também a população de S.Isabel, Tomar, Castanheiro, Camundé e Camanau (Ferreira).

Em 1789 integravam a população de Curianá (Braum).

Em 1820 integravam as populações de Airão e Moreira (Spix e Martius).

PATARUANA

Em 1698 era uma nação originária da região ao sul da ilha Tupinambarana, entre o r. Maués e o baixo Tapajós e que depois de 1670 havia sido descida para a aldeia jesuítica de Tupinambarana (Bettendorff).

PATUÓ

Em 1727 viviam no r. Coromuó, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

PAUARAUANA

v. Paraviana

PAUASY

Nação do baixo Japurá, à qual pertencia um *gentio lauti* encontrado em 1781 por Wilkens.

PAURIANA

Em 1775 estavam aldeados no r. Branco (Sampaio).

PAUXI de Gurupá

N: Pauxí

Entre 1660 e 1698 viviam na região de Gurupá e baixo Xingu (Bettendorff).

PAUXI do Trombetas

Grupo ligado à formação do sítio e fortaleza no estreito homônimo, depois Óbidos.

PAXIANA (Pauxiana)

N: Paushiana

Em 1775 estavam aldeados no r. Branco (Sampaio).

Em 1787 também (Ferreira).

PAYABÁ

N: Payaua (?)

Em 1775 viviam no r. Içá (Sampaio).

PAYANÁ

Em 1775 integravam a população de Fonte Boa (Sampaio).

PENCORARIÁ

São mencionados em 1714 no r. Maués (Rodrigues).

PERAUGOARÚ

Em 1727 viviam no r. Cabo, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

PERIATI

Em 1768 viviam nas duas margs. do Japurá (Noronha).

PERICÔTO

Em 1787 viviam no r. Branco (Ferreira).

PERIDÁ

Em 1768 viviam na marg. dir. do Japurá (Noronha).

PERIQUITO (Piriquita)

São mencionados em 1714 no r. Maués (Rodrigues).

São mencionados (os mesmos ?) em 1762 no médio Tapajós (Queirós).

São mencionados (Piriquita) em 1768 nos rs. Tapajós e Matarí (Noronha).

PERITAUÁ

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

PICOTAS, Província de

Em 1542 os companheiros de Orellana deram esse nome a um trecho da marg. esq. do Amazonas que se estendia por 70 léguas abaixo da foz do Madeira (da região de Itacoatiara até provavelmente a posição fronteira a Parintins). O nome foi dado pela presença de estacas com cabeças-troféu em diversas aldeias. Uma dessas aldeias foi chamada *dos queimados* (v. em II). (Carvajal).

v. Aruaque e Numa, nesta seção, para a mesma região no séc. 17.

PIRÁ (Pirana)

Em 1639 são mencionados nos rs. Içá e Japurá (Acuña).

PIRAGOAT (= Pirahá ?)

N: Pirahá (?)

São mencionados em 1714 no r. Andirá (Rodrigues).

PIRAPOIGUAT

Em 1714 são mencionados no r. Andirá (Rodrigues).

PIRAUA

v. Pirá

PIRIRIÁ (Pyririá)

Em 1714 são mencionados no r. Andirá (Rodrigues).

PIXIPIXI

Em 1768 estavam já reduzidos na ilha de Marajó (Noronha).

PIXUNA

Em 1714 são mencionados no r. Canumã (Rodrigues).

POCHIGUARA (Potiguara ?)

Em 1768 muitos deles já haviam sido descidos do Tocantins junto com os Tupinambá, e com eles havia sido fundada Mortiguara, depois Vila do Conde (Noronha).

POCOANA

Em 1639 são mencionados como uma das nações da bacia do Manacapuru, conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

PONOUY

Em 1639 são mencionados ao sul da ilha Tupinambarana (Acuña).

POTIGUARA

v. Pochiguara

POYANA

Em 1768 viviam na marg. esq. do Japurá (Noronha).

PUETANA

Em 1768 viviam no r. Içana (Noronha).

PUMACAÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

PUMENICÁ

v. Panenuá

PUPLEDÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

PURAIÓANIA

Em 1714 integravam a aldeia jesuítica de Tupinambaranas (Rodrigues).

PURENUMÁ

Em 1768 viviam na marg. dir. do Japurá (Noronha).

PURERU

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira (Rodrigues).

PURUPURU (Purus, Curucurus)

N: Purupuru

Em 1639 são mencionados no rio Purus (Acuña).

Em 1714 são mencionados na marg. esq. do baixo Madeira (Rodrigues).

Em ca. 1757 não faziam farinha de mandioca, alimentando-se de frutos silvestres, inclusive cacau. Não usavam arco e flecha, mas propulsores (João Daniel).

Em 1763 integravam a população de Portel (Queirós).

Em 1775 sabia-se que o seu antigo nome era Cuchiuará; alguns ainda viviam em Coari. Praticavam o *jejum espiatório* (v. em IV) que os levava a desfalecer (Sampaio).

v. Cuchiguara

PURURU (Poru ?)

Em 1763 (*Porus*) integravam a população de Portel (Queirós).

Em 1768 (*Pururu*) viviam na marg. dir. do Tocantins (Noronha).

PURUS

v. Purupuru

PUXIRI

Em 1768 viviam nos rs. Urubu e Ajuana (Noronha).

Q

QUERERURI

Em 1768 viviam no r. Uaupés (Noronha).

QUERERUS

Em 1639 era uma das nações da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

QUIANA

Em 1768 viviam no r. Demeuene ou Demiui, afl. do Negro (Noronha).

QUIMAÚ

Em 1639 são mencionados ao sul da ilha Tupinambarana (Acuña).

QUINANA

Em 1789, já dispersos, viviam no r. Uaracá (marg. esq. do Negro) (Ferreira).

QUINARUPIANA

Em 1639 eram uma das nações da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

QUIUAO

Em 1787 viviam no r. Branco (Ferreira).

S

SACACÁ (Sacará)

v. Joane

SACONHAPÉ

v. Taconhapé

SACORIMATIÁ

São mencionados em 1714 no r. Mariacuã, a oeste do baixo Tapajós (Rodrigues).

SAINDAYUUI

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

SAPARÁ

N: Sapará

Em 1768 viviam nos rs. Catrimani, Eniueni, Aiarani e Camemé (marg. dir. do Branco) (Noronha).

Em 1775 estavam aldeados no Uraricuera e no Parima (marg. dir. do Branco) (Sampaio).

Em 1787. no r. Branco (Ferreira).

SAPIUM

Em 1714 são mencionados no r. Maués (Rodrigues).

SAPOPÉ (Sapupé)

N: Sapupé

São mencionados em 1714 no r. Maués e já integravam a aldeia jesuítica de Tupinambaranas (Rodrigues).

Em 1762 viviam na marg. esq. do Tapajós, na região de Itaituba (Queirós).

Em 1768 eram tidos como antropófagos e viviam nos rs. Tapajós, Abacaxís, Maués, Canumã e Matari (Noronha).

SARÁ

Em 1775 integravam a população de Itacoatiara (Sampaio).

SECURI (Sucuris)

Em 1775, ainda não aldeados, viviam no r. Branco (Sampaio).

Em 1787 no r. Branco (Ferreira).

SEDEUY

Em 1768 viviam no r. Uatumã (Noronha).

SEMICURIA

Em 1762 viviam no médio Tapajós (Queirós).

SEPURU (Xaperu)

Em 1775, ainda não aldeados, viviam no r. Branco (Sampaio).

“SERRANOS”

Em 1662 viviam no r. Maicuru, provavelmente nas cabeceiras (Heriarte).

SERUNA

v. Juruna

SIGUIYA

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

SOLIMÕES

v. Jurimagua

SSAMUNDÁS

v. Jamundá

SUARIRANA (Soarirana)

Em 1714 são mencionados no r. Maués (Rodrigues).

Em 1768 viviam no r. Tapajós (Noronha).

SUCURI

v. Securi

I SUR

SURINANA

Em 1762 viviam no médio Tapajós (Queirós).

SURRIDIA

Em 1714 são mencionados no r. Maués (Rodrigues).

SURURY (Tururi, Torori. = Suruí ?)

N: Torori

Em 1690 era um dos cinco grupos de língua não Tupi do baixo Madeira, conhecidos coletivamente por Iruri (v) (Bettendorff).

Em 1775 integravam a população de Itacoatiara (Sampaio).

SUTAÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

T

TABAO

v. Taguau

TABOCA

Em 1788 viviam entre o Japurá e o Solimões (Ferreira).

TACONHAPÉ (Tacunape, Saconhapé)

N: Takunyapé

Em 1662 viviam no r. Tocantins (Heriarte).

Em 1763 integravam a população de Portel (Queirós).

Em 1768 viviam no Pacajá, e outrora no Xingu (Noronha).

Em 1789 integravam a população de Portel (Braum).

Em 1819 integravam a população de Porto de Mós e havia *ordas errantes* deles entre o Tocantins e o Tapajós (Spix e Martius).

TACU

Em 1775 estavam, há pouco tempo, integrando a população de Airão (Sampaio).

TACUANUNA

Em 1662 viviam no r. Tocantins (Heriarte).

TACUJU

v. Tucuju

TACUNAPE

v. Taconhapé

TAGUAU (Tabaos ?)

Em 1639 são mencionados no r. Nhamundá, acima dos Conduri e dos Apanto (Acuña).

Em 1662 (como Tabaos) viviam no r. Trombetas (Heriarte).

TAMUANA

Em 1768 viviam na marg. dir. do Japurá e também integravam a população de Tefé (Noronha).

TANUA

Em 1662 viviam entre a foz do r. Negro e a do Urubu (Heriarte).

TAPACORÁ

Em 1768 viviam no r. Tapajós (Noronha).

TAPAGANA (Tapaxana)

Em 1768 e 1775 viviam no r. Jutai (Noronha; Sampaio).

TAPAJÓ (Trapajosos, Estrapajosos)

N: Tapajó

Em 1542, sem nomear a nação, Carvajal observou que o povoamento da marg. dir. do Amazonas, abaixo de Óbidos, estava recuado em relação à margem do rio: *avistaram-se a tres léguas do rio pela terra adentro ... grandes povoações que branqueavam*

Em 1636 os padres Brieva e Toledo encontraram, numa grande aldeia dos Tapajó, *uma casa mui grande com madeiras lavradas forradas com mantas de algodão entretecidas com fios de diversas cores* e as redes de dormir também eram tecidas com fibras de palmeira de diversas cores (Rojas).

Em 1639 eram reconhecidos como grande *nação e província* das margens do r. Tapajós; uma de suas aldeias tinha *mais de quinhentas famílias* (Acuña).

No mesmo ano, o seu sítio mais importante ficava na foz do r. Tapajós: *Terá este povoado de quinze mil vecinos [chefes de família] para cima e no rio muitíssimos,*

Tinham as faces tingidas como os Juruna e usavam flechas com um veneno para o qual nem eles conheciam antídoto. A margem do Amazonas abaixo da foz do Tapajós era despovoada, *mas a duas ou tres léguas terra adentro são incontáveis os índios que há* (Teixeira).

Em 1650 Laureano de la Cruz hospedou-se numa aldeia de dez casas *de índios amigos mas não cristãos chamados Tapajosos.*

Em 1662 eram-lhes atribuídos 60.000 guerreiros. Tinham muitos escravos. Os colonos europeus subiam o Tapajós por quatro dias para buscar madeira, redes, urucus, muiraquitãs em forma de contas, xícaras, assentos, pássaros, rãs, etc. (Heriarte).

Em 1691 eram tidos por *muito curiosos em tecer cestinho, pratos, etc., com lavor de folhas de palmeira tingidas de várias cores* (Fritz). Em 1698 é dito que no Tapajós *havia [antigamente] uma populosíssima aldeia onde aquele rio desemboca no das Amazonas, com outras muitas pela terra adentro; mas tudo se tem destruído pela muita cobiça dos moradores brancos do Estado* (Bettendorff).

TAPAXANA

v. Tapagana

TAPIARA

Em ca. 1680 era um grupo ou tribo que vivia na aldeia de Gurupatuba (Monte Alegre) (Bettendorff).

TAPICARÍ

Em 1768 viviam no r. Mucajá, afl. do Branco (Noronha).

Em 1787 no r. Branco (Ferreira).

“TAPUYA” (Tapuyassú ?)

N: Tapuiussú (?)

Em 1639, Tapuya são mencionados na foz do Amazonas (Acuña).

Em 1662, entre Cameté e Gurupá (Heriarte).

Em 1763, Tapuyassu eram sujeitos à missão dos franciscanos da Piedade de Monte Alegre (Queirós).

TARIANA

N: Tariána

Em 1768 viviam no r. Capuri, afl. marg. dir. do Uaupés acima da cachoeira de Ipanoré (r. Papuri?): *Foram vistos em outro tempo com folhetas de ouro nas orelhas, as quais compravam a troco de penas a índios de outras nações, que se ignoravam. Agora se sabe que os índios da nação Panenuá, que habita na parte superior do Ucayari [r. Uaupés], usam das mesmas folhetas e que deles passavam aos Tarianas. Subsiste porém a dúvida donde lhes vêm os ditos fragmentos de ouro* (Noronha).

Em 1787 estavam na marg. esq. do Jatapu, afl. do Uatumã (Ferreira).

Em 1793 as índias Tariana de S. Gabriel da Cachoeira ainda usavam os enfeites de ouro, recebendo-os dos Panenuá em troca de penas e sal (Souza, A.F.).

TARUMÃ (Taromas)

N: Tarumá

Em 1657 os jesuitas iniciaram a catequese do baixo r. Negro com a aldeia dos Tarumã, que daria origem à cidade de Manaus.

Em 1669 os Tarumã foram, com os *Aruaque* (v.), os primeiros integrantes da aldeia formada por Pedro da Costa Favela e pelo mercedário frei Teodósio da Veiga, que daria origem à vila de Airão (S.A.Amazonas).

Em 1691 são mencionados como habitantes do baixo r. Negro, tradicionais inimigos dos Cuchiguara, Ibanoma e Jurimagua e parceiros comerciais *dos Caripuna e de outros amigos dos franceses da Guiana* (Fritz).

Em 1755 constituíam a maioria dos *oitocentos homens de guerra* aldeados na primeira povoação colonial do rio Negro, na margem esquerda algo acima da barra, mais tarde mudada para o lugar de Airão (Sampaio).

Em 1768 já estavam *desaparecidos* (Noronha).

TAU-ANAUI

Nação do baixo Japurá que teria sido descida para Tefé antes de 1781 (Wilckens).

TAUCU

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

TAUITENA

Em 1763 integravam a população de Portel (Queirós).

TEAMA

Em 1639 são mencionados como uma das nações da margem esquerda do Solimões, adjacentes aos Omagua, de quem eram inimigos (Acuña).

TECUNA

v. Tukuna

TERARI

v. Tiari

TERARU

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

TERECUMÁ

Em 1768 viviam no r. Uatumã (Noronha).

TIARI (Terari ?)

Em 1714 são mencionados (Terari) na marg. dir. do Madeira (Rodrigues).

Em 1768, originários do Purus, estavam quase extintos depois de terem sido descidos para Itacoatiara e Alvelos (Noronha).

TIMANARÁ

Em 1775 viviam no r. Uaupés (Sampaio).

TIMBIRA

N: Timbira

Em 1768 eram *índios de corso* da marg. dir. do Tocantins (Noronha).

TIMUMU

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

TIPITI

Em 1755 eram índios não aldeados do r. Branco, antropófagos altos e esbeltos, conhecidos somente por menção dos Paraviana (Sampaio).

TIPUNA

Em 1639 são mencionados no baixo Jutá (Acuña).

TOCANTIN

N: Tocantin

Em 1662 são mencionados no rio homônimo (Heriarte).

TOCUMÁ

N: Tucumãfet

Em 1768 viviam no r. Madeira (Noronha).

TOCUNA

v. Tukuna

TOQUEDÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

TORÁ (Toratorari, Torazes, Turaces)

N: Torá

Em 1714 são mencionados na marg. dir. do Madeira (Rodrigues).

Em 1738 são mencionados no r. Madeira e recentemente aldeados na missão jesuítica homônima (Maroni).

Em 1749 havia memória de que até 1719 viviam do Jiparaná para baixo e que desciam o Madeira até a foz para atacar as canoas que iam buscar cacau no Solimões; naquele ano João de Barros de Guerra comandara uma expedição que *os deixou extintos* (Fonseca).

Em ca. 1757 é dito que tinham como tatuagem uma linha que ia das orelhas até os cantos da boca (J.Daniel).

Em 1763 os havia sujeitos à missão dos franciscanos da Piedade de Porto de Mos (Queirós).

Em 1768 ainda viviam no Madeira (Noronha).

Em 1775 integravam a população de Borba (Sampaio).

TORORI

v. Surury

TUCANO

N: Tukána-Tapuya

Em 1789 integravam a população de Ponte de Pedra (Braum).

TUCUJU (Tacuju; Yocujus)

N: Tucujú

Em 1662 são mencionados junto à foz do Amazonas (Heriarte)

Em 1763 e em 1789 integravam a população de Portel (Queirós, Braum).

TUCURIY

Em 1639 são mencionados na terra firme ao sul do Solimões, na altura do Juruá (Acuña).

TUINAMAINA

Em 1639 são mencionados como uma das nações da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

TUKUNA (Tecuna, Tocuna, Ticuna) N: Tukuna

Em 1697 a tribo é mencionada pela primeira vez: *Vivem mata adentro, quase em frente a S.Paulo* [de Olivença], portanto no interior da marg. esq. do Solimões, acima do Içá. Faziam colares com os dentes de inimigos mortos e flautas com os ossos longos da perna (Fritz).

Em ca. 1722 *já se acham quase todos domesticados* (Berredo).

Em 1768, na região do r. Içá, a sua pintura facial é um risco preto que sai do nariz em direção à orelha. Os homens usam na cintura uma faixa larga feita com o fio torcido extraído de uma casca de árvore. As mulheres não usam nada; elas fazem a circuncisão às crianças dos dois sexos poucos dias depois do nascimento. Nesta cerimônia dá-se a imposição do nome, com festas em que um homem aparece ataviado como uma divindade, com máscara, túnica de estopa e capacete. *Acreditam que as almas se transmigram dos corpos humanos para os de irracionais*. Integravam a população de Fonte Boa, S.Paulo de Olivença, S.José do Javari e Tabatinga (Noronha).

TUMAYARY

Em 1768 e 1787 viviam no r. Içana (Noronha; Ferreira).

TUMBIRA

Em 1768 e 1775 estavam na marg. dir. do Japurá e no Içá; também integravam a população de Fonte Boa (Noronha; Sampaio).

TUPINAMBARANA (Tupinambá) N: Tupinambarana

Em 1639 era tida como *gente mui feroz e carniceira e nunca quis conhecer sujeição; por isso vieram fugidos do Brasil, rompendo por terra e conquistando grande número de gentios até chegar ao grande rio e sítio onde hoje vivem* [a ilha Tupinambarana, no médio Amazonas]. *Haverá dessa gente e de outras diversas nações que eles têm sujeitas ao seu domínio uns trezentos povoados e mais não terão, e até quinhentos ou oitocentos casales [casais, casas?] cada um*. Suas flechas não tinham veneno letal. (Teixeira). Em 1639 também é dito que haviam saído de Pernambuco abandonando 84 aldeias e atravessando o interior do Brasil até as cabeceiras do Madeira; muitos ficaram pelo caminho povoando diversas regiões e uma parte desceu o Madeira fixando-se na ilha Tupinambarana e na

I TUR

várzea adjacente da margem direita do Amazonas. Aquí submeteram ou expulsaram todas as tribos que encontraram, mantendo porém relações comerciais regulares com uma delas que, entre outros itens, lhes fornecia sal de origem vegetal (v. em V) (Acuña).

Em 1650 a *província* dos Tupinambarana ocupava a metade oriental da ilha homônima, abaixo do paraná do Ramos; a sua última aldeia, de 80 casas, ficava na ponta leste, quase fronteira a Parintins, e seus moradores já haviam sido batizados por missionários portugueses (Cruz).

Em 1662 é dito que haviam saído do litoral, em 1600, em tres grupos à procura do *paraíso terrestre*; chegando à região, submeteram outras tribos, mas depois integraram-se a elas, mantendo porém status superior. Eram polígamos e davam as filhas em casamento aos *vassalos* (Heriarte).

v. Chachapoyas em II e Uira-Açu em III.

TURACE

v. Torá

TURIUARA

N: Turiwára

Em 1768 viviam na marg. esq. do Tocantins (Noronha).

TURURI

v. Surury

TUTUMÚ

Em 1727 viviam no r. Camoó, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

U

UACARAUA

Em 1768 eram antropófagos do r. Juruá (Noronha).

UACARI

v. Ucayari

UAIÁ

Em 1768 viviam na marg. esq. do Tocantins (Noronha).

UAICÁ

N: Waiká

Em 1775 viviam no r. Branco, ainda não aldeados (Sampaio).

UAINUMÁ

N: Wainumá

Em 1820 integravam a população de Barcelos, Airão e Manaus. *Outrora uma das mais poderosas tribos do Japurá, já [estava] quase toda desaparecida. Desses, apenas uns 600 habitariam em liberdade as matas entre o Upi, afluente do Içá, e o Cabuinari, que deságua no Japurá acima das cataratas. Moram em grandes cabanas cônicas, onde estão dispostas duas portas pequenas, fronteiras uma à outra. Eles cultivam mandioca, mas pouca farinha fazem, quase exclusivamente só os beijus. No seu próprio idioma, os Uainumás chamam-se Inabiçanas. . . As suas diversas famílias ou hordas diferenciam-se pela extensão da tatuagem no rosto ... Seus inimigos declarados são os Umaua do alto Japurá (Spix e Martius).*

UAIUMARÁ

Em 1775 viviam no r. Branco, já aldeados (Sampaio).

UAIURU (Uajuru)

Em 1768 viviam no r. Mucajai, afl. do Branco (Noronha).

Em 1787 no r. Branco (Ferreira).

I UAM

UAMARU (Uanani ?)

Em 1768 integravam a população de Coari (Noronha).

UANANÁ

Em 1768 viviam no r. Uaupés (Noronha).

UANANI

v. Uamaru

UANAPU

N: Uanapú

Em 1768 ainda havia alguns deles no furo Pacajaí, que liga o Pacajás ao Anapu; a maioria já havia sido descida para Portel (Noronha).

Em 1789 integravam a população de Portel (Braun).

UANA

Em 1787 viviam no r. Paduari, afl. marg. esq. do Negro (Ferreira).

UAPIXANA (Uaipiana ?)

N: Wapishána

Em 1768 viviam nos rs. Uraricuera e Parima (Noronha).

Em 1787 no r. Branco (Ferreira).

Em 1820, como Uaipiana, integravam a população de Moreira (Spix e Martius).

UARANACUACENA (Guaranaguacena)

N: Uaranacoacena

Em 1639 viviam no baixo curso do r. Branco e na confluência com o Negro (Acuña).

Em 1738 *estavam quase totalmente consumidos* (Maroni).

Em 1768, tendo desaparecido do r. Uaranácuá ou Yuuari, integravam a população de Carvoeiro (Noronha).

Em 1787 estavam *dispersos* (Ferreira).

Em 1820 integravam a população de Airão (Spix e Martius).

v. também Guarianacagua

UARIQUENA (Uriquena, Uurequena, Warakêna)

N: Warekéna

Em ca. 1757 era uma das maiores tribos do r. Negro; furavam as orelhas e eram antropófagos (João Daniel).

Em 1768 viviam nos rs. Içana e Ixié e tinham nomes '*hebraicos*' (Noronha).

Em 1775 viviam no Içana e já integravam a população de Barcelos. Usavam *escrita de cordões na forma dos antigos peruanos que também lhe servem para uso aritmético* (Sampaio)

v. Cordéis em V

Em 1787 integravam a população de Sta. Isabel (Ferreira).

UARIUNA (Uariúa)

N: Uariua

Em 1768 viviam no r. Uerere, afl. marg. esq. do Negro (Noronha).

Em 1787 já estavam dispersos, havendo deles no r. Padauari (Ferreira).

UARU

Em 1768 integravam a população de Alvarães (Noronha).

Em 1775 eram chamados Coca, porque repetiam esta palavra (que significa *não*) (Sampaio).

UARUPÁ (Urupá)

Em 1762 viviam no Tapajós, ao norte da junção Arinos-Juruena (Queirós).

Em 1768 viviam nos rs. Tapajós, Maués, Abacaxis e Canumá (Noronha).

UARUPI

v. Guayupés

UAUPÉ (Vaupé, Guaupé)

Em 1768, no rio homônimo, furavam orelhas e beíço. Usavam no pescoço pingente cilíndrico de pedra branca polida de meia polegada de diâmetro: nos *principais* com meio palmo de comprimento; nos *nobres* pouco menos e nos *plebeus* muito mais curto. Integravam a população de Sta. Isabel e S. Joaquim do Coané (Noronha).

Em 1820 a de N.S. de Caldas (Spix e Martius).

UAYA

Em 1768 viviam na marg. esq. do Tocantins (Noronha).

UAYMÁ

Em 1775 integravam a população de Alvarães (Sampaio).

I UAY

UAYUANÁ

Em 1768 integravam a população de Tomar (Noronha).

UAYUPI

v. Guayupé

UBUCOARA

Em 1714 são mencionados no r. Maués e já integravam a aldeia jesuítica de Tupinambaranas (Rodrigues).

UCAYARI (Uacari)

Em 1787 viviam no r. Uaupés (Ferreira).

UEMATRÊ

Em 1714 são mencionados no r. Andirá (Rodrigues).

UEREQUENA

v. Uariquena

UGINA

Em 1768 viviam no r. Juruá, muito acima das cachoeiras; teriam cauda (Noronha).

UIPIRIÁ

Em 1714 são mencionados no r. Andirá (Rodrigues).

UJANA

Em 1787 viviam no r. Marauíá, afl.marg. esq. do Negro, mas já estavam dispersos (Ferreira).

UMAIANA

Em 1775 viviam no r. Branco, não aldeados (Sampaio).

UMAUA (Mauhas, Maua, Hiamacóto)

N: Karihóna (?)

Em 1768 viviam no Japurá (Noronha).

Em 1787 viviam no Cuniari (marg. esq. do Japurá) e nos seus formadores Cunhari e Messai; tinham mais de cem malocas; distinguíam-se pelo uso de 'espartilho' no ventre e tórax (Ferreira).

Pela quase homofonia foram confundidos com os Omagua 2.

UNANIÁ

Em 1714 são mencionados no r. Andirá (Rodrigues).

UNICORÉ

v. Onicoré

URAIKU

Em 1775 viviam no r. Acuruí, afl. marg. dir. do Solimões abaixo do Jandiatuba (Sampaio).

URAYARI

Em 1639 são mencionados como uma das nações da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (Acuña).

URINANÁ

Em 1775 viviam no r. Uaupés (Sampaio).

URIQUENA

v. Uariquena

URUBU 1

Em 1698 era uma nação muito numerosa do rio homônimo (Bettendorff).

URUBU 2

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

URUBUTINGA

Em 1639 são mencionados na ilha Tupinambarana ou ao sul dela; eram grandes entalhadores de madeira (Acuña).

URUCUCU

N: Ururucú

Em ca. 1660 era uma tribo do baixo Tapajós cujo idioma era compreendido pelos Tapajós. Naquele ano, Bettendorff fez *uns catecismos de vários idiomas daqueles seus principais, todos pelo da língua geral; um era em língua dos Tapajós, outro dos Urucucus, que comumente entendiam* (Bettendorff).

I URU

URUMANÁO (Orumanao, Omanaos) N: Urumanaue
Em 1768 e em 1787 viviam no r. Padauiri, fronteiro a Tomar,
na marg. esq. do Negro (Noronha; Ferreira).

URUPÁ
v. Orupá

URURIAU
Em 1639 são mencionados no r. Madeira (Acuña).

URURI
v. Iruri

W

WAINUMÁ

v. Uainumá

WAIWAI

N: Waiwé

Em 1787 viviam na marg. esq. do r. Jatapu, afl. do Uatumã (Ferreira).

WARAIKU

v. Guaraicu

WAYAPÍ (Oyampí)

N: Wayapí

Em 1763 os havia na freguesia de Souzel (Queirós).

X

XÁMA

Em 1768 viviam na marg. dir. do Japurá (Noronha) e foram integrados às populações de Tefé, Fonte Boa, Castanheiro, Camanau e Camundé.

XAPERU

v. Sepuru

XAPUENA

Em 1787 viviam no r. Ixié (Ferreira).

XARUMÁ

Em 1727 viviam no interflúvio dos altos Trombetas e Mapuera (S.Manços).

XAXARO

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

XIBILIANA

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

XIKIANÁ

Em 1727 viviam no r. Huheini, formador do Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

XIPAPOCUYUANA

Em 1763 integravam a população de Portel (Queirós).

XUMANA (Xomana; Jumana; Humana ?)

N: Yumána

Em 1768 viviam no Içá e na marg. dir. do Japurá; integravam a população de Fonte Boa, Amaturá e S.Paulo de Olivença (Noronha).

Em 1775 integravam a população de Imari, no Japurá. Usavam tatuagem negra ao redor da boca, de cujos cantos saía um risco em direção às orelhas, sem alcançá-las. Nas orelhas, furadas, os homens colocavam anéis de tucumã e as mulheres penas de aves. Bebiam as cinzas dos ossos de seus mortos para lhes absorver as almas. Eram dóceis e aplicados ao trabalho, mais que os Passé (Sampaio, que dá a tradução de termos astronômicos).

Em 1820, *dos Xumana, que vivem no Içá e entre esse rio, o Puruê e o Duami, chamados Tecunas pelos espanhóis de Mainas, só ficaram ainda uns restantes em Maripi* [v. em II] *e mesmo estes não trazem mais, assim como diversos descendentes da mesma tribo moradores em Ega, o seu distintivo* [tatuagem]. Integravam a população de Manaus, Airão e Barcelos (Spix e Martius).

XUMI

Em 1727 viviam no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

Y

YABAÁNA

N: Yabaána

Em 1768 viviam nos rs. Marauiá e Inabu, na marg. esq. do Negro (Noronha).

YACARIGUARA

N: Yacariuara

Em 1639 são mencionados no baixo curso do Içá (Acuña).

YACUNCARAE

Em 1639 são mencionados no r. Negro (Acuña).

YAGUAMALES

v. Yaguanai

YAGUANAI (Jaguanais, Yaguamales, Iguanaes)

N: Yaguanai

Em 1560 viviam no Solimões, entre o Coari e o Purus, possivelmente na região de Codajás. Sua maior aldeia tinha mais de duas léguas de extensão (v. Yaguanai, Aldeia dos, em II). Chamou a atenção dos companheiros de Aguirre pelos grandes vasos de até 20 arrobas onde guardavam bebida fermentada (Vásquez, Altamirano, Zúñiga, Monguia). Pode ter correspondido à Aldeia da Louça de Carvajal (v. em II, Louça, Aldeia da).

Em meados do séc. 17 os Yaguanai aparecem deslocados 250 km rio acima: Acuña em 1639 e Cruz em 1650 mencionam uma aldeia dos Yaguanai na foz do Carapanatuba; Heriarte, em 1662, diz que os Iguanaes habitavam este último rio (ou o Copeá ?), que ele chama *rio do ouro*, do qual eram os únicos habitantes e onde tinham *boa quantidade de aldeias, ainda que pequenas*. A cerâmica ainda devia ser sua especialidade, porque a forneciam a outras tribos. Tinham propulsores e dardos envenenados.

YAGUARUSSU

Em 1763 integravam a população de Portel (Queirós).

YAMEO

N: Yameo

Em 1768 viviam no r. Javari (Noronha).

YAMORUA

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

YANMA

Em 1639 são mencionados no r. Negro (Acuña).

YAPIRUARA (Ipiruara)

Em 1768 era denominação genérica (significando *gente do sertão* ou *de rio acima*) dos grupos do alto Tapajós, dada pelos Canicaru (v.) do seu baixo curso (Noronha).

YARA

Em 1662 eram vizinhos e sujeitos aos Tupinambarana (Heriarte).

YARIBARU

Em 1639 era uma das tribos da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

YARUCAGUACU

Em 1639 era uma das tribos da bacia do Manacapuru conhecidas coletivamente como Carabuyana (v.) (Acuña).

YAUAIN

v. Jaguaim

YAUANA

Em 1768 integravam a população de Nogueira (Noronha).

YAUARA (Aguaras)

Em 1787 viviam no r. Uaupés (Ferreira).

YAUARETIUARA

Em 1768 viviam no r. Madeira (Noronha).

YAUEI

v. Jaquez

I YBA

YBANOMA

v. Ibanoma

YCUNA

v. Yucuná

YGUARANI

Em 1639 são mencionados no r. Japurá (Acuña).

YOCHINAUÁ

Em 1768 viviam no r. Juruá (Noronha).

YOCUJU

v. Tucuju

YORIMAN

v. Jurimagua

YUCUNÁ (Ycuna, Yuma)

N: Yukúna

Em 1775 viviam no r. Japurá; eram bons agricultores *de domicílios certos e povoações. Não comem a mandioca, mas sim o extrato dela chamado tapioca. Observam a monogamia, admitindo porém o repúdio. Castigam o adultério. Costumam fazer os seus casamentos nas nações vizinhas. Foi nação guerreira, porém hoje derrotada.* Em 1774 haviam sido descidos, junto com os Aniana, para a aldeia de S. Matias, no Japurá abaixo do desaguadouro do lago Ayamá, onde continuaram fazendo cabanas cônicas, flautas de ossos humanos, lanças envenenadas, pequenos escudos de couro de anta, e trocanos com maçãs cobertas com caucho. Integraram a população de Alvarães (Sampaio).

YUEÚNA (Yuma)

Em 1768 viviam na marg. esq. do Japurá (Noronha).

Em 1788 no r. Japurá (Ferreira).

YUFIVA

v. Yupiuá

YUMA

v. Yucuna

YUMAGUARI

Em 1639 era tida como uma nação do r. Yquiari, rio não identificado ao norte do Solimões (v. em II, Ouro, Rio do). Conf. Acuña, o nome significava *tiradores de metal*.

YUPIUÁ (Yupicuá; Iupiuá; Yufivas; Jupuí)

N: Yufiua

Em 1697 viviam afastados da várzea, em algum lugar do alto Amazonas (Fritz).

Em 1768 viviam na marg. dir. do Japurá e já integravam a população de Tefé (Noronha).

Em 1781 viviam no r. Juami (médio Japurá) (Wilckens).

Em 1820 integravam a população de Manaus (Spix e Martius).

YUPURÁ

Em 1768 viviam na marg. esq. do Japurá (Noronha).

YUQUÍ

Em 1768 viviam no r. Madeira (Noronha).

YURIMAGUA

v. Jurimagua

YURUPIXUNA

v. Juri

Z

ZAPUCAYA

N: Zapucaya

Em 1639 viviam na ilha Tupinambarana ou ao sul dela; eram bons entalhadores de madeira (Acuña).

ZIYU

Em 1639 são mencionados no r. Içá (Acuña).

ZUANA

N: Zuana

Em 1639 era uma nação muito numerosa que vivia entre o baixo Japurá e o Negro (Acuña).

ZURINA

N: Zurina

Em 1639 viviam na marg. dir. do Solimões, abaixo do Purus, e no baixo curso do Madeira. Especialistas, como os Caripuná (v.) da mesma região, em trabalhos em madeira (banquinhos zoomorfos, propulsores, ídolos) que forneciam a outras tribos (Acuña).

II — ALDEIAS E LUGARES

ABACAXIS, Aldeia dos
v. Itacoatiara

AIRÃO (Já Sto. Elias de Jaú)

Povoado na marg. dir. do r. Negro, abaixo da foz do r. Jaú, 250 km. acima de Manaus. O seu primeiro sítio, próximo ao r. Aiurim, foi formado em 1669 com índios Tarumã e Aruaque. O segundo sítio, com o desaparecimento dos Tarumã, foi povoado com Aruaque e mais tarde com Tacu e Manao.

Em 1820 era habitada por Aruaque, Tacu, Manao, Kueretu, Jurí, Pasé, Uainumá, Xumana, Mirânia, Uaranacuacena (Spix e Martius).

ALENQUER (Já Surubiú)

Povoado na marg. esq. do baixo Amazonas, fronteiro à foz do Tapajós, formado com índios Baré.

ALMEIRIM (Já Paru e Forte do Desterro)

Povoado na marg. esq. do baixo Amazonas, junto à foz do r. Paru. Formado com índios Apama e Carapeuara.

ALTER DO CHÃO (Já Borari ou Iburari)

Povoado da marg. dir. do baixo Tapajós, 40 km acima da foz.

ALVARÃES (Já Caiçara)

Formada com índios Ambuá, Uaru ou Coca, Uaymá, Yucuna (Tukuna?), Alaruá, Pasé, Cauiyari, Mirânia e Maraua (estes últimos descidos do r. Juruá).

ALVELOS

v. Coari

AMATURÁ (ou Maturá, Amataurá; já Castro de Avelãs e antes Enviratiba ou Eviratoha)

Vila na marg. dir. do Solimões, entre S. Paulo de Olivença e a foz do Içá. Formada com índios Omagua (autóctones), Pariana, Cauishana, Juri e Xumana (descidos do Içã).

AMEIUATÉ

A 22^a. aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz no r. Solimões em 1691. Corresponde a Carauté, a 4^a. aldeia de W a E descrita por Cruz (1647) e a sua localização é a da ilha Arariá, 20 km abaixo da foz do Javari. Em 1693 Fritz transferiu seus moradores para a *terra dos Curinas* (v. Culino em I), na adjacente marg. dir. do Solimões, onde fundou o primeiro sítio da aldeia de S.Pablo, depois transferida rio abaixo, para o que seria S.Paulo de Cambebas, ou Olivença.

AMENEUATÉ

A 14^a. aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz no r. Solimões em 1691. A sua localização corresponde à da ilha Caturiaá.

APARIA

Nome comum a duas aldeias do alto Amazonas descritas em 1542 por Carvajal no que seria mais tarde conhecido como território omagua: Aparia Menor (ou de Aparia o Menor), no médio Napo, e Aparia Maior (ou de Aparia o Grande), na região entre Loreto (Colombia) e Tabatinga. De acordo com Carvajal era também o nome do cacique ou senhor principal da província também chamada Aparia (v. Aparia em I, e Carari e Manicuri nesta seção e em I).

ARACARI

v. Carvoeiro

ARAPIJÓ

v. Carrazedo

ARAPIUNS

Povoado na confluência dos rs. Tapajós e Arapiuns.

ARASATÉ

A terceira aldeia omagua, de E a W, cerca de 20 km abaixo da foz do r. Jutaí, mencionada por Fritz no r. Solimões em 1691.

AREIAS

Nome dado no séc. 17 a um trecho do r. Solimões, na região de Codajás e da foz do Purus, em razão das muitas ilhas e bancos de areia. Também conhecido em Heriarte como *província dos Águas* (v. em I).

ARICARÁ

v. Portel

ARICARI

v. Sousel

ARIMOCOA

Uma grande aldeia do r. Solimões, a meia distância entre a *província* de Aparia ou Carari (identificável com os Omagua) e a de Machiparo (os Curuzirari ou Aisuari), ou seja, entre S. Paulo de Olivença e Tefé. O único autor a mencioná-la é Altamirano (1560), que diverge das demais fontes quinhentistas, as quais dizem ser aquela região desabitada. Situava-se num alto terraço ao qual se acedia por mais de cem degraus cavados na barranca do rio, numa região de savanas ou pradarias. Tratava-se, verossimilmente, da margem esquerda, abaixo da foz do r. Tonantins, região que no séc. 17 passou a ser conhecida como *terras altas dos Cauishanas* (Fritz) ou *costa da Canaria*. A aldeia teria mais de 6.000 habitantes, dos quais 2.000 guerreiros, e uma frota de 200 canoas. Tinha *muitos currais em que havia mais de 4.000 tartarugas que durante o verão pegavam no rio para comer no inverno*. Ao contrário dos vizinhos Omagua, os seus habitantes não usavam roupas.

Dois dias abaixo de Arimocoa havia outra aldeia grande da mesma língua e, mais adiante, outras menores (Altamirano).

ARUPARATÉ

A 18ª aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz no r. Solimões em 1691. Sua localização corresponde à ilha de Boa Vista, acima de Sta. Rita do Weil.

AUANÁRIA (ou Avanaria)

Aldeia dos Aisuari fronteiriça à foz do r. Juruá, mencionada por Fritz em 1696.

BARAROÁ

v. Tomar

BARCELOS (Já Mariuá)

Vila e mais tarde capital da província, na marg. dir. do r. Negro, 500 km acima de Manaus e 150 da confluência do r. Branco, Povoadada com índios Manao, Baré, Bayâna, Uariquena e Pasé (estes últimos, do r. Japurá).

Em 1820 era habitada por Manao, Baré, Bayâna, Uariquena, Pasé, Jurí, Uainumá e Xumana (Spix e Martius).

BERGANTINS, Aldeia dos

Aldeia indígena da *província* de Machiparo (v. em I), localizada na parte oriental deste território, não muito acima do Coari e possivelmente na região de Barro Alto, localidade fronteiriça à foz do Carapanatuba. Recebeu este nome porque nela Lope de Aguirre, em 1560, mandou construir duas novas embarcações (Vasquez, Zúñiga, Monguia).

BOBOS, Aldeia dos

A primeira e mais ocidental das aldeias da *província* de Paguana (v. em 1), acima da foz do Purus. Em 1542 os companheiros de Orellana deram-lhe este nome devido à amabilidade e ingenuidade dos habitantes, que *nos esperavam em suas casas sem fazer mal nem dano, antes nos davam o que tinham* (Carvajal).

BORARI

v. Alter do Chão.

BORBA (Já Trocano)

Depois de ocupar sucessivamente tres sítios próximos à foz do r. Madeira, foi transferida para a localidade definitiva, na marg. dir. 24 léguas acima da foz. Foi povoadada com índios Ariquena, Baré, Torá e Orupá. Sofria ataques dos Juma *de corso*.

CABOQUENA

v. Moreira

CAIÇARA

v. Alvarães

CALARAPARI

Em 1727 era uma aldeia Parucuató do r. Urucurin ou alto Mapuera (S.Manços).

CAMANAU, S. Bernardo do (Camanao)

Povoação formada na marg. dir. do alto r. Negro, com índios Juri-Pixuna, Passé, Xamá e Baré.

CAMARÁ

v. Moreira

CAMBEBAS, S.Paulo de

v. S.Paulo de Olivença

CAMUNDÉ, S.João Nepomuceno do

Povoação formada na marg. dir. do alto r. Negro, junto à foz do Marié, cerca de 130 km abaixo do Uaupés, com índios Juri-Pixuna, Passé, Xamá e Baré.

CANAFIÁ

A quinta aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz no r. Solimões em 1691, defronte à boca principal do r. Jutai.

CANUMÃ

Povoado na região da confluência do rio homônimo com a foz do Madeira, na ponta ocidental da ilha Tupinambarana. Foi a segunda localização da aldeia jesuítica dos Abacaxis, depois transferida para Itacoatiara (v.).

Em 1819 era um dos dois *grandes povoados* (aldeiamentos missionários) de índios Munduruku da região (Spix e Martius).

CARAMARI

Em 1738 era um povoado do médio r. Negro, último reduto dos Daraé e dos Maiapena (v.) (Maroni).

CARARI (Cararo)

Aldeia da marg. dir. do Amazonas peruano, provavelmente pouco acima de Tabatinga, descrita pelos cronistas da expedição de Ursua e Aguirre (1560). Trata-se verossimilmente da Aparia Grande (v.) de Carvajal, dos presumíveis Omagua quinhentistas. Altamirano lhe atribui *mais de 8.000 índios* e uma esquadra de *mais de 300 canoas*, cada uma com 10 a 12 guerreiros. Zúñiga, por outro lado, diz que os maiores povoados da região teriam umas 50 casas. Vasquez, mais moderado, fez uma avaliação de 7.000 a 10.000 habitantes para toda a província, a qual teria de 15 a 20 aldeias, embora reconheça que suas condições de observação eram precárias. Uma extensão de quatro léguas acima e abaixo da aldeia (qual?) era cultivada com roças de milho e mandioca (Vasquez, Altamirano, Zúñiga). (v. Carari e Manicuri em I).

CARAUTÉ

A quarta aldeia omagua do Solimões, de oeste para leste, descrita em 1647 por Cruz e localizada numa grande ilha 20 km abaixo da foz do Javari, talvez a ilha Arariá. Tinha 16 casas e 120 habitantes, dos quais 40 homens adultos. Corresponde à aldeia de Ameiaté (v.) de Fritz.

CARRAZEDO (Já Arapijó)

Povoado na marg. dir. do baixo Amazonas, na região de Gurupá. Os franciscanos da Piedade tinham lá, em 1763, o hospício de S. José que catequizava os Nambibare, Capuna e Mamim (Queirós).

CARVOEIRO (Já Aracari)

Povoado na marg. dir. do r. Negro, 25 km acima da confl. do r. Branco. Formado com índios Manao, Paravilhana e Uaranacuacena.

Em 1820 era habitada por Manao, Paravilhana, Uaranacoacena (Spix e Martius).

CASTANHEIRO, St. Antonio do

Povoado na marg. esq. do alto r. Negro, cerca de 330 km acima de Barcelos. Formado com índios Baré, Juri-Pixuna, Pasé, Xamá, Macu e Mepuri.

CASTRO DE AVELÃS

v. Amaturá.

CATOREARÁ

A 11ª. aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz em 1691 numa ilha fronteiriça à foz do Içá.

CAUACÁ

Uma tapera de índios Mariaua (v. em I) no baixo Japurá (Wilckens).

CAVIANA

v. Vilarinho do Monte

CAYARI

Nome do rio Madeira no idioma das tribos que o habitavam (Acuña).

CHACHAPOYAS

Povoado da Amazônia peruana, entre o Marañon e o Huallaga, ao qual em 1549 chegaram cerca de 300 índios Tupi remanescentes da grande migração que havia partido de Pernambuco depois de 1530 e atravessara toda a bacia amazônica (Nunes, Gasca, Vasquez, Zúñiga).

Gandavo informa que o motivo da migração teria sido *buscar sempre terras novas, a fim de lhes parecer que acharão nelas imortalidade e descanso perpétuo*.

Lopez de Caravantes escreveu em 1632 que em Chachapoyas *conserva-se a sua (dos Tupi) descendência e geração até hoje*.

v. Uira-Açu em III.

CHIPATITÉ

A 15.ª aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz no r. Solimões em 1691. Seria na ilha Jandiatuba, abaixo da foz do rio homônimo e de S. Paulo de Olivença.

CLEOCA ou Clioca

Em 1727 era uma aldeia Parucuató do r. Urucurin ou alto Mapuera (S. Manços).

COANÉ, S. Joaquim do

Povoado na marg. dir. do alto r. Negro, junto à confl. do Uaupés.
Formado com índios Uaupé e Coeuana.

COARI (Já Alvelos e antes Coari)

Vila na marg. dir. do r. Coari, quatro léguas acima da sua barra.
Foi a sua quarta localização. Formada com índios Jurimagua,
Pasé, Uanani, Catauixi, Juma, Iriju, Guayupé e Purupuru ou
Cuchiguara.

COQUITÉ

A 19^a. aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz no r.
Solimões em 1691 junto à foz do igarapé Preto e da ilha do Cal-
deirão. Corresponde, em 1647, à sexta aldeia (de W a E), sem
nome, de Cruz.

CORPUS CHRISTI, Aldeia de

Foi o nome dado em 1542 a uma aldeia indígena de tribo não
identificada na marg. esq. do Amazonas, na altura da foz do Ma-
deira. Carvajal deixa entender que se tratava da extremidade orien-
tal de uma *província* que começava a montante, logo abaixo da
foz do r. Negro; suas aldeias eram protegidas por paliçadas.

CUATATÉ

A 20^a aldeia omagua, de E a W, mencionada no r. Solimões por
Fritz em 1691. A sua localização seria na ilha Tanaru.

CUATINIUATÉ

A oitava aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz, em
1691, no r. Solimões. Estaria na ilha próxima à foz do Auati-
Paraná.

CUCUNATÉ

A nona aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz, em 1691,
no r. Solimões. Estaria na ilha Timbotuba, acima da foiz do Auati-
Paraná.

CUMARU 1.

v. Vila Franca

CUMARU 2.

v. Poiares

CURIANÁ, N.S. de Nazaré do

Povoado na marg. dir. do alto r. Negro, cerca de 120 km abaixo da confl. do Uaupés. Formado com índios Mepuri, Ayrini, Baré, Macu e Pasé.

CURIGUACURU

Conf. Acuña, em 1639, era o nome dado ao r. Negro por seus habitantes.

CURUPATUBA

v. Monte Alegre

CURURUTÉ

A 17ª. aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz em 1691 no r. Solimões. Estaria situada na ilha Sta. Rita, junto a Sta. Rita do Weil.

DARI

v. Lamalonga

DESTERRO, Forte do

v. Almeirim.

EGA

v. Tefé.

ENXÁRCIA, Aldeia da

Em 1560 era um grande povoado indígena situado em lugar alto nas proximidades da foz do Tapajós, na *província* ou tribo dos Aruaquina (v. em I). Provavelmente tratava-se da própria aldeia dos Tapajó, futura vila de Santarém. Os marinheiros de Aguirre deram-lhe este nome aludindo à escala feita para substituição do cordame dos barcos. Tinha *casas de adoratório para seus ritos e idolatrias e na porta de cada casa dessas há dois lugares de sacrificios . . . Estão todos cheios de sangue* (Vasquez).

ENVIRATIBA

v. Amaturá.

ESCONDIDA, Aldeia

Em 1542 os companheiros de Orellana deram este nome a uma das aldeias mais orientais da *provincia* de Picotas (v. em I), na marg. esq. do Amazonas, possivelmente na região fronteiriça a Parintins: *A essa povoação chamaram os nossos espanhóis a Aldeia escondida do estirão da savana, porque estava encoberta* (Carvajal na versão de Oviedo). Na versão de Medina é dito que *a aldeia toda formava uma só rua e uma praça no meio, tendo as casas de um lado e de outro* ; e esta aldeia, por ser da maneira já dita, a chamamos a Aldeia da rua.

EUATARAN

A segunda aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz, em 1691, no r. Solimões. A sua posição seria na ilha Jarimanduba.

EVIRATOHA

v. Amaturá.

FARO (Já Sta.Cruz de Nhamundá)

Vila na foz do Nhamundá, recuada em relação à margem esq. do Amazonas.

FONTE BOA (Já Taracuatiba ou Taraquatôo)

Antiga aldeia indígena com vestígios de urnas cerâmicas aflorando no terreno, que confirmam a menção de diversos cronistas a grandes urnas funerárias e vasos para armazenamento de bebidas fermentadas em aldeias do médio Solimões. Foram-lhe integrados contingentes de Tukuna, Xumana, Pasé, Mirânia, Juri, Xama, Conamaná, Cumuramá, Payana, Maraua, Momaná, Tumbira e Araicá.

FORTALEZA DA BARRA

v. Manaus

GUACARATÉ

A 21^a. aldeia omagua, de E a W, mencionada no r. Solimões por Fritz, em 1691. Correspondia, em 1647, à quinta aldeia (de W a

E) de Cruz, que não lhe deu o nome. Sua localização corresponde à ilha Ourique ou Pauaperi.

GUAJARATIBA

Uma localidade doze léguas acima da foz do r. Manacapuru; em 1768 era tida como o lugar *onde em outro tempo esteve situado o lugar* [povoado] *que hoje é de Alvelos* [Coari] (Noronha).

GUAPAPATÉ

Aldeia dos Jurimagua do r. Solimões, pouco acima da foz do Juruá, mencionada por Fritz em 1691.

GUAYOENI

Aldeia dos Aisuari numa ilha do r. Solimões entre a foz do Juruá e a do Japurá, mencionada por Fritz em 1691.

GUAYUPÉ

Uma aldeia dos Ibanoma do r. Solimões, nas proximidades da foz do Coari, mencionada por Fritz em 1691.

GURUPATUBA

v. Monte Alegre

IBIRATÉ

A sexta aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz no r. Solimões em 1691, cerca de 25 km da boca principal do Jutai.

IBURARI

v. Alter do Chão

IÇÁ, S. Fernando do

Povoado na foz do Içá formado com índios Cayuishana.

IMARI, St. Antonio do (ou Imaribi, Maripi, Marapy)

Um sítio indígena originalmente na marg. dir. do Japurá, oito dias acima da sua foz; antes de 1775 já havia sido transferido rio abaixo, para a marg. esq. dois dias acima do lago Amaná e pouco abaixo do lago Ayamá. Em 1768 a população aldeada era composta de índios Juri e Mariarana (Noronha), além de Mepuri,

Xumana, Macu, Baré e Pasé (Sampaio) O nome Imari, no idioma dos Manaó, significaria *terra quebrada* (Noronha). Em 1819 Martius acrescenta Coeruna (Spix e Martius).

IPARANÁ, S. Miguel do

Povoado da marg. dir. do alto r. Negro, junto à confl. do Içana. Formado com índios Baniwa.

ITACOATIARA (Já Serpa, antes Aldeia dos Abacaxis e antes ainda Itacoatiara)

A antiga Itacoatiara, na marg. esq. do médio Amazonas, passou a se chamar Aldeia dos Abacaxis quando esta missão, até então rio acima, foi transferida para o local das *pedras pintadas*, recuperando modernamente o seu nome. Foi formada com índios Abacaxi, Iruri, Sará, Baré, Onicoré, Aponariá, Tururi (Surury), Orupá, Juma, Juquí, Curuaxiá e Pariquí, estes últimos descidos do r. Uatumã pouco antes de 1775.

ITACURUÇÁ

v. Veiros

ITARENDAUA

v. Moura

JAÚ, Sto. Elias do

v. Airão

JURO, Sítio de caça

Uma localidade situada quatro jornadas de navegação acima do Tapajós, até a qual, antes de 1639, chegavam os holandeses procedentes do baixo Amazonas (Teixeira). Poderia ser a região do Lago Grande de Juruti, fronteiro à foz do Nhamundá, ou da atual cidade de Juruti, também na marg. dir., cerca de 40 km abaixo daquele e 80 acima do Tapajós.

JURUPARIPORACEITÁUA

v. Poiães.

LAMALONGA (Já Dari)

Povoado na marg. dir. do r. Negro, cerca de 130 km acima de Barcelos. Foi formada com índios Manao, Baré e Baniwa.

Em 1820 era habitada pelos mesmos (Spix e Martius).

LOUÇA, Aldeia da

Nome que os companheiros de Orellana deram em 1542 a uma das aldeias da *província* situada na marg. dir. do r. Solimões, entre o Coari e o Purus, que Carvajal denominou *Omagua* (v. Omagua l. em I), que não eram os Omagua/Cambeba, mas os Jurimagua de rio abaixo. O apelido da aldeia se devia à bela cerâmica *vidrada e esmaltada de todas as cores* que lá se produzia (Carvajal).

MABÉ, S. João Batista de

Povoado do r. Negro habitado, em 1820, por índios Baniwa e Marabitana (Spix e Martius).

MACHIPARO, primeira aldeia de

A mais ocidental das aldeias desta *província* (v. Machiparo em I), situava-se numa elevação próxima à foz do Tefé, provavelmente na própria Costa de Tefé que separa o lago homônimo do leito do Solimões. Diogo Nunes, em 1538, lhe atribui de 5 a 6 mil habitantes. Os outros cronistas de meados do séc. 16 falam em muitas centenas de guerreiros. Tinha grandes quantidades de milho armazenado e extensas roças de mandioca e de outros gêneros (Nunes, Carvajal, Vasquez, Altamirano, Zúñiga, Monguia).

MAITAPUS

v. Pinhel

MANAUS (Sta. Cruz de Tarumãs, S. José de Tarumãs, Fortaleza da Barra do rio Negro)

Em 1657 os jesuitas começaram a catequese do baixo r. Negro pela aldeia dos Tarumãs, situada junto à barra. Foi formada inicialmente com Tarumãs e depois com Baré, Pasé (estes pouco antes de 1775) e Baniwa.

Em 1820 era habitada por Aruaque, Baré, Baniwa, Pasé, Jurí, Coeretu, Macuná, Yupiuá, Coeruna, Uainumá, Cauauri, Marauá, Xumana, Catauixí, Amamati, Mirânia e Tarumã (Spix e Martius).

MANICURI (Maricuri)

Uma aldeia omagua da parte oriental desta *província*, entre Tabatinga e S.Paulo de Olivença, mencionada em 1560. Não há informações mais precisas. (Vasquez, Monguia).

v. Carari para estimativas de população de outra (?) aldeia.

v. Carari e Manicuri em I.

MANUTÁ

Aldeia dos Ibanoma do médio Solimões, entre o Japurá e o Carapanatuba. Em 1700 ou pouco antes, o carmelita Francisco de Sto. Anastácio, aproveitando a morte do *principal* Aurifaru (v. em III), tentou reduzir seus moradores e descer parte deles para Belém. Houve resistência e o frade foi morto pelos Ibanoma com ajuda dos Guayupé, tribo das vizinhanças (v. em I) (Fritz).

Em 1702 frei Vitoriano Pimentel, também carmelita, os atraiu novamente fundando no local a missão de Sto. Alberto (Pimentel).

MARABITANAS, S.José de

Povoado e lugar fortificado do alto r. Negro, acima da confl. do Içana. Foi formado com índios Marabitana e Ayrini ou Arunié.

MARACATÉ

Décima aldeia omagua, de E a W, mencionada em 1691 por Fritz no r. Solimões, junto à foz do Tonantins.

MARAPY

v. Imari.

MARIBITÉ

Quarta aldeia omagua, de E a W, mencionada em 1691 por Fritz no r. Solimões, logo abaixo da foz do Jutáí.

MARICURI

v. Manicuri

MARIUÁ

v. Barcelos

MATARI

Um aldeamento de índios Aruaque (v. em I) assistido pelos

mercedários, na foz do rio homônimo a um dia da foz do r. Urubu (Maroni).

MATURÁ 1.

v. Porto de Mós

MATURÁ 2.

v. Amaturá

MAUÉS

Em 1819 era um *grande povoado* (aldeiamento missionário) de índios Maué, na região de Parintins (Spix e Martius).

MAYAVARÁ

A primeira e mais oriental das aldeias omagua do r. Solimões, mencionada por Fritz em 1691; situava-se numa ilha fronteiriça a Foz do Mamoriá.

MAYTI

A terceira aldeia omagua, de W a E, descrita por Cruz em 1647; estaria situada na ilha Aramaçá, entre Tabatinga e a foz do Javari e pode ser identificada com a aldeia Quematé (v.) mencionada por Fritz em 1691. Tinha oito casas e 20 homens adultos, com um total presumível de 60 a 80 habitantes.

MELGAÇO (já Guaricuru)

Vila do baixo Amazonas habitada, em 1763, por Nheengaiba e Mamaiana, que conf. Vieira haviam sido descidos pouco antes de 1662 (Queirós).

MOCOMOCO (ou Aldeia das Tartarugas)

A segunda aldeia, de W a E, da *província* de Machiparo (v. em I), descrita em 1560. Situava-se na marg. dir. do Solimões, entre a foz do igarapé Caiambé e a do r. Catuá. Neste sítio, Lope de Aguirre mandou assassinar Pedro de Ursua (Vasquez, Altamirano, Zúniga, Monguia).

MOFAMA, Terreiro de

v. Terreiro do Diabo

MOJRI (Moiri ?)

Em 1727 era uma aldeia Parucuató do r. Urucurin ou alto Mapuera (S.Manços).

MOMUNHARI

Em 1727 era uma aldeia Parucuató do r. Urucurin ou alto Mapuera (S.Manços).

MONTE ALEGRE (Já Gurupatuba)

Vila na marg. esq. do baixo Amazonas, próxima à foz do Maicuru. Foi formada com índios *Aru* (Aruan ?), Iruri, Baré e Maué.

MOREIRA (Já Caboquena e Camará)

Povoado na marg. dir. do r. Negro 85 km acima de Barcelos. Formada com índios Manao, Baré, Carayaí, Japiuá, Baniwa e Jaruna.

Em 1820 era habitada por Manao, Baré, Pasé, *Uaipiana* (Uapixana ?) (Spix e Martius).

MOURA (Já Itarendaua e Pedreira)

Vila na marg. dir. do r. Negro 30 km abaixo da confl. do r. Branco. Formada com índios Manao, Carayaí, Coeuana e Juma.

Em 1820 era habitada por Carayaí, Manao, Coeruna, Juma, Jurí, Pasé, Uainumá (Spix e Martius).

MOXOTOREÍ'

Em 1727 era uma aldeia principal do r. Urucurin ou alto Mapuera, cujo chefe Teumigé (v. em III) era tido como *maioral* de outras aldeias (S.Manços).

MURUAPIG

v. Oriximiná

NHAMUNDÁ, Sta. Cruz de

v. Faro

NOGUEIRA (Já Parauari)

Povoado fronteiroço a Tefé, no lago deste nome. Formado com

índios Pasé, Juma, Grilho, Manao, Juri, Catauishí, Uayupí, Yauaná, Ambuá, Mariarana e Cyru.

N.S. das CALDAS

Povoado do alto r. Negro habitado, em 1820, por Uaupé, Manao, Macu e Mepuri (Spix e Martius).

N.S. da GUIA

Povoado no alto r. Negro, acima do Içana. Formado com índios Baniwa.

OANÁ

Em 1727 era uma aldeia Parucuató do r. Urucurin ou alto Mapuera (S.Manços).

ÓBIDOS (Já Pauxis)

Fortaleza e vila na marg. esq. do estreito homônimo do r. Amazonas. Tomou o antigo nome de Pauxis de uma tribo da região.

OLIVENÇA

v. S.Paulo de Olivença

ORIXIMINÁ (Urixaminá)

Nome indígena do r. Trombetas. A vila homônima situa-se na marg. esq. da sua foz, no médio Amazonas. Nas suas proximidades esteve a missão de Muruapig.

OURO, Aldeia do

Uma aldeia dos Curuzirari, a mais ocidental desta tribo, próxima ao igarapé Uarini e fronteira a uma das bocas do Japurá. Em 1639 a expedição de Pedro Teixeira deu-lhe este nome devido a seus habitantes usarem pequenas lâminas e pingentes de ouro no nariz e orelhas. Diziam que lhes vinham do r. Yquiari ou *do ouro* (o r. Negro ou um seu afluente não identificado), de onde os Manao os levavam para os Curuzirari através dos rios Urubaxi e Japurá.

v. Ouro, Rio do

OURO, Rio do

Um rio não identificado ao norte do Solimões, possivelmente o Negro, o Uaupés ou um seu afluente, conhecido pelos índios do Solimões como r. Yquiari. Em 1639 os seus moradores, Yumaguari ('*os tiradores de metal*' conf. Acuña), forneciam folhetas e pingentes de ouro aos Manao do r. Negro, os quais pelo Urubaxí passavam ao Japurá e chegavam ao Solimões para fornecê-los aos Curuzirari (v.) ou Aisuari (v.) Já para Heriarte, o Rio do Ouro seria o Carapanatuba ou o Copeá, habitado pelos Yaguanai (v. em I), e teria recebido esse nome porque *por ele abaixo lhe vinham* [aos Yaguanai] *pedaços pequenos de ouro*.

OUTEIRO

v. Prainha

PAKEPHÁ

Em 1727 era uma aldeia Parucuató do r. Urucùrin ou alto Mapuera (S.Manços).

PARAGUAXO

Uma serra no interior da marg. esq. do baixo Amazonas, na altura do r. Maicuru. Os índios diziam que resplandecia como se afluassem pedras brilhantes; ocasionalmente ouviam-se estrondos inexplicados (Acuña).

PARANAGUAÇU ("rio grande")

É como os Tupinambá (Tupinambarana?) chamavam o r. Amazonas (Acuña).

PARANAIBA

O nome indígena do r. Xingu (Acuña). *Mar ruim*, na língua dos índios (Heriarte).

PARAUARI

v. Nogueira

PARU

v. Almeirim

PAUXIS

v. Óbidos

PEDREIRA

v. Moura

PERÁNAMSASJ (aldeia ou chefe de aldeia ?)

Em 1703, o carmelita frei Vitoriano Pimentel escreveu : *A 18* [de janeiro] *cheguei à aldeia de Peránamsasj, donde também fiz nova missão com o título de Sta. Maria Madalena de Pazis, e a este principal dei o último vestido.* . A aldeia ficava a montante dos Aisuari, portanto, provavelmente, acima da foz do Juruá.

v. Peránamsasj em III.

PEUHATERI

Em 1727 era uma aldeia Parucuató do r. Urucurin ou alto Mapuera (S.Manços).

PICURU

Em 1639 é tido como um sítio ao longo do r. Maicuru, afl. da marg. esq. do baixo Amazonas, de onde os índios, em outras épocas, teriam extraído um metal branco (Acuña).

PINHEL (Já Maitapus)

Povoado da marg. esq. do Tapajós, abaixo de Vila Boim.

PIRAMOTA

A mais ocidental das aldeias omagua do alto Amazonas visitadas e descritas por Cruz em 1647. Situava-se numa ilha de duas léguas de comprimento por menos de meia légua de largura, coberta de bosque alto, provavelmente a atual Ilha do Cacau, entre Caballo Cocha e Loreto, cerca de 100 km acima de Tabatinga. Tinha 28 casas de madeira cobertas de folhas de palmeira, com uma porta em cada extremidade, alinhadas perpendicularmente à praia. Tinha 330 habitantes, sendo 80 homens adultos (*índios de lança*). A aldeia foi batizada S. Pedro de Alcântara por frei Laureano de la Cruz.

PIRAVIRI

v. Pombal

POIARES (Já Cumaru 2. e Jurupariporaceitáua)

Povoado da marg. dir. do r. Negro, cerca de 100 km acima da confl. do Branco e 50 abaixo de Barcelos. Foi formado com índios Manao e Baré (autóctones) e Passé do r. Japurá.

Em 1820 era habitada por Manao, Baré, Pasé e Jurí (Spix e Martius).

POMBAL (Já Piraviri)

Vila da marg. dir. do baixo Xingu, 85 km acima da foz.

POPUNHARI

Em 1727 era uma aldeia Parucuató do r. Urucurin ou alto Mapuera (S.Manços).

PORTEL (Já Aricará)

Vila do baixo Amazonas, na foz do r. Pacajás; em 1763 era *a maior do Estado, com mais de mil pessoas das nações* Ariquena, Manao, Mamaiana, Tucuju, Chiapoeina, Yaguarussu, Pacajá, Acoatiatinga, Taconhapé, Purupuru, Moyuana, Xipapocuyuana e Tautitena (Queirós).

PORTO DE MÓS (Já Maturá 1.)

Vila na marg. dir. do baixo Xingu, 10 km. acima da foz.

Em 1819 sua população incluía índios Taconhapé e Juruna (Spix e Martius).

PRAINHA (Já Outeiro e antes Urubuquara)

Vila na marg. esq. do baixo Amazonas, fronteira à foz do r. Uruará.

QUAÇANARI

Em 1727 era uma aldeia Parucuató do r. Urucurin ou alto Mapuera (S.Manços).

QUEIMADOS, Aldeia dos

A segunda aldeia, de W a E, da *província de Picotas* (v. em I). Conf. Carvajal, em 1542, situava-se numa região de lagos e pântanos que pode ser identificada com o lago de Silves. O nome foi

dado em referência a uma cabana em que Orellana mandou queimar vivos homens, mulheres e crianças em represália ao ferimento sofrido por um de seus soldados durante o desembarque.

QUEMATÉ

A 23ª. aldeia omagua, de E a W, mencionada em 1691 por Fritz no r. Solimões. Localizava-se na grande ilha Aramaçá, junto à foz do Javari. Correspondia em 1647 a Maytí, a terceira aldeia (de W a E) descrita por Cruz.

QUIRIMATATÉ

Aldeia dos Aisuari mencionada em 1689 por Fritz e situada no Solimões, entre a foz do Japurá e a do Juruá.

RUA, Aldeia da

v. Escondida, Aldeia

SACAYEY

A segunda aldeia omagua, de W a E, descrita em 1647 por Cruz no alto Amazonas. Situava-se junto à foz do r. Cayaru, 60 km acima de Tabatinga. Tinha 14 casas e 30 homens adultos, o que corresponderia a um total de cerca de 100 pessoas.

SAMONATÉ

Em 1691 era uma aldeia dos Aisuari pouco acima da foz do Juruá (Fritz).

Sta. CRUZ dos ARUAQUIS

v. Terra Santa

Sta. CRUZ do NHAMUNDÁ

v. Faro

Sta. ISABEL

Povoado na marg. esq. do alto r. Negro, formado com índios Uaupé, Juri, Pasé, Uerequena, Baniwa, Baiana, Mequiritari e Macu. Em 1820 era habitada por Manao e Uaupés (Spix e Martius).

Sta. LUZIA, Rio De

Nome dado por Pedro Teixeira ao r. Negro em 1639. O seu baixo curso (dois dias de navegação acima da barra) era densamente povoado: *é gente de guerra, mais política que os demais que [do rio abaixo] até ali vivem; em seu poder encontrei alguns pedacinhos de prata metidos em madeiras que traziam nas orelhas* . *Aquí fizemos quinhentas fânegas de farinha de mandioca para nosso resgate, por haver muitíssima, e milho, que é o sustento de todos os moradores de um e outro rio [o Negro e o Amazonas].*

Sta. MARCELINA

Povoado do alto r. Negro habitado, em 1820, por Baniwa, Baré e Marabitana (Spix e Martius).

SANTAREM (Já Aldeia dos Tapajós)

O antigo nome da grande Aldeia dos Tapajós acabou ficando só com o rio em cuja foz ela se situava.

v. Tapajós em I.

S. FERNANDO

v. Içá

S. GABRIEL DA CACHOEIRA

Povoado na marg. esq. do alto r. Negro, logo abaixo da confl. do Uaupés. Formado com índios Baré, Mepuri e Juri-Pixuna.

S. JOSÉ DO JAVARI

Povoado fundado em 1759 na marg. dir. do Solimões, junto à foz do Javari. Formado com índios Tukuna.

S. MATIAS

Povoado da marg. esq. do baixo Japurá, próximo ao desaguadouro do lago Ayamá. Foi formado em 1774 com índios Aniána e Yucuna descidos dos rs. Japurá e Apaporis.

S. PAULO DE OLIVENÇA (Já S. Paulo de Cambebas)

Vila do alto Solimões formada com índios Omagua autóctones, além de Tukuna, Pasé, Juri, Xumana e Mirânia.

S. PEDRO DE ALCÂNTARA

v. Píramota

SARACÁ

v. Silves

SERPA

v. Itacoatiara

SILVES (Já Saracá)

Vila do lago homônimo, na marg. esq. do médio Amazonas. Foi formada com índios Anibá, Aruaque, Baré, Carayai, Comani, Baeuna e Pacuri (Sampaio).

SOUSEL (Já Aricari)

Povoado do atual distrito de Senador José Porfírio, na marg. dir. do baixo Xingu.

SURUBIU

v. Alenquer

TABATINGA

Vila na atual fronteira com Colômbia, no alto Solimões; formada com índios Tukuna.

TAPAJÓS, Aldeia dos

v. Santarém nesta seção e Tapajós em I.

TARACUATIBA (Taraquatôo)

v. Fonte Boa

TAPÍ

v. Tefé

TARTARUGAS, Aldeia das

v. Mocomoco

TARUMÁS, Sta. Cruz de (e S. José de)

v. Manaus

TEFÉ (também Tapí; já Ega e antes ainda Tefé)

Na margem direita do Solimões e junto à foz do rio/lago homônimo. Foi formada com índios Jurimagua, Janumá, Uayupí, Kueretu, Coeruna, Juma, Yupiuá, Tamuana, Jauaná, Tupiná (?), Aisuari, Manao, Xama, Juri e Pasé.

TERRA SANTA (Já Sta. Cruz dos Aruaquis)

Povoado próximo a Faro e à foz do Nhamundá, na marg. esq. do médio Amazonas.

TOMAR (Já Bararoá)

Povoado na marg. dir. do r. Negro, cerca de 160 km acima de Barcelos. Formado com índios Manao, Baré, Pasé, Uyuaná e Guirina.

Em 1820 era habitada por Manao e Baré (Spix e Martius).

TRINDADE, Rio da

Nome que os companheiros de Orellana deram em 1542 a um afluente da marg. dir. do r. Solimões, em cuja foz havia tres ilhas. Duas léguas acima deste rio ficava a mais ocidental das aldeias da *província* que Carvajal chamou *Omagua* (v. *Omagua* l. em I), identificável não com os *Omagua* mas com os *Yoriman/Jurimagua/Solimões*.

TUCUTÉ

A 16.^a aldeia *omagua*, de E a W, mencionada por Fritz em 1691 no r. Solimões. Situava-se na ilha Tupenduba, acima de S. Paulo de Olivença.

TUPINAMBARANAS, Aldeia dos

v. Vila Boim

TURUCUATÉ

Aldeia dos Aisuari situada na marg. dir. do Solimões, pouco abaixo da foz do r. Juruá (Fritz).

UARATAPERA (“lugar da antiga aldeia de Uará”)

Localidade da marg. dir. do Solimões, abaixo da foz do Catuá,

sobre altas barrancas vermelhas e amarelas (“costa de tabatinga”); em 1775 estava tomada de cacauais silvestres (Sampaio).

UATÉ

A sétima aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz em 1691 no r. Solimões. Situava-se a meia distância entre a foz do Jutai e a do Auati-Paraná.

UCAYARI

Denominação local do r. Uaupés.

URUBUQUARA

v. Prainha

URUNA

Denominação do r. Negro pelos Tupinambá, significando *água negra*, conf. Acuña em 1639.

VEIROS (Já Itacuruçá)

Vila na marg. dir. do baixo Xingu, 59 km acima da foz.

“VICIOSA” (ou “Perigosa”), Aldeia

Em 1542 era uma das aldeias mais orientais da *província* de Paguana (v. em I), abaixo da foz do Purus. Conf. Carvajal, os companheiros de Orellana deram-lhe este nome pelo temor que inspiravam o seu tamanho e a agressividade dos seus habitantes.

VILA BOIM (Já Sto. Inácio e Tupinambaranas)

Povoado na marg. esq. do baixo Tapajós, cerca de 100 km acima da foz, para onde os jesuitas transferiram os Tupinambarana da ilha homônima.

VILA FRANCA (Já Cumaru 1.)

Povoado na marg. esq. da foz do Tapajós.

VILARINHO DO MONTE (Já Caviana)

Povoado na marg. dir. do baixo Amazonas, 15 km a jusante da foz do Xingu.

XIBOLICÁ

Em 1727 era uma aldeia Parucuató do r. Urucurin ou alto Mapuera (S.Manços).

YACAMIABA

Conf. Acuña, em 1639, era o nome de uma alta montanha na serra de Acaraí, que os Tupinambarana da ilha homônima diziam ser a morada das Amazonas.

YAGUANAI (ou Yaguamales), Aldeia dos

Em 1560 era uma grande aldeia (*maior do que todas as que havíamos encontrado*) no território dos Yaguanai (v. em I), situado no Solimões, abaixo da foz do Coari e possivelmente na região de Codajás. Ocupava uma estreita faixa de terra entre o rio e um lago ou igarapé: *tinha mais de duas léguas de comprimento, sucedendo-se as casas uma ao lado de outra ao longo da barranca do rio* *Atrás desse povoado, a um tiro de balhesta da barranca do rio, há uma lagoa ou esteiro grande junto ao qual o povoado vai também se prolongando de maneira a ficar como numa longa e estreita ilha. A terra é quase toda alagadiça, a não ser somente (onde estão) as casas e algumas sementeiras pequenas junto delas* (Vasquez). Para Altamirano a aldeia tinha mais de tres léguas e na época das enchentes os habitantes se transferiam para *outras casas feitas como palafitas sobre as árvores, com todo o necessário para poder viver.* (Também em Zúñiga e Monguia).

YAGUARACURU

Em 1639 era o nome de um morro situado seis jornadas acima pelo r. Maicuru, afl. marg. esq. do baixo Amazonas, em cujo sopé os índios extrairiam ouro de aluvião (Acuña).

YANAUAUOCA (ou Yenefiti ?)

Aldeia dos Manao na foz do Urubaxí (Noronha). Conf. este autor (1768), tinha sido anteriormente chamada *Yenefiti* por Fritz e La Condamine.

YAUASATÉ

A 13.^a aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz em 1691

no r. Solimões. Sua localização seria a da ilha Monte Cristo ou Amatchiro.

YENEFITI

v. Yanauauoca.

YOABONI

Aldeia dos Ibanoma (v. em I) situada na foz do Japurá (Fritz).

YOAIUATÉ

A 24.^a aldeia omagua, de E a W e a primeira situada além da atual fronteira de Tabatinga, junto à foz do r. Cayaru, conf. Fritz em 1691. Correspondia, em 1647, à segunda aldeia (Sacayey) descrita por Cruz. Em 1693 Fritz transferiu os seus moradores para *a terra dos Mayorunas*, na marg. dir. do alto Amazonas acima do Javari, onde fundou o aldeamento de N.S. de Guadalupe.

YOETÉ

A 12.^a aldeia omagua, de E a W, mencionada por Fritz no r. Solimões em 1691. Situava-se numa ilha acima da grande curva que o Solimões descreve antes de receber o r. Içá; possivelmente a ilha Amaturá.

YQUIARI

v. Rio do Ouro

YRIQUIRIQUI

Tido em 1639 (Acuña) como o nome indígena do r. Maicuru, na marg. esq. do baixo Amazonas, em cuja foz os portugueses fundariam a aldeia de Curupatuba, depois Monte Alegre.

III — CHEFES E PAJÉS

AJURICABA

Um principal da nação dos Manaos que vivia a vinte dias de navegação pelo rio [Negro] acima [próximo a Lamalonga, acima de Barcelos] Andava este muito orgulhoso com bandeira holandesa numa embarcação que havia tirado a um capitão português, fazendo-se temer por todos. Outro principal da mesma nação, seu inimigo capital, chamado Caba, vendo que não podia fazer-lhe frente, pediu a ajuda dos portugueses os quais, depois de muitas escaramuças, prenderam finalmente Ajuricaba em 1728; mas ao levá-lo preso ao Pará, outros cativos infiéis mataram os soldados que o escoltavam e o Ajuricaba, com grilhões e algemas, atirou-se ao rio. Deram-no então por afogado, mas ao cabo de alguns meses corria notícia de que andava pelo rio Japurá fazendo destruição e que numa luta havia morto outro principal chamado Demanê. (Maroni em 1738, conf. notícias de portugueses da região em 1731).

Conf. Sampaio (1775), fizera aliança com os holandeses e lhes fornecia escravos tomados nos aldeamentos portugueses. Em seus ataques era acompanhado pelos *principais* Debarí e Bejarí, que mataram o *principal* Caranumá ou Carunamá, do r. Xiuará. Depois da sua morte, *os mais da sua nação esperavam por ele como pela vinda de El Rei D. Sebastião* (Sampaio).

APARIA (Aparian, Parian)

Nome ou título do *cacique* ou *senhor principal* da *província* homônima (v. em I) do alto Amazonas, descrita por Carvajal em 1542 e que pode ser identificada com os Omagua do séc. 17. Era também o nome de duas aldeias principais da *província* (v. em II).

ARIMAVANA (Arimabana, Arimauana)

Em 1689 era o chefe da aldeia Yoaboni (v. em II) dos Ibanoma (v. em I), junto à foz do r. Japurá (Fritz).

ARRIPUNA

Chefe de uma tribo quinhentista da marg. esq. do baixo Amazo-

nas, entre Monte Alegre e a foz do Paru, que Carvajal denomina *Província dos Negros* (v. em I) devido à pintura corporal preta. Este nome e outras informações sobre a *província* teriam sido dados a Orellana pelo informante índio do r. Trombetas que já havia descrito aos espanhóis (não se sabe em que idioma) o fantástico país das Amazonas. Apesar da inverossimilhança de tal diálogo, merece registro o sufixo *una* daquele nome, que remete a *preto* em tupi (Caripuna ?).

AUANARIA

Em 1700 era um *principal* dos Aisuari (v. em I) do r. Solimões. Uma aldeia dessa tribo, defronte à foz do Juruá, tinha o mesmo nome (v. em II). (Fritz).

AURIFARU

Em 1700 é mencionado como um *principal* dos Ibanoma (v. em I), morto naquele ano ou um pouco antes (Fritz).

BONIATÁ

Em 1726 era chefe da aldeia Parucuató de Calarapari, no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

CABÁ

Um *principal* dos Manao do médio r. Negro, inimigo de Ajuricaba (v.) e que pediu ajuda aos portugueses para derrotá-lo (Maroni). Conf. Noronha (1768), os índios do lugar de Lamalonga viviam antes em Tomar, mas dela *se separaram porque, desavendo-se o principal José João Dari com o principal Alexandre José de Sousa Cabá Cabari, retirou-se aquele com os seus índios e fundou a povoação que hoje é Lama Longa, à qual depois se agregaram os índios que povoavam a aldeia chamada Auauidá, que estava situada na margem austral do rio Negro, tres léguas acima de Lama Longa. No mapa de Mr. De Condamine a dita aldeia está apontada com o nome de Aravida (Auidá, corrige Sampaio em 1775).*

CABOQUENA (Cabuquina), José de Menezes

Principal da tribo homônima que, *com outros do seu partido*, aban-

donou a vila de Moura, no Uarirá, e foi fundar o lugar de Moreira (Noronha, 1768).

Em 1757, sendo aliado dos portugueses, havia sido morto no levante comandado pelos índios Domingos (de Lamalonga), João Damasceno, Ambrósio e Manoel, aos quais aderiram os principais Uanocaçari e Mabé (este de Poiares) e no qual também foi morto o carmelita frei Raimundo de Sto. Eliseu.

CAMANDRI

Principal dos Manao do r. Inuixí (marg. dir. do Negro); fundou a aldeia de Mariuá, que como Bracelos se tornaria a principal do r. Negro. Convertido ao cristianismo por instâncias da mãe (Sampaio).

CARABIANA

Em 1691 era um *principal* dos Tarumã do baixo r. Negro (Fritz).

CATIAMANI

Em 1787 era um *principal* dos Kueretu do r. Apaporis (Ferreira).

CAUHINARAO

Um principal dos Macu descidos para Sto. Antonio do Castanheiro Velho, no alto r. Negro (Ferreira)

CAYTABUNA

Em 1665 era o principal chefe dos Aruaque do r. Urubu (Bettendorff).

CHIPAYO

v. Nurandaluguaburabara

CLOEM

Em 1727 era sucessor de Huzá (v.) na chefia da aldeia Parucuató de Popunhari, no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

COÑORI

Grande senhora de uma suposta nação de mulheres em que Carvajal, em 1542, viu as amazonas americanas. O nome parece

associar-se ao dos Conduri da região Nhamundá/Trombetas, registrados a partir do séc. 17 (v. Conduri e S.João, em I).

COUYNCO (ou Quenyuc)

Chefe de uma tribo não identificada do séc. 16, talvez os Conduri, cuja *província* ocupava as duas margens do Amazonas desde o Nhamundá até o Tapajós. Conf. Carvajal, este chefe e a sua tribo eram *tributários* de uma nação de mulheres (as *amazonas*) que viviam na terra firme do interior (v. S.João em I).

CUMARU, João

Índio principal dos Tupinambarana, que Fritz encontrou em 1689 junto à barra do r. Negro acompanhando uma tropa de resgate. Morto antes de 1698 em idade avançada (Bettendorff).

CUNHÃ MOACARA

Antes de 1719 vivia, entre os Abacaxi ou outra tribo do médio Amazonas, *uma mulher chamada Cunhã Moacara, ou seja, no idioma do país, 'Mulher de grande nobreza'. Era ela sumamente respeitada e venerada por todos bem adestrada nas bruxarias do demonio, a quem chamava o seu deus, e fazia aparecer no ar figuras tão assustadoras que a todos horrorizavam. A ela todos acorriam como a um oráculo e os tubixabas de todos os povoados lhe obedeciam como se fosse sua rainha e ao retornar da guerra lhe tributavam os prisioneiros mais gordos. Ao lado da sua casa havia uma espécie de templo coberto com folhas de palmeira em que havia uma figura monstruosa, semelhante ao macaco no rosto e à cabra nos pés, sendo em todo o resto humana e era este o lugar onde ela se recolhia para falar com o demonio* (Carvalho).

CURIANA

v. Curiana em I.

DARÍ (Darico)

Um *principal* dos Manao, fundador da aldeia que levou o seu nome, depois Lamalonga (Sampaio).

v. Cabá.

DEMANÊ

Um *principal* do r. Japurá que teria sido morto por Ajuricaba (v.) (Maroni).

HUZÁ

Em 1726 era chefe da aldeia Parucuató de Popunhari, no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera, e subordinado ao *maioral* Teumigé (v.) (S.Manços).

ICA (Inca ?)

Um grande chefe tribal (ou talvez a própria tribo) de uma região não identificada ao sul do alto Amazonas, possivelmente entre o Javari e o Ucayali: *Diziam os índios da província de Aparia* (v. em I) *que havia um grandíssimo senhor na terra adentro para o sul, que se chamava Ica, o qual tinha grandes riquezas de ouro e prata* (Carvajal, em 1542).

ICHIPAYO (Chipayo)

v. Nurandaluguaburabara

JAGUARAMIRIM

O nome de um *principal* da aldeia tupinambá situada na ponta leste da ilha Tupinambarana (Cruz, em 1650).

MACHIPARO (Machifaro, Machifalo)

Nome de tribo ou *província* do r. Solimões que Carvajal, em 1542, parece estender à pessoa do chefe político: *Chegamos à província de Machiparo, que é mui grande senhor e de muita gente.*

MACOJRI

Em 1727 era chefe da aldeia Parucuató de Cleoca, no r. Urucurin ou alto Mapuera (S.Manços).

MACUANIMA

O *principal* de um grupo não identificado (Macu ?), que em

1768 vivia num riacho que deságua na marg. dir. do r. Negro, entre o Uaupés e o Içana (Noronha).

MACUPURÍ

Um *principal* que, com índios Coeruna e Juri, formou antes de 1775 uma aldeia no sítio originalmente ocupado pelo povoado de Sto. Antonio (v. em II), na marg. dir. do Japurá oito dias acima da foz, depois que o mesmo havia sido transferido para a localidade que ocupava em 1775 (Sampaio).

MAMORINY

Em ca. 1690 era um *principal* dos Iruri do Madeira (Bettendorff ?).

MANOTA

Um índio Ibanoma (v. em I) do alto Amazonas, coxo e caolho, que em 1691 teria espalhado entre os Jurimagua a notícia de que Samuel Fritz não voltaria à sua missão e que os portugueses estavam prestes a atacá-los (Fritz).

MARIA MOACARA

Na década de 1660, era Maria Moacara *princesa, desde seus antepassados, de todos os Tapajós, e chamava-se Moacara, quer dizer fidalga grande, porque costumam os índios, além de seus Principais, escolher uma mulher de maior nobreza, a qual consultam em tudo como um oráculo, seguindo-a em seu parecer* (Bettendorff).

v. outra pajé em Cunhã Moacara.

MATEUS

Um dos dois portugueses ou mamelucos que acompanharam a migração dos Tupí pelo Amazonas em direção ao Peru ao redor de 1540; desconhece-se o nome do outro (Vasquez).

Os dois teriam sido líderes do movimento e morreram na viagem (Aguilar y Córdoba).

v. Chachapoyas em II.

MATIVA (Matiuá ?)

Um *principal* dos Jurimagua que teve papel importante, entre 1689 e 1700, no trabalho missionário de Fritz.

MAXACARI

Em 1726-27 era chefe da aldeia Parucuató de Mojri, no r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera, e subordinado ao *maioral* Teumigé (v.) (S.Manços).

MAYRCATIZI

Em 1649 era o *grande feiticeiro* de uma aldeia omagua fronteira à foz do Içá, possivelmente a aldeia Catoreará (v. em II) de Fritz (Cruz).

MOACARA 1.

v. Maria Moacara

MOACARA 2.

v. Cunhã Moacara

NURANDALUGUABURABARA

Em 1542 era o chefe de uma tribo que habitava a marg. dir. do baixo Amazonas, imediatamente a leste da foz do Xingu. No Ms. Muñoz da crônica de Carvajal (*apud* Medina), esse nome pouco plausível é substituído por *Ichipayo*. Nimuendaju (1953), que equivocadamente situa esta passagem de Carvajal nas proximidades do r. Tapajós, sugere a identidade *Chipayol/Tapajó*.

PAGUANA

Grande senhor da *província* homônima, na marg. dir. do Solimões, nas proximidades do r. Purus. Este *senhor*, que teria em seu território lhamas e muita prata, é mencionado em 1542 por Carvajal mas não chegou a ser visto pelo cronista e nem pelos seus sucessores.
v. Paguana em I.

PARIAN

v. Aparia

PERANAMSASJ

v. em II.

SSOEMARINI (Yoemarini ?)

Um chefe local, possivelmente dos Aisuari, mencionado no r. Solimões por Fritz em 1697.

TABAPARI

Em 1662 era um *chefe principal* na região da foz do r. Negro, *que é como rei, tem debaixo do seu domínio muitas aldeias de diversas nações e delas é obedecido com grande respeito* (Heriarte).
v. também Carabuyana em I.

TEUMIGÉ

Em 1727 era o chefe da aldeia Parucuató de Moxotoreí e *maioral* de outras (Popunharí e Mojri) do r. Urucurin ou alto *Trombetas*, possivelmente o alto Mapuera (S.Manços).

TOMARI

Em 1727 era chefe da aldeia Parucuató de Momunhari, no r. Urucurin ou alto Mapuera (S.Manços).

TURURUCARI

Em 1662 era tido como o nome ou título do chefe supremo dos Omagua.
v. em V: Chefia política
v. em IV o mesmo nome com outra acepção.

TUXIAPÓ

Em 1660 era um *principal* dos Tapajó que recebera título de Sargento-mór (Bettendorff).

UIRA-AÇU (Viarazu, Virrazu)

Chefe de uma tribo Tupi (Tupinambá ?) do nordeste que entre 1535 e 1540 iniciou a grande migração pela Amazônia e chegou à vila de Chachapoyas (v. em II), no Peru, em 1549 (Zúñiga, Ortiguera).

IV — CRENÇAS E DIVINDADES

ALMAS (seu destino)

Em 1719, *os Abacaxis acreditam que gozará de vida feliz e eternas alegrias aquele que na guerra fez maior chacina de seus inimigos e que maior quantidade de ossos juntou em sua casa; de todas as demais almas [i.e., as daqueles que assim não procederam], dizem que se convertem em cervos tímidos e fugidios e por essa razão, como eles dizem, que o céu os guarde de comer tal carne, para que os seus míseros parentes não sejam exterminados do mundo* (Carvalho).

Em 1775 os Tukuna *professam o miserável dogma da metempsicose, ou doutrina pitagórica da transmigração das almas para outros corpos, ainda [que] dos irracionais* (Sampaio).

ALTARES

Em 1542, na marg. esq. do Amazonas abaixo da foz do r. Negro e possivelmente na altura do r. Urubu, *aportamos num povoado médio onde o gentio nos esperava. Nesse povoado havia uma praça muito grande, e no meio dela um pranchão grande, de dez pés em quadrado [em outra versão, de redondo] com desenhos entalhados em relevo. Viu-se também, nessa mesma praça, uma casa não muito pequena, dentro da qual havia muitos trajes de plumas de diversas cores, que os índios vestiam para celebrar suas festas diante do dito pranchão, e lá oferecer seus sacrifícios* (Carvajal).

ANTEPASSADA MÍTICA

Os Iruri do Madeira, em 1689, *dizem que procedem de uma mulher que veio prenhe do céu e pariu cinco filhos, dos quais o primeiro se chama Iruri, o segundo Onicoré, o terceiro Aripuanã, o quarto Surury, o quinto finalmente Paraparixana, e que esta mulher, estando um dia comendo peixe assado, que chamam mocahem, e vendo-se apanhada por seus filhos com essa iguaria, se envergonhara e se retirara para o céu de onde tinha vindo, e disso procede que os índios Irurizes aborrecem aquele gênero de iguaria assada* (Relato de Bonomi em Bettendorff).

AURA

Em 1662 era mencionado como uma divindade dos Tapajó (Heriarte).

v. Ídolos.

v. Tapajó em I.

CHISE (Chisse)

Era o nome do sol, para os Omagua (?) de Aparia no séc. 16, que o adoravam como divindade: para Carvajal, *eles adoram e têm por seu Deus ao sol, que chamam Chise*. Para Métraux *chise* em guarani é *estrelas, não sol*.

CIRCUNCISÃO E IMPOSIÇÃO DO NOME

Em 1768, entre os Tukuna (e talvez outros grupos da bacia do Içá), *poucos dias depois de nascidos, os filhos de um e outro sexo são circuncidados pelas mães, que são as ministras desta operação. Aos do sexo viril cortam a extremidade do prepúcio e a ligadura inferior que o prende à fava; e às do outro sexo, a excrescência exterior, em cuja mais clara explicação seria menor o interesse da curiosidade do que o prejuízo da modéstia. A esta cerimônia é subsequente a de imporem nomes aos filhos com festas e bailes, na presença de uma horrível figura que dizem ser do demônio, coberta com a dita estopa tirada da cortiça de certos paus e com pontas compridas na cabeça, a qual é feita de uma espécie de abóbora amarga e redonda* (Noronha).

COSMOLOGIA

Em 1768 os Pasé do r. Japurá *têm por certo haver um criador do universo, cuja natureza ignoram. Dizem que o sol é firme e quieto, como no sistema copernicano, e o movimento é só da terra e necessário para ela se fecundar em todas as suas partes com o calor do sol. Que só há dois astros, a saber, o sol e a lua; esta, para dar luz de noite e aquele de dia. Que o espaço superior ao sol e à lua está dividido do espaço inferior por uma abóbada azul, a modo de gelosia, e que como todo o espaço superior é luzido por ser habitação de Deus, descem vários raios daquela luz pelos interstícios da abóbada, os quais se nos representam como estrelas. Que os rios e riachos são artérias e veias do corpo da terra e que a correnteza dos mesmos rios é causada pelo movimento da terra* (Noronha).

CULTO DOS ANTEPASSADOS

Em 1662, entre os Tapajó, *quando morre algum destes índios o deitam em uma rede e lhe põem aos pés todos os bens que possuía na vida, e na cabeça a figura do diabo feita a seu modo, lavrada de agulha como meia, e assim os põem em umas casas que têm feitas só para eles, onde estão a mirrar e a consumir a carne; e os ossos moidos os botam em vinho e seus parentes e mais povos o bebem. De tudo isso têm tirado em parte os Rdos. Padres da Companhia de Jesus que os vão a doutrinar de quando em tempo* (Heriarte).

Nos primeiros anos do séc. 18, porém, na aldeia dos Tapajó ou nos seus arredores, ainda foram encontrados alguns ídolos, que outra coisa não são que cadáveres ressequidos, os quais há muito tempo eram guardados com grande veneração. Eram vários os nomes com que os chamavam; um era o deus do milho, outro da mandioca, outro da chuva, outro ainda do sol; enfim, quantos cadáveres secos eles tinham, tantas divindades eles veneravam, atribuindo a cada uma a sua própria virtude. Mas o P. [Manuel] Rebelo, pelas mãos dos próprios gentios, lançou ao fogo tal espécie de deuses (Carvalho).

Pelos anos de 1742 o P. Luiz Álvares tirou aos índios Tapajós e Caianás [?], batizados há perto de cem anos, 16 ídolos de corpos mortos (que os índios diziam ser os primeiros que houve no mundo) e pedras, a que pediam água, peixe, fogo, etc. eram uns corpos de índios mirrados e cosidos em pano, os quais tinham [eles] escondidos em choupanas ocultas nos matos e todos os anos lhe iam fazer suas beberronias, bailes, etc. Estes corpos eram sete e os mais eram pedra (P. Manuel Ferreira, 1751, *apud* Leite).

Sem citar a fonte, João Daniel acrescenta: *em certo dia do ano, ajuntarem-se os velhos com muito segredo e de companhia iam fazer-lhes alguma romagem [romaria] e os vestiam de novo com bretanha ou algum outro pano que cada um tinha. As pedras todas tinham sua dedicação e denominação, com alguma figura [forma?] que denotava para que serviam. Uma era a que presidia aos casamentos, outra a quem imploravam o bom sucesso dos partos, e assim as mais tinham todas suas presidências e seus especiais cultos na adoração daqueles idólatras, Desenganado então o missionário mandou queimar estes seus ídolos, ou sete corpos mirrados, cujas cinzas, juntamente com as pedras, mandou deitar no meio do rio.* (J. Daniel).

Sobre culto das pedras, v. também Mãe da mandioca.

Em 1763, entre os Arapium aldeados em Vila Franca, na foz do

Tapajós, havia o *costume de muitos, ainda depois de batizados, enterrarem seus defuntos em casa, conservando assim superstições de gentilismo, [e] constou-nos haver alguns que, deixando o cadáver suspenso por cordas de fio de cipó ou de envira, punham por baixo um recipiente ou vaso em que caissem gotas da corrupção, e com estas temperavam as suas bebidas de raízes e vinhos* Na vila não se fala a língua portuguesa, mas só a geral muito mal e a particular da sua nação dos Arapiuns (Queirós).

Em 1768 os Yumana do Japurá *costumam queimar os ossos dos defuntos e beber as cinzas com o seu vinho, na errada inteligência de que as almas assistem aos ossos e que, bebidos estes, tornam a viver os defuntos nos que lhes beberam os ossos* (Noronha).

ENTERROS

Em 1768, *os índios de todas as demais nações [do r. Japurá, exceto os Yumana], ordinariamente são sepultados em talhas grandes. Os da nação Pasé, depois de corruptos os corpos nas talhas grandes, trasladam os ossos para outras mais pequenas com muitos bailes e festas* (Noronha).

v. Culto dos antepassados.

FEITIÇO

v. em V: Guerra: ritual propiciatório.

Oleiras (poderes mágicos).

GUARICANA (Guaricaya)

Em 1689 os Jurimagua do r. Solimões *tocavam (flautas) e chamavam Guaricana, que era o Diabo, que desde o tempo dos seus antepassados vinha em forma visível e assistia em seus povoados e (eles) lhe faziam sua casa sempre apartada do povoado, dentro do mato, e lhe levavam bebidas e os enfermos para que os curasse e quando vinha, todas as mulheres e meninos fugiam, somente ficavam os grandes e então tomava o Diabo um açoite que para esse fim tínhamos preparado, (feito) de uma correia de couro de vaca marinha e nos açoitava no peito até tirar-nos muito sangue. Na ausência do Diabo, o açoitador era um velho, do que ainda nos ficam cicatrizes grandes no peito. Fazíamos isto — dizem, para nos fazermos valentes. As figuras (feições) que tomava (assumia) eram de tigre (onça), porco (do mato) e outros animais, (e) ora se fazia gigante, ora anão;*

as vozes que dava não eram articuladas. Os Aisuari e outras tribos do r. Solimões tinham a mesma crença e rituais (que remetem às ‘festas de Jurupari’ de épocas mais recentes) (Fritz).
v. também Terreiro do Diabo

HÓHÓ

Divindade dos Tukuna.
v. Ídolos.

HOMEM-DEUS

v. em V: Chefia política

ÍDOLOS

Em 1542, na *aldeia da Louça* (v. em II) dos “*Omagua*” (na realidade os Jurimagua), situada no r. Solimões entre a foz do Coari e a do Purus, um galpão ou casa principal continha *dois ídolos tecidos com fibra de palmeira, de estranho feitio que causava espanto, e eram de estatura de gigantes e tinham metidos nos braços umas rodas a modo de braceletes e o mesmo tinham na barriga da perna junto aos joelhos; tinham as orelhas furadas e muito grandes, ao modo dos índios de Cuzco e maiores* (Carvajal).

Em 1662 os Tapajó tinham *ídolos pintados que adoram e a quem pagam dízimo das sementeiras, que são de grandes milharais e [que] é o seu sustento, [posto] que não usam tanto de mandioca para farinha como as demais nações. Estando maduras as sementeiras, dá cada um a décima [o dízimo] e todo junto o metem na casa em que têm os ídolos, dizendo que aquilo é potaba de Aura* (v.), *que na sua língua é o nome do diabo* (Heriarte).

v. também Culto dos antepassados.

Para o mesmo autor, os Água do baixo Solimões tinham *ídolos de pau mui curiosos e cada um tem o ídolo que adora em sua casa, sem ter casa particular para eles. Têm muitos feiticeiros, que servem de sacerdotes de ídolos* (Heriarte).

E novamente, falando dos Carapuna (Jurimagua) de rio acima: *têm ídolos feitos de madeira, grandes e pequenos, a que chamam Tururucari [v. obs. abaixo]. Sacrificam-lhe índios que tomam na guerra: untam o ídolo com o sangue e comem a carne, a que são mui inclinados. Os que fazem este sacrifício são os feiticeiros, a quem eles têm em veneração e guardam muito respeito* (Heriarte).

Obs. Aquí pode ter havido um lapso do autor; entre os Omagua, que falavam outro idioma, Heriarte registra com esse mesmo nome o chefe supremo de várias aldeias, dotado de poderes sobrenaturais (v. Tururucari em III).

Já sobre os Omagua, Heriarte diz que *são todos idólatras e têm casa de ídolos a quem fazem sacrifício dos que cativam em guerra; untam os ídolos com o sangue, e as cabeças dos sacrificados têm em casas apartadas, [visto] que servem[-se] só deste tesouro por troféu de sua religião. Os corpos enterram, porquanto esses índios não comem carne humana nem outro gênero de carne* (Heriarte).

Em 1719, entre os Abacaxí do médio Amazonas, a pajé Cunhã Moacara (v. em III) ‘falava’ com o demonio: *ao lado da sua casa havia uma espécie de templo coberto com folhas de palmeira, em que havia uma figura monstruosa, semelhante ao macaco no rosto [e] à cabra nos pés, sendo em todo o resto humana, e era este o lugar onde ela se recolhia para falar com o demônio* (Carvalho).

Em 1775, os Tukuna são tão apegados à idolatria que mesmo aos já doutrinados nas nossas povoações não é possível poder persuadir que deixem o seu ídolo, pois continuamente se lhe está achando em suas casas. *É este ídolo uma medonha figura feita de vários cabaços e coberta por cima da casca de uma árvore chamada na sua língua aichama, que parece estopa, da qual fazem também alguns toscos tecidos para as suas cobertas. Ao ídolo chamam Hóhó, nome que dão ao diabo* (Sampaio).

v. também Culto dos antepassados

JEJUM EXPIATÓRIO

Em 1775, entre as [de] mais superstições da nação Purus [Purupuru], *é famosa a do rigoroso jejum expiatório a que se entregam por uma lei de religião. Enquanto ele dura, ainda que sobrevenha alguma moléstia não tratam de si nem comem mais do que lhe é permitido no jejum; de sorte que muitos morrem desfaledidos, sendo necessário, aos que vivem na nossa povoação de Alvelos [Coari], acautelar-lhes no tempo deste jejum para os livrar da morte fazendo-os comer à força* (Sampaio).

JURUPARI (como espírito maléfico)

Em 1719, os Nheengaibas afirmam que, depois de separar-se dos corpos, [as almas] tornam-se outros tantos demônios, cuja raça mal

nascida eles chamam Jurupari e cujo objetivo, em seu entender, é tomar feições diversas para aterrorizar os míseros mortais, nunca se afastando as almas, ao morrer, das casas em que viveram, a não ser que delas sejam enxotadas à força (Carvalho).

Em 1763 os Maué da vila de Pinhel, no Tapajós, ficavam aterrorizados com *certos gritos que ouvem de noite, que ou são de feras ou de índios, e atribuindo aquilo ao Jurupari, isto é ao demônio*. (Queirós).

JURUPARI (Festas de)

v. Guaricana

LOCOZY

v. Uauuloa

MÃE DA MANDIOCA

Antes de 1763, na vila de Santarem, *se praticava um rito supersticiosamente gentílico, e em mais sítios, de colocar na roça da farinha uma pedra no meio, a que chamavam a mãe da mandioca, a qual pedra servia como de ara [altar] a vários sacrifícios e cerimônias, sendo redonda e de palmo e meio e conservando-se depois com grande resguardo. Houve quem a lançou ao rio em uma noite* (Queirós).

v. também relato de João Daniel em Culto dos antepassados.

MAUARI

Em 1768 é registrado como entidade benigna dos Manao (Noronha).

Em 1775 é registrado entre os Paraviana do alto r. Branco, *que ao mesmo tempo que o adoram como Deus, lhe aplicam noções absurdas, porque dizem que escapara do dilúvio universal [e] que vendo-se só, criara uma mulher para sua companheira formando-a da resina de uma árvore* (Sampaio).

MESSIANISMO

Samuel Fritz, jesuita das missões espanholas atuando no r. Solimões, escreveu em seu Diário: *É de se observar que nesta minha descida [do r. Amazonas, adoentado, em 1689], levantou-se a meu respeito um grande alvoroço, não somente entre os gentios da região, mas que chegou até o Pará e S. Luis do Maranhão. Para uns eu era santo e filho de Deus, para outros o diabo. Uns, pela cruz que*

eu trazia, diziam que havia chegado um patriarca ou um profeta; outros, que [era] um embaixador da Pérsia; até os negros do Pará diziam que havia chegado o seu libertador, que havia de ir a Angola para libertá-los. Alguns, de medo, se retiravam dizendo que eu trazia fogo comigo e que vinha queimando quantos povoados e gente encontrava. Outras muitas e maiores pataratas haviam divulgado a meu respeito, de modo que o P. Teodósio Vegas [leia-se da Veiga, mercedário português], a quem mandei chamar logo que cheguei [à missão do r.] Urubu, escreveu-me um papel como [dirigindo-se] a pessoa incerta e o concluiu dizendo que lhe haviam contado tantas coisas de mim, que inferia haver chegado ao seu povoado alguma coisa ou portento do outro mundo [Dois anos depois, regressando às suas missões após ter sido curado e, em seguida, detido em Belém, Fritz esteve novamente na missão do Urubu]. *Seus índios desejavam muito ver-me porque alguns deles, enquanto estive detido no Pará, alvoroçaram todos os gentios da comarca dizendo que um tremor e arrebenção horrível que houve umas oito léguas mais acima, na mesma banda do norte, havia acontecido por minha causa e que se haviam de consumir todos se os portugueses não me restituissem à minha missão . [e que] enquanto estive no Pará já me haviam feito em pedaços, mas que eu era imortal, que logo minha alma fez juntar os pedaços e entrou novamente no corpo. [A expectativa milenarista foi confirmada a Bettendorff pelo próprio frei Teodósio em 1691: Há por aquelas partes grandes feiticeiros a quem chamam pajés; estes diziam, conforme me referia o reverendo Padre frei Teodósio, que os índios se haviam de converter em brancos e os brancos em índios (Bettendorff)]. Cinco anos mais tarde, em 1696, Fritz voltava a escrever: O conceito que esses índios têm de mim, julgo seja devido a que eles pensam ser eu homem de espécie diferente dos demais e que não irei morrer Os tremores e eclipses que tem havido esses anos, a mim os atribuem dizendo em lágrimas — Que fizemos ao Padre, que nos fez morrer o sol ? E em 1698: A 30 de junho o [rio] Marañon ficou muito turvo, trazendo muitíssimo lodo — resultado de um tremor de um vulcão chamado Caruirazú [e rio abaixo, entre os Aisuari], a opinião comum dos índios havia sido de que eu havia turvado a água em sinal de aborrecimento por não terem eles subido a viver cá em cima como me haviam prometido (Fritz).*

v. também, em III: Ajuricaba

MONHANGARYPY

Em 1680 os Tapajó ainda conservavam o cadáver ressequido *de um de seus antepassados que chamavam Monhangarypy*, [que] *quer dizer primeiro pai [e] lhe iam fazendo suas honras com suas ofertas e danças já desde muitíssimos anos, tendo-o pendurado debaixo da cumeeira de uma casa, como um túmulo à moda de caixão* (Bettendorff).

v. também: Culto dos antepassados.

PEDRAS SAGRADAS

v. Culto dos antepassados

v. Mãe da mandioca

RITO DE PASSAGEM DOS JOVENS ARUAQUE

Na década de 1660, os Aruaque do r. Urubu submetiam os jovens iniciandos a um mês de jejum e abstinência, depois do que começava uma cerimônia pública em que *o levam a pendurar em uma rede atada ao cume de uma casa, que têm mui bem ornada de várias penas e é toda de palma e nem serve mais que para esse ministério*; em meio à festa, *os mais amigos e parentes lhe dão muita pancada com umas peles de onça e outros animais, que têm guardadas e arroladas para este fim, para experimentar se é sofredor de trabalhos e contente em os padecer* Segue-se o suplício com formigas e mais oito dias suspenso e em jejum, passados os quais *vestem-no de suas armas e ele sai ao terreiro empenachado com penas de várias e graciosas cores, leva à cabeça um como morrião de vários penachos tecidos com graça notável e assim, bizarro e galante, passeia por todo o terreiro com seu arco e flechas e pau de matar gente, que chamam *ybirassanga* em língua geral dos índios, à maneira de espada na mão. Chegando-se ao prisioneiro, o qual está atado com cordas de algodão a um pau que têm posto no meio do terreiro, para que não fuja, ali o flecha com o arco, outra vez lhe quebra a cabeça com o pau que traz à cinta, obrando em o preso várias crueldades [e] o cavaleiro fica com o nome do primeiro que tiranicamente matou* (Bettendorff).

RITO DE PASSAGEM DOS JOVENS (MURA ?)

Em 1775, após passar pela foz do Mamiá no Solimões e informar que aquele rio é habitado pelos Mura, Sampaio passa a descrever o

ritual do *paricá*, podendo-se admitir que se referia àquela tribo. O ritual será descrito, quase com as mesmas palavras, por Ferreira, entre os Maué em 1786, e por Spix entre os Mura e os Maué em 1819.

Descansamos na situação chamada Paricatiba, que quer dizer lugar onde é abundante a árvore paricá, cuja fruta torrada e reduzida a pó sutil é universalmente o mais estimado tabaco dos índios e do qual usam nas suas festas chamadas Parassé [poracé], causa [ocasião] do paricá e para as quais têm destinada nas povoações uma grande casa sem repartição alguma e denominada também do paricá. A cerimônia dessa festa é na forma seguinte. Primeiramente se açoitam uns aos outros com um azorrague feito de couro de peixe boi, anta ou veado, e em falta disto de pita bem torcida e do comprimento de uma braça. Na ponta lhe atam uma pedra ou outra qualquer matéria sólida que fira. Com esse instrumento se açoitam dois a dois, estando um em pé com os braços abertos enquanto o outro o fustiga à sua vontade, e logo a seu turno o açoitado faz a mesma operação ao açoitante. Gastam-se oito dias nesta cruelíssima cerimônia e no enquanto, as velhas preparam o paricá e as mais mulheres fazem o vinho de frutas e beiju chamado payanaru. Finalizada a função dos açoites se entra a tomar o paricá, sendo companheiros neste prazer os que o foram nos açoites. O modo de tomar o paricá é desta forma: cada um dos companheiros tem seu canudo na mão cheio de pó, e aplicando uma das extremidades à parte direita do nariz do companheiro, pela outra assopra com incrível força e logo enche novamente o canudo e repete a operação na parte esquerda. O outro companheiro faz logo o mesmo. Dura este exercício todo o dia e principia-se logo a beber o vinho, o que dura toda a noite. É tão violenta a força do paricá e do vinho, que faz cair quase mortos todos os que os tomam, sucedendo muitas vezes morrerem alguns sufocados pelo paricá; porém os que acordam, passada a bebedice, tornam de novo a continuar a festa pelos oito dias que ela dura. Essa festa é anual. É a recruta de novos soldados, ou apresentação de rapazes para o estado varonil (Sampaio).

SACRIFÍCIOS HUMANOS

Em 1662, os Omagua do alto Solimões fazem sacrifício dos que cativam na guerra; untam os ídolos com o sangue, e as cabeças dos sacrificados têm em casas apartadas Os corpos enterram, por-

quanto esses índios não comem carne humana (Heriarte). (Em 1639 Teixeira havia dito que eram antropófagos).

SACRIFÍCIOS HUMANOS EM FUNERAIS DE CHEFES

Em 1689, conf. relação do P. Bonomi ao seu superior Bettendorff, entre os Iruri do r. Madeira, *os Principais enterram-se* [em suas casas] *dentro de uns grandes paus furados a modo de grandes pipas, e aí também enterram viva a sua manceba mais querida e o seu mais mimoso rapaz* (Bettendorff).

Os Verutirj [Iruri ?] *ainda não cristianizados levavam o cadáver para uma ampla espelunca, onde também guardavam carnes e peixes numa rede, arco, flechas e todas as coisas necessárias a viver confortavelmente, e se o cadáver era de alguém de maior nobreza ou da ordem dos cavaleiros [i.e., guerreiros], dois servos e duas servas o acompanhavam, sendo com ele sepultados* (Carvalho).

SARÁNA (Sarauá)

Na segunda metade do séc. 18 era tida como uma entidade maligna dos Manao (Noronha, Sampaio).

SUMÉ-TUPÃ (Zumi Topana)

Em 1738 era mencionado como Deus, ou a divindade suprema dos Omagua, que porém *jamais lhe prestaram, que eu saiba, qualquer espécie de culto* (Maroni).

TABU ALIMENTAR

v. Antepassada mítica

TERREIRO DE MOFAMA

v. Terreiro do Diabo.

TERREIRO DO DIABO

Em 1661, *tinham os Tapajós um terreiro mui limpo pelo mato adentro, que chamavam Terreiro do Diabo porque indo fazer ali suas beberrias e danças, mandavam às suas mulheres [que] levassem para lá muita vinhaça e depois [que] se pusessem de cócoras com as mãos postas diante dos olhos para não ver. Então, falando alguns dos seus feiticeiros com voz rouca e grossa, lhes persuadiam que esta fala era do Diabo, que lhes punha na cabeça tudo o que queriam;*

assim me afirmou o principal Roque Outro terreiro tinham também dentro da mesma aldeia, que os brancos chamavam de Mofama [i.e. Maomé] (Bettendorff).

v. também Guaricana.

TURURUCARI

Em 1662 era tido como o nome de *ídolos de madeira, grandes e pequenos* (ou das entidades que eles representavam?), que os Carapuna (v. em I) da região de Tefé (os Curuzirari ou Aisuari) adoravam sacrificando-lhes inimigos aprisionados. Os ídolos eram untados com o sangue pelos feiticeiros, e a carne era consumida (Heriarte). Obs. É possível que o cronista tenha-se equivocado, pois com o mesmo nome ele designa o *senhor principal* dos Omagua, cuja língua era diferente da dos Carapuna (v. em V: Chefia política).

UAUULOA

Em 1819 é mencionada como entidade benigna dos Xumana do Japurá, que com seu oposto e maligno *Locozy, vivem ambos acima da terra, na direção do sol; acreditam que [o Uauuloa] aparece depois da morte para comer frutas com o morto e para levar-lhe a alma para sua morada* (Spix e Martius).

UMAUARI

Em 1775 é registrado entre os Paraviana do alto r. Branco como *um espírito mau*, oposto ao benigno Mauari (v.) (Sampaio).

VÔO XAMÂNICO

v. em V: Chefia política

ZUMI-TOPANA

v. Sumé-Tupã.

V — ECONOMIA E SOCIEDADE

ALDEIAS ANTIGAS

[No lago Saracá] *deságua o rio Urubu, antigamente populoso, como testemunham os vestígios frequentíssimos, que nele se acham, das povoações* (Sampaio, em 1775).

Em 1775, no povoado de Fonte Boa, no Solimões, *sem forno nem olaria, [as mulheres] fabricam vasos, panelas, potes e talhas de extrema grandeza. O uso dessas talhas é para os seus vinhos, que fazem de ananases, de milho, de mandioca, macaxeira e outras frutas e raízes* O sítio da povoação era uma tapera, isto é, lugar de antiga povoação de índios. *As ruas se acham ainda cheias de talhas enterradas, cujos bordos estão à superfície da terra. Nessas talhas, conforme os seus ritos e usos, sepultavam os defuntos* (Sampaio).

Em 1819, nas proximidades de Tefé, *outrora aqui se domiciliaram os Curuzicaris* Apenas achamos na mata uma ou duas choupanas habitadas por índios mansos, porém nômades e somente o nome de uara-tapera (lugar abandonado pelos senhores), assim como a presença de cacauzeiros que costumam proliferar na vizinhança de antigas moradas, parecem lembrar que ali existiu, em tempos passados, uma maior população (Spix e Martius).

ALDEIAS FORTIFICADAS

Em 1542, na marg. esq. do Amazonas logo abaixo da foz do r. Negro, havia *uns pesqueiros dos índios de um povoado que estava num alto . afastado do rio . mui fortificado e fechado por uma paliçada de paus grossos, com uma única entrada.* (Carvajal)

Em 1560, nas proximidades da foz do r. Paru (ou do Xingu ?), *chegamos a umas casas fortes que os índios têm por ali, feitas em jirais [palafitas], altas e cercadas de tábuas [troncos ?] de palmeira, que têm no alto troneiras para flechar, e de lá nos feriram os índios quatro ou cinco espanhóis.* (Vasquez)

Em 1662 os Omagua tinham *suas povoações e aldeias mui grandes, fortificadas as casas com estacadas.* (Heriarte)

Em 1819, nas proximidades na foz do Purus, *o único indício pelo qual o observador atento pode depreender que outrora aqui estivera estabelecida uma população indígena, são as espessas cercas de*

gramíneas arborescentes taquaruçu, que era costume plantar como meio de defesa (Spix e Martius).

ALDEIAS GRANDES

Em 1542, a província de Machiparo (v. em I), no r. Solimões, *tinha mais de oitenta léguas, todas de uma só língua e todas povoadas, a tal ponto que não havia de um povoado a outro um tiro de besta e o mais afastado não estaria a meia légua, e houve povoado que durou cinco léguas sem se distanciar casa de casa, [mas] não pudemos saber o que havia pela terra adentro* (Carvajal).

Em 1561, na região de Codajás (marg. esq. do Solimões), *demos em outro povoado de índios, maior do que todos os que até aqui havíamos topado, porque tinha mais de duas léguas de comprimento, as casas sucedendo-se uma após outra ao longo da barranca do rio ...; suas casas são quadradas e pequenas, cobertas de cana. Atrás deste povoado, a um tiro de besta da barranca do rio, há uma lagoa ou esteiro grande, junto ao qual o povoado vai também se prolongando de maneira a ficar como numa longa e estreita ilha ... Armou-se aqui o acampamento muito espalhado, principalmente por estarem as casas do povoado, como dissemos, dispostas uma após outra ao longo da barranca do rio. Havia, de um extremo a outro do acampamento, mais de um quarto de légua rio abaixo.* (Vasquez).

Outro cronista da mesma expedição, descrevendo o mesmo povoado, diz que *tinha mais de tres léguas em que não havia distância de casa em casa* (Altamirano).

v. também Juruna em I.

AMENTO

v. Propulsor.

ARTES E OFÍCIOS COLONIAIS (aptidão dos índios)

“Frei Agostinho de S.Maria, escrevendo em 1722 sob informação dos franciscanos, afirmava que os índios Aruás tinham grande capacidade para aprender com perfeição tudo o que se lhes ensinasse. Muitos aprendiam a língua portuguesa com uma perfeição tal, a dar inveja a qualquer lisboeta. Outros eram escultores exímios, como os melhores de Portugal. Alguns eram pintores e insistiam para fazerem curso de aperfeiçoamento em Portu-

gal, mas não lhes era permitido, por medo que lá se viessem a 'perder' ” (Agostinho de S.Maria, *apud* Frago).

Em meados do séc. 18, já é tempo de dizermos alguma coisa da grande habilidade e aptidão dos índios da América para todas as artes e ofícios nas missões e casas dos brancos, em que aprendem todos os ofícios que lhes mandam ensinar, com tanta facilidade, destreza e perfeição como os melhores mestres, de sorte que podem competir com os mais insignes do ofício; a muitos basta verem trabalhar algum oficial na sua mecânica para o imitarem com perfeição ... Em uma vila de portugueses havia um índio ferreiro e serralheiro tão insigne, que os mesmos portugueses do mesmo ofício lhe davam não só as primazias, mas também os votos para ser juiz do ofício ... No colégio dos padres da Companhia na cidade do Pará estão uns dois grandes anjos por tocheiros com tal perfeição que servem de admiração aos europeus, e são a primeira obra que fez um índio daquele ofício (J.Daniel).

ATIRADEIRA

v. Propulsor

CAIÇARA

v. Curral

CARAJURU

v. Corantes com valor de troca.

CARURU

v. Sal vegetal.

CASAMENTO

Os Omagua, em 1662, *quando se casam compram as mulheres a seus pais, e além de as pagarem os servem cinco anos; e se as acham donzelas ficam com elas, se não, as tornam a entregar e lhe tornam o que haviam dado por elas. Não podem ter uma mulher comprada como esta [i.e., que não seja donzela], porquanto esta é a legítima, [por]que ainda que tenha muitas, as mais são concubinas havidas em guerra, que ficam por escravas e servem à mulher legítima, e ao marido no que ele quer Se suas mulheres são adúlteras, as podem matar livremente no terreiro grande de suas aldeias, em um*

poste que está metido no meio dele, que serve de nele matarem as adúlteras e algum escravo que comete culpa contra seus senhores, ou [os que] querem fugir, ou fogem e os colheram (Heriarte).

CASAS SECUNDÁRIAS

Em 1561 os Aisuari (ou talvez os seus vizinhos Jurimagua) do Solimões tinham suas grandes aldeias com casas enfileiradas ao longo do rio, e *tinham outras casas feitas com picassas* [estacas?] *sobre as árvores, com todo o necessário para poder viver durante o tempo em que há a enchente do rio (Altamirano).*

Em 1648, os Omagua do alto Solimões faziam, *dentro de suas casas, uns estrados de madeira que eles chamam iuzas e sobre eles estivemos tres meses, que foram os de abril, maio e junho, com mais de seis palmos de água por baixo. As canoas entravam e saiam das casas e de noite ficavam embaixo dos estrados (Cruz).*

Em 1662, os Água do baixo Solimões tinham *dois gêneros de casas, umas grandes em que assistiam de dia e outras mui pequenas, para dormirem de noite por causa dos mosquitos. Não dormem em redes como os mais deste rio, mas em camas feitas de palha (Heriarte).*

CHEFIA POLÍTICA

Governam-se estes índios [Tapajó] por Principais, em cada rancho um, com vinte ou trinta casais, e a todos os governa um Principal grande sobre todos, de quem é mui obedecido (Heriarte, em 1662).

O mesmo autor, já entre os Aisuari de rio acima (que ele chama Carapuna), diz que *governam-se por Principais e cada um [deles] governa a sua família, que toda vive em uma grande casa e sobre estes todos há em cada aldeia um Principal que a governa.*

Já entre os Omagua do alto Solimões, Heriarte encontra o primeiro caso de chefia intertribal: *Governam-se por Principais nas aldeias, e no meio desta província, que é dilatada, há um Principal ou rei deles, a quem todos obedecem com grandíssima sujeição e lhe chamam Tururucari, que quer dizer o seu Deus, e ele por tal se tem. Falando com ele, nos disse que havia nascido no céu [e] que por se parecer no corpo com aqueles índios vivia entre eles, mas que quando lhe parecia, ao céu subia; e dizendo-lhe que enquanto estivéssemos em sua aldeia se fosse, respondeu que, ainda que ia, era com o espírito [e] que o corpo deixava na aldeia. Dissemo-lhe que já que tão familiar era com o céu, que nos declarasse as coisas que*

lá havia, que suposto éramos brancos, não sabíamos nada de lá. Respondeu o índio que as coisas do céu eram tão secretas que não podia falar delas, e que assim não lhe perguntássemos mais nada (Heriarte).

Cem anos depois de Heriarte, o desenraizamento, a catástrofe demográfica e as *reduções* a que os Omagua haviam sido submetidos, podem ter sido a causa do declínio e da fragilização da chefia: *Ainda aquele Principal que reconhecem como cabeça da parcialidade, está bem longe de ter a autoridade que o nome cacique significa, [nome] com que soem chamá-lo os espanhóis. Ele é um mero capitão ou comandante para suas guerrilhas, e isto significa o nome que lhe dão de zana na Omagua. No demais não se sujeitam nem o reconhecem por superior, e com a mesma facilidade com que se arrimam a um, apartam-se dele sempre que lhes parece e juntam-se com outro, ainda que tenha sido contrário e inimigo* (Chantre y Herrera).

Voltando a 1689, no r. Madeira, *governam-se as aldeias dos Irurizes com principais eletivos, de tal sorte que o mais capaz entre eles é o que sucede pela morte de seu principal, e nas aldeias só os que são parentes podem ter casa à parte, porque os vassallos moram em roças dos que os governam, com o que as aldeias contêm somente principais, os quais elegem sobre si um cabo que é como cabeça de todos* (Relato de Bonomi em Bettendorff).

v. também, em I: Iruri

e em IV: Sacrifícios humanos

Em 1819 os Coeruna, Pasé e Xumana que, com outras etnias, constituíam a população de Imari (v. em II), no Japurá, tinham *seus próprios principais; esses chefes de aldeia, provindos do tempo do Diretório, constituem uma espécie de magistratura; são escolhidos pelos índios de sua tribo, confirmados pelo governo e tornam-se os intermediários pelos quais o juiz dirige a população* (Spix e Martius).

CHISE

O sol para os Omagua (Carvajal em 1542).

v. também em IV.

COMÉRCIO INTERTRIBAL

v. em I: Manao

CORANTES: Valor de troca

Na década de 1790, as mulheres do r. Uaupés fabricavam *carajuru* ., espécie de cipó: *colhidas as folhas e fervidas ao fogo, bem como o urucu, que também se reduz em forma de extrato posto ao sol, é um pó sutil; serve de tráfico entre eles para comutação de gêneros necessários* (Sousa, A.F.).

CORDÉIS MNEMÔNICOS

Em 1662 os Omagua . *contam por nós, que fazem em cordéis, e cada nó é um ano ou dia, ou o que querem contar. As tradições de seus ritos ficam de pais a filhos e [também] as cerimônias e histórias antigas a que dão crédito, sem terem outro arquivo que lhes lembre as coisas passadas* (Heriarte).

Em 1775 a tribo dos Uurequena (Uariquena) do r. Içana era célebre por usar de escrita de cordões, na forma dos quipós dos antigos peruanos, com o que transmitem os seus pensamentos a pessoas distantes, que entendem e sabem decifrar aqueles nós e cordões, que também lhes servem para o uso aritmético (Sampaio).

COSMOLOGIA

v. em IV.

CURRAIS

Nas crônicas mais antigas, *curral, tanque* ou *caiçara* são os cercados de estacas fincadas em água pouco profunda ou ao redor de pequenas lagoas ou tanques artificiais para o confinamento de tartarugas, por vezes às centenas, destinadas ao consumo da aldeia.

DEFORMAÇÃO DO CRANIO

Em 1647. os Omagua do alto Solimões *tomam a criança nascida há poucos dias e lhe cingem a cabeça, na parte do cérebro [a nuca] com uma faixa larga de algodão e na parte da frente com uma pranchinha que fazem de canas bravas, que a segura muito bem apertada desde os olhos até o cabelo e, dessa maneira, o que a cabeça tinha que crescer de redonda, cresce para cima e fica longa, chata e muito desproporcionada* (Cruz).

DESPOVOAMENTO (Rios Negro e Branco)

Em 1820 *contam-se, no mínimo, cinquenta tribos diferentes de índios que ainda atualmente habitam as matas solitárias* [i.e. a solidão

das matas] *nas duas margens do rio Negro, bem como as belas campinas do rio Branco; em parte conduzidas às aldeias pelos portugueses, ou por eles hostilizadas e repelidas, . as pequenas hordas e tribos que ainda hoje ali se conservam em liberdade, habitam particularmente entre o Uaupés e as nascentes do rio Negro . Eles mudam de domicílio, ora por motivo de subsistência, ora por causa de guerra com os vizinhos, e às vezes aparecem, à beira do rio, hordas que nem pelo nome eram antes conhecidas . As epidemias devastadoras grassam também, cada vez mais, entre essas tribos selvagens, o que particularmente vale para as bexigas. Assim, por exemplo, já estão extintos os Tarumã, os Uaranacuacena e os Uarirá, e mesmo dos Manao e Baré, outrora tão poderosos no rio, atualmente só poucos ainda viveriam em aldeias distantes na margem ocidental [direita] do rio [Negro] (Spix e Martius).*

DINHEIRO NATIVO

v. Guaraná: sementes com valor de troca.

Corantes com valor de troca.

ENDOCANIBALISMO

Em 1768 os Mayoruna do r. Javará, *não satisfeitos de comer as carnes dos seus inimigos, matam e comem os velhos e enfermos da sua nação, sem escaparem os pais e os filhos, porque mutuamente se matam e comem logo que adoecem gravemente, antes que a moléstia os emagreça, como faziam os antigos Hérulos e algumas nações de índios de que dão notícia as histórias da América (Noronha).*

ENTERRO

Em 1820, entre os Xumana do Japurá, *o corpo do morto é enterrado dentro de um grande vaso de barro, com as extremidades encolhidas e a face voltada para o sol nascente, conjuntamente com as suas armas partidas e algumas frutas, que leva ao colo. Por cima da sepultura colocam, por entre danças e uivos, frutas e as roupas do defunto, que retiram ao cabo de alguns dias e dão-nas às crianças ou queimam-nas*

Disfarçam o túmulo externamente, a fim de que o cadáver não seja roubado por inimigos (Spix e Martius).

Os Pasé enterram os defuntos em covas redondas. *Só o corpo do chefe é que tem acompanhamento [oferendas?] e suas armas são-lhe incineradas sobre o túmulo (Spix e Martius).*

Entre os Maué da missão do r. Canumã (baixo Madeira), *quando morre o tuxaua ou outro membro da sua família ... o defunto é ligado com as extremidades esticadas em ripas e, exposto ao fogo aceso em volta, seca a tal ponto que ao cabo das duas primeiras semanas de jejum dos vivos, parece múmia. Em seguida é o corpo colocado com as pernas dobradas numa cova redonda, onde por meio de pedras e paus fica ereto, sem ser coberto de terra. Completado o período de jejum [um mês], a múmia é retirada da cova e posta em pé [de cócoras?], dançando toda a horda um dia inteiro em volta dela. . . À tarde, já esgotados por esses excessos, enterram o corpo na posição descrita (Spix e Martius).*

Os Guaraicu incineram os seus mortos estendidos e com o rosto voltado para o oriente. A cinza dos defuntos é conservada na cabana (Spix e Martius).

Entre os Juri, *o defunto estava então encolhido, com a cabeça metida entre os joelhos dobrados, elevados, atado entre pedaços de entrecasca, num novelo redondo e foi enterrado numa cova de quatro pés de profundidade, no meio da cabana. Deitou-se sobre ele fina camada de terra. A cabana do morto só mais tarde é abandonada, não imediatamente (Spix e Martius).*

ES CRAVIDÃO INTERTRIBAL

Servem-se estes Aguas [Omagua] dos escravos que cativam em suas batalhas para tudo o que precisam, tomando-lhes tanta afeição que com eles comem num prato, e pedir-lhes que os vendam é coisa que lhes dá muito pesar, como por experiência o vimos em muitas ocasiões. O que costumavam fazer com os mais principais e valentes, era matá-los em suas festas e reuniões gerais, receando maiores danos se os conservassem com vida (Acuña em 1639).

Já para Heriarte, em 1662, os Omagua *vão dar guerra aos naturais da terra firme, que são infinitos; cativam muitos e deles sacrificam alguns, e dos mais se servem em suas lavouras. Têm infinitos escravos, que lhes fazem as lavouras. Mandam-nos com grande império e eles [re]conhecem o seu cativo e obedecem com grande humildade.*

V. também Casamento.

ES CUDOS

Em 1542, na província de Machiparo (v. em I) do r. Solimões,

Carvajal informa: *vimos chegar pelo rio acima um grande número de canoas em formação de guerra, luzidas e com seus paveses, que são de couro de jacaré, peixe-boi e anta, tão altos quanto um homem porque os cobrem todos.* Já entre os Jurimagua do médio Solimões, que o mesmo cronista denomina Omagua, mas que não eram os Omagua-Cambeba seiscentistas, os escudos eram de madeira (Carvajal).

Em 1731, os Omagua do alto Solimões usavam *rodela de canas partidas e firmemente trançadas, distinguindo-se das dos Tapuya [índios de outras etnias], que são de couro de anta, de raízes grossas ou tecidas com fios de chambira* (Maroni).

Em 1768 as tribos do Japurá usavam *escudos cobertos de peito de jacaré ou couro de anta* (Noronha).

ESTÓLICA

v. Propulsor

ESTRADAS

Em 1542, da *Aldeia da Louça* (v. em II) na marg. dir. do r. Solimões entre o Coari e o Purus, *saiam muitos caminhos 'mui reales' pela terra adentro; o Capitão quis saber onde levavam e não havia-se andado meia légua, que os caminhos ficaram mais reais e maiores* (Carvajal).

Em 1560, saindo de uma aldeia desta mesma região, agora conhecida como *província de Machiparo* (v. em I), *demos nuns caminhos mui largos e bons que eram ao modo daqueles dos Incas do Peru, exceto pelas muretas [i.e., que não as tinham] e tomamos o caminho mais seguido e a quatro léguas que havíamos andado por ele, demos num tambo ou pousada, à maneira dos do Inca . para os viajantes que iam das províncias de Machifaro e de outras vizinhas para a terra adentro a resgatar com os de outras nações; o caminho ia reto, entrando por uma porta do tambo e saindo pela outra, e toda a comarca era mui povoada de índios* (Altamirano).

GRAFISMOS

Em 1768, na bacia do Japurá, *os índios da nação Pasé têm por distintivo uma malha negra que, principiando nas maçãs do rosto e compreendendo parte do nariz, desce até abaixo da mandíbula inferior, onde se quadra perfeitamente. Da raiz do cabelo sai um risco negro que, passando por entre os olhos, termina sobre o nariz na malha que o cobre. Das têmporas, de ambos os lados, descem muitos*

riscos negros que fazem uma gelosia da largura de polegada e meia, que no comprimento chega à sobredita malha grande . [Seguem-se descrições análogas dos Juri, Xama, Xumana, Tumbira, Ambuá, Mirânia, Tamuana, todos do Japurá, e dos Cacatapuaia e Tukuna, do Içá] (Noronha).

Em 1819, na marg. dir. do Solimões entre Coari e Tefé, *elevam-se no rio as costas de Tauana e Tauá-Coara, barrancas íngremes de argila de cor e branca. Desde que nos achávamos no Solimões, não raro nos apareciam pinturas feitas com tinta desses barros, pelos índios, nas portas das cabanas, nas canoas, nos remos e semelhantes objetos. São muito grosseiras, executadas a miude sem pincel, com o dedo ou pedacinho de pau. Toda sorte de arabescos, figuras toscas de homens e animais, são os objetos dessas primitivas tentativas de arte*

[O motivo mais frequente] *é uma espiral de mais ou menos curvas, dentro de um quadrado e ligada a um dos lados do mesmo. Mais tarde observei esta mesma figura gravada nas lajes de pedra às margens do Japurá (Spix e Martius).*

GUARANÁ : Sementes com valor de troca

Em 1763, *os índios da nação Maué ... das pevides se servem como dinheiro para pagamentos (Queirós).*

GUERRA: Razões econômicas

Em 1768, os povos da bacia do Tocantins eram tidos como *inclinados à guerra, e de ordinário a movem uns contra os outros em defesa das suas pedreiras, que estimam por se servirem das pedras de fogo [pederneira ou sílex] na falta de machados e demais ferramentas (Noronha).*

GUERRA: Ritual propiciatório

Em 1542, na *província de Machiparo (v. em I), no r. Solimões, andavam entre essa gente e canoas de guerra quatro ou cinco feiticeiros [em outra versão, mulheres], todos caiados e com as bocas cheias de cinza, que lançavam ao ar, e nas mãos uns hissopes [aspersórios] com os quais iam despejando água pelo rio à maneira de feitiços, e depois que haviam dado uma volta ao redor dos nossos bergantins da dita maneira, chamavam os homens de guerra e logo começavam a tocar suas cornetas, trombetas de pau e tambores e com grandes gritos acometiam sobre nós. (Carvajal).*

HIERARQUIA SOCIAL

Ainda na primeira metade do séc. 18, sobreviviam na Amazônia ocidental estruturas sociais hierárquicas: *Por rústicos e brutos que sejam os índios do Marañon [o alto Amazonas], não deixam de encontrar-se algumas famílias em que as demais reconhecem certa distinção e superioridade. Será difícil que um jovem ou uma senhorita desta classe superior case com quem não lhe seja igual na estima das gentes. Descobriu-se essa superioridade e preeminência de famílias em quatro nações das missões mais novas, que são os Cavachi, os Ticuna, os Peva e os Omagua. As quatro têm suas cerimônias e dispõem de funções para declarar solenemente a nobreza [que entre os Omagua] chamam Usciumata, que vem a ser o mesmo que 'fazer publicar' (Chantre y Herrera).*

INFANTICÍDIO

Em 1649, *já nos haviam dito algumas vezes os próprios Omaguas, que enterravam vivos os seus filhos acabados de nascer, ou porque querendo os pais um filho homem nascia mulher, ou porque nascia um estando a mãe criando outro, e dessa forma haviam enterrado muitos, e soubemos que a mãe do nosso menino já havia enterrado mais dois e outras mães um, dois ou tres (Cruz).*

Em 1763, *as índias, vendo defeito no que parem, imediatamente matam a criança dizendo que não presta; o mesmo fazem se são gêmeos, criando um só, nem é fácil ver índio que nascesse cego, torto ou alejado. Não é dito a que etnia se referem tais afirmações. (Queirós).*

IUZAS

v. Casas secundárias

JOCAMARI

O 'tempo frio' para os Omagua: *cobrindo-se toda a terra de uma espessa neblina que vinha do lado do mar e caminhava para a cordilheira com um vento rigorosíssimo e água miúda, que os índios chamam Jocamari, que quer dizer tempo frio, e o sofrem duas ou tres vezes a cada ano e em cada vez tres ou quatro dias sem que se veja o sol nem quase a luz (Cruz, em 1648).*

Dez anos antes, os Omagua haviam dito que o fenômeno acontecia todos os anos entre Junho e Agosto (Acuña).

MANDIOCA ENTERRADA

Em 1730 os Omagua do alto Solimões, antes da enchente que começa em março, *fazem suas colheitas em janeiro e fevereiro e guardam o milho pendurado nas casas; a mandioca a enterram em covas bem revestidas de folhas largas; assim a conservam debaixo da água e da terra, não somente por meses e sim por um ou dois anos e até mais, retirando depois que começa a baixar o rio a que precisam para o gasto e deixando o resto enterrado; e embora esta mandioca se corrompa, bem espremida é melhor e de mais sustento do que fresca, e com ela fazem suas bebidas, farinha e beiju* (Maroni).

MARANUXAUÁ

Nome ou título do chefe entre os Purupuru que por volta de 1800 viviam entre o Madeira e o Purus (Casal).

MNEMÔNICA, técnica

v. Cordéis mnemônicos.

NÚCLEOS FAMILIARES

Em 1639, nas aldeias jurimagua do médio Solimões, *não vive em cada casa uma só família . mas debaixo de cada teto abrigam-se pelo menos quatro, cinco e muitas vezes mais* (Acuña).

Em 1647. nas aldeias omagua do alto Solimões, viviam em cada casa, em média, tres homens adultos, presumivelmente chefes de famílias nucleares aparentadas. A população total de cada grupo familiar extenso oscilava entre 8 e 12 pessoas, números que já refletiam o resultado dos primeiros surtos de varíola que haviam atingido a região naqueles anos (Cruz).

OLEIRAS: poderes mágicos.

São os Jurimagua a gente mais capaz e industriosa que essas missões têm. As mulheres ocupam-se normalmente de pintar vasos, tetes e mantas com muita peculiaridade. Dizem que, quando pagãs, costumavam atrair às suas casas, por meio de feitiços, as cobras, especialmente as que chamam Mãe d'água, para copiar as manchas que têm desenhadas na pele (Maroni em 1730).

PALHETA

v. Propulsor.

PARÁ-JAGUARA

Nome indígena para o bôto no r. Amazonas (Heriarte, 1662).

PEDRA DE BAZAR DE CAMALEÕES (Concreção calcárea de supostas qualidades medicinais que se forma no estômago de certos animais).

Em 1662 as tribos do r. Madeira tinham muita dessa pedra, *que é melhor e maior que a que vem da Índia oriental* (Heriarte). Em ca. 1757 João Daniel descreve *a grande variedade de bazares, ou bezuart, que há no Amazonas São pois os seguintes os mais conhecidos: de porco espim, de bugio, de camaleão, de veado, de jabutí, de vaca, e alguns com muita abundância como os de camaleão e os de vaca e veado; posto que os índios os desprezam por não saberem a sua preciosidade.* (Não são muiraquitãs, descritos sob este nome por J. Daniel em outra seção).

PROPULSOR DE DARDOS (atiradeira, palheta, estólica, amento)

Uma das principais armas de caça e de guerra no r. Solimões, onde em algumas tribos, como os Omagua, substituía o arco e as flechas. Era um bastão, provido de canaleta para o dardo e de um dente na extremidade posterior, que multiplicava a força do braço humano melhorando-lhe a pontaria.

SAL VEGETAL

Em 1662 os Água do r. Solimões *fazem quantidade de sal de uma erva que chamam capinaçú [v. obs.] e se açucara em pães, que mais parece salitre que sal e o levam a vender a outras nações* (Heriarte).

Obs. Acuña havia falado em *certa qualidade de palmeiras*.

Na década de 1790, as mulheres do r. Uaupés fabricavam *sal de ervas a que chamam caruru; estas, nascidas em pedras que formam os cachopos, secas ao sol, queimadas e reduzidas em cinza, formam decoada, que depois de fervida ao fogo até ficar em consistência de extrato, é excelente sal branco* (Sousa, A.F.)

SUICÍDIO EM CATIVEIRO

Na década de 1660, no r. Urubu, *o gentio Aruaqui é trabalhador e mui impaciente de cativo e sujeição, tanto que se resolveram alguns, que tomaram em guerra os portugueses, a tomar peçonha*

para morrerem, por mais conveniência do que virem a ser escravos dos brancos (Bettendorff).

TAPIIRA RAIUBA

“Queixada de boi (tapir)” era o nome com que os índios de Coari identificavam a constelação das Híades ou Cabeça de Touro (La Condamine, 1744).

TAXIDERMIA

Em 1775, os Tukuna têm *a singular arte de prepararem as aves e passarinhos que matam com esgravatanas, de tal sorte que ficam inteiros com todas as suas partes, enchendo-lhe a pele de algodão ou sumauma, com o que contribuem para se mandarem para a Europa em benefício da história natural* (Sampaio).

TERRA PRETA

Nos últimos anos do século XVIII há uma referência casual a um assentamento missionário, de provável origem indígena, em área de terra preta; a missão regida pelo mercedário Teodósio da Veiga estava em posição estratégica no baixo curso do r. Urubu: *Estava a principal aldeia, em que assistia o missionário, situada com casa e igreja sobre uma ribanceira alta, de terra preta, por cujo pé corre o belo rio dos Urubus, que desce por meandros do sertão. Tinha ao redor de si umas cinco ou seis aldeias. algumas delas além do rio, em campinas e terras baixas pouco férteis* (Bettendorff).

TROCANOS

Em 1662, *os instrumentos com que [os Omagua] fazem suas festas, sacrificios e bailes são e uns tambores de pau cavado por dentro, por ser o buraco pequeno, e com uns paus cobertos de resina os tocam como atabales que se ouvem muito longe* (Heriarte).

Em 1691, no r. Urubu, *percebendo os habitantes a chegada de alguma canoa grande, que comumente é de brancos, ou de muitas pequenas, como usam os índios, dão logo sinal em uma caixa com um certo número de pancadas pelas quais se entende logo na aldeia vizinha a qualidade e quantidade das Canoas que vêm* (Bettendorff).

URUCU

v. Corantes com valor de troca

USCIUMATA

v. Hierarquia social

YUPURÁ (= japurá)

Uma massa branda, negra e de ingratíssimo cheiro, feita de certas frutas chamadas yupurá (assim também pronunciam os índios o nome do rio) depois de corruptas, a qual comem com o seu pão, ou beiju, e com tudo o que lhes parece (Noronha).

FONTES PRIMÁRIAS

- ACUÑA, Cristóbal de [1639] — *Nuevo descubrimiento del gran rio de las Amazonas*, em C. MENDES DE ALMEIDA, *Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão*. Rio de Janeiro, 1874, II: 57-143 (texto declarado conforme a 1ª. ed., Madri 1641). Versão bras. de C. de Melo-Leitão em CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA, *Descobrimientos do Rio das Amazonas*, São Paulo, 1941, pp. 125-294.
- AGOSTINHO DE S. MARIA, frei [1722] — *Santuário Mariano*, vol. IX. Citado em Hugo FRAGOSO, “Os aldeamentos franciscanos do Grão-Pará” em E. HOORNAERT (org.), *Das reduções latino-americanas às lutas indígenas atuais*. São Paulo, 1982, pp. 119-160.
- AGUILAR Y CÓRDOBA, Diego de [1578] — *Marañon*, em M. JIMÉNEZ DE LA ESPADA (ed.) *Relaciones geográficas de Indias. Peru*. Madri, 1965, III: 237-239. Versão bras. em A. PORRO, *As crônicas do rio Amazonas*, Petrópolis, 1993, pp. 78-80.
- ALTAMIRANO, Capitão [1561 ?] — (Relação), em A. VAZQUEZ DE ESPINOSA, *Compendio y descripción de las Indias Occidentales* [ca. 1615], Washington 1948, pp. 381-393. Versão bras. de trechos em A. PORRO, *As crônicas do rio Amazonas*, Petrópolis, 1993, pp. 96-104.
- BERREDO, Bernardo P. de [1749] — *Annaes Históricas do Estado do Maranhão* — 3ª. ed., Florença, 1905.
- BETTENDORFF, João Filipe [1698] — *Chronica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*, em *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, 1910, 72(1): 1-697. Publicado também, no mesmo ano e com mesmos tipos, por Livraria J. Leite, Rio de Janeiro.
- BRAUM, João Vasco Manoel de [1789] — *Descrição chorographica do Estado do Gram-Pará*, em *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, 1873, 36(1): 269-322.

- CARVAJAL, Gaspar de [1542] — *Relación*. a) Versão Medina: *Descubrimiento del Rio de las Amazonas*. Introd. de J.T. Medina. Sevilha, 1894. Versão bras. de C. de Melo Leitão em CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA, *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. São Paulo, 1941, pp. 11-79. b) Versão Oviedo: *Relación del ... rio llamado el Marañon*, em Gonzalo Fernández de OVIEDO Y VALDÉS, *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra firme del mar Oceano*, Madrí, 1851-55, Parte III, libro XII, cap. 10. Versão bras. de trechos em A. PORRO, *As crônicas do rio Amazonas*. Petrópolis, 1993, pp. 36-73
- CARVALHO, Jacinto de [1719] — (Relação) em A.PORRO, “A Relação de Jacinto de Carvalho (1719), um texto inédito de etnografia amazônica” *Revista do IEB — Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, 2007, no prelo.
- CASAL, Manoel Aires de [1817] — *Corografia Brazílica*. Rio de Janeiro, 1817. Ed. fac-similar: 2 vols., Rio de Janeiro, 1945-47.
- CHANTRE Y HERRERA, José [pós-1767] — *Historia de las misiones de la Compañía de Jesus en el Marañon español. 1637-1767*. Madrí, 1901.
- CRUZ, Laureano de la [1653] — *Nuevo descubrimiento del rio de Marañon llamado de las Amazonas, hecho por la religión de San Francisco, año de 1651*. 3ª. ed., Madrí, 1900 (separata de *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*). Versão bras. de trechos em A.PORRO, *As crônicas do rio Amazonas*. Petrópolis, 1993, pp. 129-154.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues [1786-87] — *Diário da viagem philosophica pela Capitania de São José do Rio Negro*, em *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, 1885-1888, vols. 48-51. Ed. facsimilar: *Viagem filosófica ao Rio Negro*. s.l. (Museu Paraense Emilio Goeldi), s.d. (1983).
- [1783-1792] — *Viagem filosófica pelas capitánias do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Memórias, Antropologia*. Rio de Janeiro, 1974.
- FONSECA, José Gonçalves da [1749] — *Navegação feita da cidade do Gram-Pará até a boca do Rio da Madeira ... no anno de 1749*, em C. MENDES DE ALMEIDA, *Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão*. Rio de Janeiro, 1874, II: 269-317.
- FRITZ, Samuel [1686-1723] — *Diário*, em Anônimo (P. MARONI), *Notícias auténticas del famoso Rio Marañon [1738]*. *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*, 1889-1892, XXVI-XXXIII ; 2ª.

ed.: P.MARONI, *Notícias autênticas, etc.* Introd. e notas de J.-P. Chaumeil. Iquitos (Peru), 1988. 565 pp (“Monumenta Amazonica”). Versão bras de trechos, em A.PORRO, *As crônicas do rio Amazonas*. Petrópolis, 1993, pp. 158-202.

FRITZ, Samuel [1691] — *Mapa geographica del Rio Marañon ó Amazonas ... año de 1691*. Mapa manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris, reproduzido no Atlas do Barão do Rio Branco (PARANHOS, José Maria da Silva): *Atlas contenant um choix de cartes antérieures au traité conclu à Utrecht le 11 Avril 1713 entre le Portugal et la France*, em *Mémoire présentée par les États Unis du Brésil au Gouvernement de la Confédération Suisse, I Mémoire du Brésil*, 1899, t. VI, No. 86-A e 86-B.

HERIARTE, Mauricio de [1662] — *Descrição do Estado do Maranhão, Pará, Corupá e Rio das Amazonas*, em F.A.VARNHAGEN, *História geral do Brasil*, 8ª. ed., São Paulo 1975, III: 171-190 (Seção xxxiv, nota ii). É cópia da 1ª. ed., Viena 1874, feita também por Varnhagen a partir do manuscrito, do qual há ed. fac-similar, Graz 1964, 139 pp.

GANDAVO, Pero de Magalhães [ca. 1570] — *Tratado da terra do Brasil. História da província de Santa Cruz*. Rio de Janeiro, 1924.

GASCA, Pedro de [1549-1550] — Cartas ao Conselho das Índias), em M. JIMÉNEZ DE LA ESPADA, “*La jornada de Alonso de Mercadillo a los indios, etc*”..., *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*, XXXVII: 197-237. Madri, 1895 — Versão bras. de trechos em A. PORRO, *As crônicas do rio Amazonas*. Petrópolis, 1993, pp. 77-78.

JOÃO DANIEL [1757-1767] — *Tesouro descoberto no rio Amazonas. (Separata dos Anais da Biblioteca Nacional)*, Rio de Janeiro, ano 1975, vol. 95 (1-2), 1976. 2ª. ed.: *Tesouro descoberto no máximo rio Amazonas*. 2 vols. Rio de Janeiro / Belém, 2004.

LA CONDAMINE, Ch.-Marie de [1743] — *Viagem na América Meridional descendo o rio Amazonas*. Trad. de C. JUCÁ Filho. Rio de Janeiro, 1944 (Original: *Rélation abrégée d'un voyage dans l'intérieur de l'Amérique Meridionale*. Paris, 1745).

MARONI, P. — Vide FRITZ, *Diário*.

MONGUIA, Pedro de [1561 ?] — *Relación breve ... de la jornada del gobernador Pedro de Orsua*, em *Colección de documentos inéditos ... de America y Oceania*, Madri, Colección del Archivo de Indias,

- 1865, IV: 191-215. Versão bras. de trechos em A. PORRO, *As crônicas do rio Amazonas*. Petrópolis, 1993, pp. 108-109
- MORAIS, José de [1759] — *História da Companhia de Jesus da extinta Província do Maranhão e Pará*, em C. MENDES DE ALMEIDA, *Memórias para a história do extinto Estado do Maranhão*. Rio de Janeiro, 1860, I: 1-550.
- NORONHA, José Monteiro de [1768] — *Roteiro da viagem da cidade do Pará até as últimas colonias do sertão da Província*. Belém, 1862. Nova ed. anotada por A. Porro, São Paulo, no prelo.
- NUNES, Diogo [ca. 1522] — *Apontamento do que V.A. quer saber em História da colonização portuguesa no Brasil*. Porto 1921-24, III: 367-368. Também em C. DRUMMOND, “A carta de Diogo Nunes e a migração dos Tupi-Guarani para o Peru” *Revista de História*, São Paulo, 1950, I (1): 95-102.
- ORTIGUERA, Toribio de [ca. 1581] — “Jornada del Rio Marañón”, em M. SERRANO Y SANZ (ed), *Historiadores de Indias*. 2ª. ed. Madrí, 1968, pp. 217-238 (Col. “Biblioteca de Autores Españoles” 216).
- QUEIRÓS, João de São José [1762-63] — *Viagem e visita do sertão em o bispado do Gram-Pará em 1762 e 1763*, em *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro 1847 (2ª ed. 1869), 9: 43-107; 179-227; 328-375; 476-527
- RODRIGUES, Bartolomeu [1714] — *Carta do Padre Bartolomeu Rodrigues ao Padre Jacinto de Carvalho sobre as terras, rios e gentios do rio Madeira e outros do baixo Amazonas, da missão de Guaicurupá dos Tupinambaranas, 2 de Maio de 1714*, em A.J. de MELO MORAIS, *Corographia historica, chronografica, genealogica, nobiliaria e politica do Imperio do Brasil*, Rio de Janeiro, 1859-1863, IV: 361-372.
- ROJAS, Alonso de [1638] — *Descubrimiento del rio de las Amazonas y sus dilatadas provincias*, em M. JIMÉNEZ DE LA ESPADA, “Viaje del capitán Pedro Texeira aguas arriba del rio de las Amazonas (1638-1639)” *Boletín de la Sociedad Geográfica de Madrid*, Madrí, 1882, XIII: 422-447. Versão bras. de C. de Melo-Leitão em CARVAJAL, ROJAS, ACUÑA, *Descobrimientos do Rio das Amazonas*. São Paulo, 1941, pp. 81-124.
- SAMPAIO, Francisco Xavier Ribeiro de [1774-1775] — *Diario da viagem ... da Capitania de S. Jozé do Rio Negro* (1ª. ed. Lisboa

- 1825) e *Relação geographica e historica do Rio Branco* (1ª ed. em *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, 13, Rio de Janeiro 1850). Ed. facsimilar em *As viagens do ouvidor Sampaio*. Manaus, 1985, pp. 13-119 e 175-243.
- SÃO MANÇOS, Frei Francisco de [1728] — *Relação que Frei Francisco de S.Manços, religioso da provincia da Piedade e missionário na aldeia de Nhamondás, faz ao Rei da sua viagem pelo rio das Trombetas, praticando o gentio e rendendo-o à vassalagem de Sua Real Majestade. 6 de Janeiro de 1728*, em J. Nabuco de ARAUJO, *Limites entre le Brésil et la Guyane Anglaise. Annexes du Premier Mémoire du Brésil*, 1903, I: 39-48.
- SOUSA, André Fernandes de [ca. 1793-1828] — *Notícias geográficas da Capitania do Rio Negro*, em *Rev. Inst. Hist. Geo. Bras.*, Rio de Janeiro, 1848, 10: 411-504.
- SPIX, J. B. von e MARTIUS, C. F. Ph. von [1819-20] — *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Trad. de L.F. Lahmeyer. 3ª. ed., São Paulo, 1976, vol. 3.
- TEIXEIRA, Pedro [1639] — *Relación del General Pedro Tejeira de el rio de las Amazonas para el Sr. Presidente*, em J. CORTEZÃO, “O significado da expedição de Pedro Teixeira à luz de novos documentos”. *Anais do IV Congresso de História Nacional*, Rio de Janeiro, 1950, III: 173-204. Versão bras. em A.PORRO, *As crônicas do rio Amazonas*, Petrópolis, 1993, pp. 120-125
- VASQUEZ, Francisco [1561 ?] — *Relación verdadera de todo lo que sucedió en la jornada de Omagua y Dorado*, em M. SERRANO Y SANZ (ed.), *Historiadores de Indias*. Madrí, 1909, II: 421-484. Nova ed. com as variantes do Ms. Pedrarias de Alместo, Madrí, 1986. Versão bras. de trechos da ed. 1909 em A.PORRO, *As crônicas do rio Amazonas*. Petrópolis, 1993, pp. 85-96.
- WILCKENS, Henrique João [1781] — *Diário da viagem ao Japurá*, em M.R. AMOROSO e N. FARAGE (orgs.), *Relatos da fronteira amazônica no século XVIII*. São Paulo, 1994
- ZUÑIGA, Gonzalo de [1561 ?] — *Relación*, em *Colección de documentos inéditos... de América y Oceania*. Madrí, Colección del Archivo de Indias, 1865, IV: 215-282. Versão bras. de trechos em A.PORRO, *As crônicas do rio Amazonas*. Petrópolis, 1993, pp. 104-107.



Este Dicionário é resultado da trajetória de pesquisa de seu autor. Seu formato foi desenvolvido no âmbito do programa de pós-doutoramento do IEB entre 2004 e 2006. Sua publicação, além da relevância do conteúdo, marca mais uma etapa da reafirmação do compromisso do IEB com a produção e difusão do conhecimento, sempre em perspectiva multidisciplinar, sobre a sociedade brasileira.

Ana Lúcia Duarte Lanna

